



UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física

VANIA HERNANDES DE SOUZA

**EXPATRIAÇÃO DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO NA PERSPECTIVA DO
MODELO TEMPORAL DE TRANSIÇÃO CULTURAL: UM ESTUDO DE CASO NO
BASQUETEBOL FEMININO**

SÃO PAULO

2023

VANIA HERNANDES DE SOUZA

**EXPATRIAÇÃO DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO NA PERSPECTIVA DO
MODELO TEMPORAL DE TRANSIÇÃO CULTURAL: UM ESTUDO DE CASO NO
BASQUETEBOL FEMININO**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Educação Física da Universidade
São Judas Tadeu como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor em Educação Física

Orientador: Prof. Dr. Maria Regina Ferreira Brandão

SÃO PAULO

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Universidade
São Judas Tadeu

Bibliotecária: Marieta Rodrigues Brechet - CRB 8/10384

Souza, Vania Hernandes de.

S719e Expatriação de atletas de alto rendimento na perspectiva do modelo temporal de transição cultural: um estudo de caso no basquetebol feminino. / Vania Hernandes de Sousa. - São Paulo, 2023.

f. 175: il.; 30 cm.

Orientadora: Maria Regina Ferreira Brandão.

Tese (doutorado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2023.

FICHA DE APROVAÇÃO

Tese de Doutorado do (a) **Vania Hernandes de Souza**, intitulada “**Expatriação de atletas de alto rendimento na perspectiva do modelo temporal de transição cultural: um estudo de caso no basquetebol feminino**”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu, na área de concentração **Escola, Esporte, Atividade Física e Saúde**. Os membros da Banca Examinadora consideraram o (a) candidato (a) aprovado (a). Data:

Banca examinadora

Professora Doutora Maria Regina Ferreira Brandão - Universidade São Judas Tadeu
20/03/2023

Professora Doutora Larissa Rafaela Galatti - Universidade Estadual de Campinas -20/03/2023

Professora Doutora Juliane Maria Jellmayer Fecho - Universidade Federal do Paraná-
20/03/2023

Professora Doutora Gisele Maria da Silva - Universidade São Judas Tadeu - 20/03/2023

Professora Doutora Sandra Regina Mota Ortiz - Universidade São Judas Tadeu - 20/03/2023

FICHA DE APROVAÇÃO - EDIÇÃO REVISADA

Eu, Prof.^a. Dr.^a. Maria Regina Ferreira Brandão, orientadora do trabalho realizado por Vania Hernandes de Souza, declaro que a edição revisada desta tese cumpre os requisitos exigidos pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física.

Profa. Dra. Maria Regina Ferreira Brandão, orientadora.

Universidade São Judas Tadeu

“Dedico esse trabalho aos meus pais Roberto e Leonor (in memoriam), com todo o meu, respeito, amor e gratidão

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que contribuíram para o sucesso dessa valiosa jornada acadêmica, em especial:

A minha querida orientadora e amiga Prof.^a Dr.^a Maria Regina Ferreira Brandão, por oportunizar o ingresso no programa de doutorado, pela paciência e orientações e por confiar na minha capacidade de realização;

A querida Helen, por aceitar participar da pesquisa com total envolvimento e comprometimento, pela paciência em responder cada pergunta e pelo muito que representou e representa para o basquetebol feminino do Brasil. Gratidão sempre;

A minha super companheira de doutorado Mariana Freitas, pela parceria, que se transformou em laços permanentes de amizade, pela ajuda ao longo dos 4 anos do programa, pelas conversas, por me acalmar, ajudar e transmitir confiança. Te amo;

Ao meu amigo/irmão João Amorim, que resistiu às nossas mudanças, ao tempo e a distância, que nunca mediu esforços para me ajudar a concluir esse trabalho e foi a minha luz no fim do túnel. Te amo;

À querida Marina Gusson, que me abraçou com as suas palavras e me deu força com o seu apoio incondicional. Gratidão, admiração, amizade e carinho;

À minha amada irmã Vanira, por entender o motivo da minha ansiedade, irritação e ausência, por cuidar do Petit todas às vezes que precisei me ausentar para ir à Universidade estudar, por ser a minha companheira de vida e de jornada e por ser o meu tudo. Te amo;

Ao meu amigo João Paulo, por me incentivar, acreditar e me encorajar nos momentos de desânimo e incertezas. Te amo;

Aos meus inseparáveis e eternos amigos Nil, Jaque e Emerson, por cuidarem de mim e se preocuparem com o meu bem-estar, tornando os meus dias mais leves. Amo vocês;

Ao meu coordenador e amigo Roberto Vazatta, por me dispensar das aulas para eu estudar, por chorar comigo e me abraçar com o seu coração todas às vezes que eu duvidei que conseguiria. Te amo;

Aos fantásticos e amados amigos do grupo de Educação Física do Colégio Uirapuru, Luciana, Brito, Leon, Francisco, tio Gê, Giovana, Vitor e Crisalida, pelo carinho e apoio. Amo muito;

Ao professor Ronaldo Contó (Cebola) parceiro de jornada, lutas e desafios, pela paciência, por me aconselhar, por cuidar de mim e me inspirar. Te amo;

À querida amiga Maura Bolfer, pelo carinho, apoio, preocupação e palavras de sabedoria e força. Gratidão;

A querida Gabriela Traversim que desde a qualificação me ajudou na formatação da tese, com paciência, atenção e muita competência. Gratidão;

Aos professores da Universidade São Judas Tadeu, pelo empenho e por transmitir conhecimento. Gratidão;

E, aos componentes da minha banca de defesa, professoras Dra. Larissa Galatti, Dra. Juliane, Dra. Gisele e Dra. Sandra, pelas correções, sugestões e posicionamentos, que muito contribuíram para a busca da excelência nesse trabalho.

RESUMO

No esporte contemporâneo é comum que atletas de diferentes modalidades esportivas migrem, ao longo de sua carreira, para outros países com o objetivo de alcançar um melhor desempenho esportivo, status social e financeiro, dentre outros. Entretanto, a migração internacional é um processo complexo, que envolve adaptações de vários tipos que afetam o próprio expatriado e sua família. Um dos modelos teóricos que tem sido utilizado para se compreender o processo de migração internacional de atletas é o Modelo Temporal de Transição Cultural, que postula que o processo de transição cultural deve ser investigado por meio de três fases temporais, sendo que, para cada fase há desafios e tarefas específicas: a primeira fase, denominada pré-transição, é o momento em que ocorre, ou deveria ocorrer, uma mobilização física e mental do atleta para enfrentar os desafios de uma futura transição; a segunda fase, adaptação cultural aguda, ocorre já no país de destino, e demanda a busca pelo entendimento e o ajuste à nova cultura, e requer do atleta uma adaptação psicológica e comportamental a esse novo contexto, contato e interação com o novo clube, companheiros de equipe etc. E, por fim, a terceira fase, adaptação sociocultural, ocorre quando há um ajustamento tal ao novo contexto que proporciona um sentimento de pertencimento e a criação de uma nova realidade. O objetivo deste estudo foi investigar o processo de expatriação internacional, na perspectiva do Modelo Temporal de Transição Cultural, de uma atleta de basquetebol de alto rendimento, que vivenciou o processo de migração internacional, para jogar por clubes, e que também passou pelo processo de repatriação. A atleta foi entrevistada de forma individual, presencial, utilizando-se um roteiro de perguntas semiestruturadas. Como ponto de partida da investigação, para descrever o processo de migração internacional da atleta, e ilustrar todas as passagens pelos países que transitou, bem como o tempo de duração de cada transição e o tempo entre uma transição e outra, foi elaborada a *Timeline* (linha do tempo). Posteriormente, os dados da entrevista foram analisados de acordo com os parâmetros do Modelo Temporal de Transição Cultural, de forma a se compreender as características, conteúdo, narrativas e os aspectos psicológicos subjacentes às experiências subjetivas, expressos por seus desejos, propósitos, planos e ideais, expectativas e medos. Apesar de um crescente corpo de literatura examinando as experiências transnacionais de atletas, pouca atenção tem sido dada à experiência de retorno ao país de origem, processo conhecido como repatriação. Assim, essa tese buscou também explorar o processo de repatriação da atleta e seus desafios. Os relatos mostraram, dentro dos parâmetros do Método Temporal de Transição Cultural, que a atleta, em função de suas características pessoais, soube superar os desafios encontrados e fazer a transição cultural, apesar das características locais tanto na expatriação quanto na repatriação.

Palavras-chave: Basquetebol. Migração internacional. Atleta de alto rendimento. Expatriação. Repatriação. Psicologia intercultural.

ABSTRACT

In contemporary sports, it is common that athletes of different modalities migrate to other countries, through their careers, in order to achieve a better professional, social and financial performance. However, international migration is a complex process, that affects the own expatriate and his/her family. One of the theoretical models used to understand the athletes international migration process is the Cultural Transition Model, which postulates that the cultural transitional process must be studied through three temporal stages, and to each stage there are specific challenges and tasks: the first stage, named pre-transitional, refers to the moment where occurs, or should occur, a physical and mental mobilization from the athlete to face the challenges of the future transition; the second stage, acute cultural adaptation, happens in the destination country, and demands the search for understanding and adjusting to the new culture, demanding from the athlete a psychological and behavioral adaptation to this new context, interaction and contact with the new team, teammates etc. The third stage, sociocultural adaptation, happens when such an adjustment to the new context occurs that generates a feeling of belonging and the creation of a new reality. The goal of this study was to investigate the international expatriation process, in the perspective of the Cultural Transition Model, of basketball athlete, of higher performance, that lived the international migration process, to play for teams abroad, and passes through the repatriation process. The athlete was interviewed individually and in person, using a semi structured script of questions. As a departing point of the research, to describe the international migration process of the athlete, and to illustrate all the countries, which has passed, and the duration of each stay, a Timeline was made. After that, the data were analyzed by the parameters of the Cultural Transition Model, in a way to understand the characteristics, narratives, matter and the psychological aspects subjacent to the personal experiences, by his/her desires, goals, plans, ideas, expectations and fears. Despite the growing body of literature studied, examining the transnational experiences of athletes, little attention has been given to the return to the origin country, known as repatriation process. Therefore, this work aimed also to explore the repatriation process of the athlete and its challenges. The results shown, through the parameters of the Cultural Transition Method, that the athlete, by his/her own personal characteristics, managed to overcome the challenges faced and to proceed to the cultural transition, despite the local characteristics both in the expatriation and repatriation processes.

Keywords: Basketball. International Migration. High performance Athlete. Expatriation. Repatriation. Intercultural Psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura 1. Modelo Temporal de Transição Cultural.....</i>	<i>36</i>
<i>Fotografia 1. Helen Luz.....</i>	<i>45</i>
<i>Fotografia 2. Jundiaí.....</i>	<i>51</i>
<i>Fotografia 3. Helen Luz.....</i>	<i>52</i>
<i>Fotografia 4. Washington Mystics.....</i>	<i>55</i>
<i>Figura 2. Timeline.....</i>	<i>57</i>
<i>Figura 3. Fase de Pré transição.....</i>	<i>64</i>
<i>Figura 4. Fase de adaptação cultural aguda – 1ª e 2ª expatriação – Washington Mystics.....</i>	<i>76</i>
<i>Figura 5. Fase de adaptação cultural aguda – 3ª expatriação – Zaragoza – Filtros Mann.....</i>	<i>77</i>
<i>Figura 6. Fase de adaptação cultural aguda – 4ª expatriação – Novosibirsk – Dínamo Energia.....</i>	<i>78</i>
<i>Figura 7. Fase de adaptação cultural aguda – 5ª e 6ª expatriação – Barcelona - Barcelona.....</i>	<i>79</i>
<i>Figura 8. Fase de adaptação cultural aguda – 7ª expatriação – Madrid – Rivas Vaciamadrid....</i>	<i>80</i>
<i>Figura 9. Fase de adaptação cultural aguda – 8ª expatriação – La Seu D’Urgell - Cadi La Seu.....</i>	<i>81</i>
<i>Figura 10. Fase de adaptação cultural aguda – 9ª e 10ª expatriação – Hondarribia – Hondarribia-Irundarribia-Irun.....</i>	<i>82</i>
<i>Figura 11. Fase de adaptação sociocultural.....</i>	<i>112</i>

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	14
1.1 Definição do problema	14
1.2 Objetivos.....	19
1.2.1 Objetivo geral.....	19
1.2.2 Objetivos Específicos	19
1.3 Justificativa	19
CAPÍTULO II – MARCO TEÓRICO	24
2.1 O fenômeno esporte e a globalização	24
2.2 Expatriação: conceito e primeiras investigações	26
2.3 A origem dos estudos voltados à psicologia do esporte cultural, principais pesquisas e sua evolução.....	28
2.4 A mudança nos padrões de migração, mobilidade, transnacionalismo e fatores psicológicos.....	30
2.5 Repatriação de atletas	32
2.6 Modelo temporal de transição cultural.....	35
2.6.1 Fase de pré-adaptação (pré-transitória).....	37
2.6.2 Fase de adaptação cultural aguda (ACA).....	37
2.6.3 Fase de adaptação sociocultural	39
CAPÍTULO III – MÉTODO	40
3.1 Paradigma norteador da pesquisa	40
3.2 Participante	41
3.3 Local das entrevistas	42
3.4 Procedimentos	42
3.5 Instrumentos	43
3.6 Análise das entrevistas	44
CAPÍTULO IV – RESULTADOS	44
4.1 Biografia Helen Luz.....	45
4.1.1 Vida Pessoal.....	46
4.1.2 Trajetória esportiva.....	47
4.1.3 Iniciação no basquetebol	49
4.1.4 Desenvolvimento da Carreira	51
4.1.5 Migração internacional	54

4.1.6 Término da carreira como atleta de alto rendimento	61
4.1.7 Modelo Temporal de Transição Cultural.....	63
4.1.7.1 Fase de pré-transição: principais características.....	63
4.1.7.2 Fase de adaptação cultural aguda: principais características.....	75
4.1.8 Relatos sobre a Repatriação	127
CAPÍTULO V – DISCUSSÃO	132
5.1 Fase de pré-transição.....	133
5.1.1 Fase de adaptação cultural aguda	136
5.1.2 Fase de adaptação sociocultural	143
5.1.3 Repercussão psicológica	144
5.1.4 Repatriação	147
CAPÍTULO VI – CONCLUSÃO	149
6.1 Implicações para o modelo temporal de transição cultural.....	151
REFERÊNCIAS.....	152
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido assinado.....	165
APÊNDICE B - Termo uso de imagem.....	167
Anexo 1: Termo de consentimento livre e esclarecido	168
Anexo 2: Autorização do uso de imagem.....	171
Anexo 3: Dados biográficos da atleta.....	172
Anexo 4: Roteiro de entrevista com a atleta.....	173

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1.1 Definição do problema

A migração internacional de atletas de alto rendimento é uma característica do esporte contemporâneo e alcançou proporções globais devido ao grande número de atletas de diferentes modalidades esportivas buscando o desenvolvimento de carreira nas ligas esportivas espalhadas pelo mundo, tornando assim, o esporte global e transnacional (Ryba et al., 2017; Ely, & Ronkainen, 2021).

Exemplos dessa constatação podem ser observados no plantel principal de jogadores de determinadas equipes de futebol masculino europeias no ano de 2020, ilustrados no site oficial do Sport Lisboa Benfica de Portugal e do Paris Saint Germain da França. A equipe do Benfica conta com jogadores de 10 países diferentes (Alemanha, Argentina, Bélgica, Brasil, Espanha, Grécia, Marrocos, Sérvia e Suíça). A do Paris Saint Germain da França inclui 12 países (Argentina, Alemanha, Bélgica, Brasil, Camarões, Costa Rica, Espanha, Holanda, Itália, Polônia, Senegal e Uruguai). Já na temporada de 2021, a equipe do Futebol Clube Barcelona da Espanha é formada por jogadores de 12 países (Argentina, Alemanha, Bósnia-Herzegovina, Brasil, Camarões, Dinamarca, França, Guiné-Bissau, Holanda, Portugal, República Dominicana e Uruguai).

Tal fato se repete em outras modalidades esportivas, aumentando mundialmente a migração no esporte de elite (Ryba, Schinke, Stambulova, & Elbe, 2017), como o handebol, o voleibol e o basquetebol. No caso do handebol feminino, visando os jogos Olímpicos de Tóquio 2022, a equipe do Brasil iniciou seu ciclo olímpico convocando 13 atletas que atuavam no continente europeu para o III Torneio Quatro Nações realizado em 2017, e no ano de 2020 a Hungria teve a sua equipe formada por jogadoras de 4 países (Brasil, Dinamarca, Noruega República e Checa). No mesmo ano, a equipe de voleibol masculino do Trentino da Itália, tinha na sua formação principal jogadores de 4 países diferentes (Brasil, Cuba, Holanda e Sérvia).

Ainda, em relação a migração internacional de atletas brasileiros, um relatório produzido pela Diretoria de Registro, Transferência e Licenciamento da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), mostrou que no ano de 2019 o Brasil contabilizou a saída de 1.464 jogadores para o mundo. Portugal foi o principal destino dos jogadores, mas em um ranking dos top 10 países de saída foram negociados jogadores profissionais para a Arábia Saudita, Japão, Malta, Ucrânia, México, Coreia do Sul, Espanha, China e Bulgária.

O basquetebol é outra modalidade esportiva com atletas migrando para jogar nas principais ligas espalhadas pelo mundo, entre elas a liga norte-americana masculina, a NBA (*National Basketball Association*), que muito provavelmente é a liga mais globalizada do mundo, a liga feminina (WNBA) *Women's National Basketball Association* e a Euroliga, também conhecida como *Turkish Airlines Euroleague*.

De acordo com uma publicação no ano de 2019, na oitava edição do Relatório de Migração Internacional do Basquetebol sobre as transferências internacionais, realizada pelo *International Centre for Sports Studies*. (CIES) em parceria com a Federação Internacional de Basquete (FIBA), na temporada 2018-2019, um total de 8.690 transferências foram registradas e envolveram 6.882 jogadores. Apenas na liga NBA nas temporadas de 2016/2017 foram inscritos 113 jogadores de 42 países diferentes, incluindo o Brasil, representado por 9 atletas e na temporada de 2018/2019, jogaram na liga 108 jogadores, representando 38 países.

Os dados ainda apontam que o nível dos jogadores estrangeiros dentro das ligas nacionais e a diversidade de nacionalidades permanece elevado, visto que 6 em cada 16 ligas têm mais jogadores estrangeiros do que nacionais. E, por último, a edição enfatiza que o basquete é um esporte global, envolvido por 213 Federações Nacionais e milhões de atletas registrados em todo o mundo (CIES, 2019).

Em relação ao basquetebol feminino brasileiro, objeto desse estudo, ressalta-se, que não há dados oficiais sobre o número de atletas que anualmente migram para jogar nas principais ligas ou equipes espalhadas pelo mundo, tampouco quando ou qual atleta migrou internacionalmente pela primeira vez, para defender equipes no exterior antes das possibilidades e oportunidades provenientes da globalização no esporte. Entretanto, em 1981, ano em que a equipe do Clube de Regatas Higienópolis, da cidade de Catanduva-SP, o qual fez parte, participou da primeira edição do Campeonato Sul-Americano de clubes, na cidade de Lima-Peru, a atleta Hortência de Fatima Marcari, foi convidada para jogar um torneio por uma equipe da cidade de Arequipa e por lá permaneceu por três meses.

Alguns anos depois, em 1989, período em que também não era uma prática entre as atletas do basquetebol feminino atuarem por equipes do exterior, outra renomada atleta do basquetebol feminino Maria Paula Gonçalves da Silva, a Magic Paula, foi jogar na equipe espanhola do Tintoretto e no ano de 1991 Hortência voltou a migrar internacionalmente ao ser convidada para atuar na equipe italiana Enicken Priollo.

A fundação da liga feminina WNBA no ano de 1996, criou possibilidades para que atletas brasileiras migrassem internacionalmente e foi na sua primeira edição, no ano de 1997, que Janeth dos Santos Arcain se tornou a primeira brasileira a disputar a temporada

regular da liga pela equipe do Houston Comets. A partir de então, de acordo com o site “Esportuto”, até o ano de 2021, 13 atletas brasileiras já atuaram na liga norte-americana.

Outras ligas femininas, tais como a liga esportiva universitária americana *National Collegiate Athletic Association* (NCAA) e a Europeia também recebem jogadoras brasileiras, mas até o momento, não foi possível encontrar dados exatos de quantas atletas atuaram ou atuam nessas ligas.

Dessa forma, considerando o crescente número de atletas migrantes, o tema despertou a atenção do contexto acadêmico (Schwartz, Unger, Zamboanga, & Szapocznik, 2010), especialmente na perspectiva da Psicologia do Esporte Cultural (Schinke, Blodgett, Ryba, & Middleton, 2019), cujas pesquisas são direcionadas para as vias de adaptação ou aculturação de atletas nos diferentes países anfitriões (Wylleman, Alfermann, & Lavallee, 2004), a relação entre fatores psicológicos e culturais, (McGannon & Smith, 2015; Ryba, Schinke, Stambulova, & Elbe, 2017), identificar os desafios que os atletas experimentam dentro e fora do contexto esportivo ao fazer a transição para novos ambientes em um determinado local cultural (Ryba, Elbe, & Darpatova-Hruzewicz, 2020), as experiências migratórias dos atletas (Samuel, Eldadi, Galily, & Tenenbaum, 2021), identificar e sintetizar os fatores facilitadores da transição cultural em esportistas migrantes e conhecer como os atletas de alto rendimento vivenciam a migração esportiva (Prato, Ramis e Torregrossa, 2021).

No Brasil, apesar de o futebol exportar muitos atletas, sendo que a primeira ida para o futebol europeu de um brasileiro aconteceu em 1925, ano em que Paulo Innocenti trocou o Clube Atlético Paulistano pelo Virtus Bologna da Itália, há aproximadamente 100 anos, não havia estudos científicos sobre a migração internacional de atletas na psicologia do esporte (Brandão, Magnani, Tega, & Medina, 2013). Mas foi a própria modalidade esportiva futebol que alavancou os estudos sobre a temática, entre eles, o de Brandão & Vieira (2013), cuja investigação foi direcionada à mudança para outro país na perspectiva sociocultural, a de (Brandão et al., 2013), que buscou descrever o processo de expatriação internacional dos jogadores, analisar as dificuldades no processo de adaptação, fazer uma análise da psicologia intercultural como uma promissora perspectiva para o futebol e mostrar os estudos interculturais no futebol feitos no Brasil e o de (Pisani, 2014) sobre a migração internacional de mulheres jogadoras de futebol, suas motivações, a busca de oportunidade educacional e de emprego, a experiência cultural, os ganhos financeiros e a adaptação em um novo país.

Outras modalidades esportivas também foram foco da investigação. Entre elas o handebol, cujo estudo de caso analisou a migração atlética e a aculturação num país culturalmente diverso e suas consequências, (Lofredo, 2018) e o voleibol, que de acordo com a

Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), desde o ano de 2015 é a segunda modalidade esportiva que mais expatria jogadores. As pesquisas envolvendo a modalidade discorrem sobre análise do discurso de atletas e treinadores de voleibol de alto rendimento sobre o processo de migração (Pontes, de Vasconcellos Ribeiro, Garcia, & Pereira, 2018), os motivos e intenções para a expatriação de voleibolistas (Tertuliano, Machado, Deutsch, Montiel, & Bartholomeu, 2018) e a análise do processo de naturalização no voleibol brasileiro (de Vasconcellos Ribeiro et al., 2020).

Estudos direcionados à compreensão do impacto que o processo de adaptação pode causar aos atletas e como eles lidam com a nova realidade para conseguir se adaptar (Fagnani, et al., 2016), o mapeamento do processo de adaptação cultural à luz do Modelo Temporal de Transição Cultural, (Magnani, 2018) e os aspectos psicológicos envolvidos no processo de expatriação de atletas (Agergaard & Ryba, 2014; Souza, Miranda, Correa, Junior, & Brandão, 2021), também buscaram se aprofundar sobre a temática.

De acordo com (Agergaard & Ryba, 2014), a migração atlética internacional pode ser entendida como um processo de transição de carreira, que “inicia com um evento de mudança que compromete o status quo atual de um atleta” (Samuel, et al., 2021, p. 6) e resulta na mudança de percepção sobre si e acerca do mundo, culminando com mudanças equivalentes no comportamento e relacionamentos, (Schlossberg, 1981). Igualmente, as experiências vividas ao longo desse processo são definidas como uma mudança cultural e psicológica, em identidade, práticas e valores resultantes do contato regular e exclusivo entre pessoas de diferentes grupos sociais (Schwartz et al., 2010).

Desse modo, observa-se que, para o atleta expatriado, tais mudanças podem ser consideradas complexas e implicam desafios tanto a nível esportivo quanto a nível psicológico, social e cultural (Meisterjahn & Wrisberg, 2013), por envolver não apenas o desafio de morar em um novo país e se adaptar a uma nova cultura, que pode diferir em termos de alimentação, idioma, clima, fuso horário, costumes, crenças, mas também de conviver e se adaptar a uma nova equipe, a um treinador desconhecido (Yukelson & Carlson, 1996) e ao nível elevado de competição e expectativas de desempenho da equipe (Hanton, Fletcher, & Coughlan, 2005).

O enfrentamento aos desafios encontrados pelos atletas expatriados pode afetar a concentração e os sentimentos de autoestima (Yukelson & Carlson, 1996) e comprometer a saúde mental e o desempenho esportivo devido a ruptura com a vida cotidiana e o significado interno da experiência (Magnani Parra, 2018). Nesse sentido, (Brandão, Magnani, Tega, & Medina, 2013), ao se referirem à expatriação de jogadores de futebol, afirmaram que:

A habilidade para se adaptar a novas culturas é um dos elementos mais importantes para o sucesso de um jogador de futebol expatriado. Morar em outro país é ter que se acostumar com outra língua, outra cultura, outro clima e, muitas vezes, com a distância da família, é ter que se estabelecer rapidamente no novo país e começar a jogar por uma equipe formada por jogadores e técnico desconhecidos. Além do mais, perspectivas irreais sobre a nova equipe associadas com uma carência de informações sobre o país podem criar problemas reais (p.177-182).

Quanto às necessidades de adaptação, (Ryba et al., 2017) apontaram que devido à relativa facilidade de mobilidade ocasionada pela globalização, os padrões de migração mudaram, ou seja, a realocação pode ser curta ou de longo prazo, temporário ou permanente. Apesar disso, seja qual for o padrão no qual o atleta está inserido, a adaptação psicológica e sociocultural tem um papel constitutivo na experiência de adaptação vivida (Ryba, Haapanen, Mosek, & Ng, 2012).

Em relação à adaptação psicológica, (Ryba, 2013) esclarece que todo processo psicológico vivido após a mudança de um contexto cultural para outro é chamado de transição cultural, e essa transição “abrange múltiplos locais e dimensões dos campos sociais em que eles vivem, tais como esporte, educação e família [...]” (Ryba et al., 2020). Assim, para descrever de forma mais abrangente esse processo, (Ryba, Stambulova, & Ronkainen, 2016) propuseram um interessante modelo denominado “Modelo Temporal de Transição Cultural”.

De acordo com as autoras acima citadas, o modelo delinea a estrutura da transição, bem como os mecanismos implícitos na adaptação cultural em três fases temporais, sendo que para cada fase há desafios e tarefas específicas, a saber:

1. Fase de pré-adaptação – é uma fase importante na preparação física e mental do atleta para ter informações prévias sobre o país de acolhimento, tais como: clima, cultura, alimentação, local da prática esportiva, equipe técnica, companheiras de equipe, entre outros;
2. Fase de adaptação cultural aguda - fase em que ocorre o entendimento e o ajuste à nova cultura. É o momento da adaptação psicológica e comportamental, que ocorre após o deslocamento;
3. Fase de adaptação sociocultural – fase em que ocorre o ajustamento à nova realidade; é o momento do contato e interação do atleta com o clube, companheiros de equipe e com a nova cultura, o que proporciona um sentimento de pertencimento e a criação de uma nova realidade.

Entretanto, ao observar essas fases preconizadas pelo modelo e os estudos da literatura sobre o tema, alguns questionamentos sobre o que ocorre no basquetebol feminino brasileiro foram levantados:

- O que acontece quando jogadoras de basquetebol saem do Brasil para jogar em outro país culturalmente diverso?
- Será que essas atletas estavam ou foram preparadas para essa empreitada?
- Quais foram as barreiras que encontraram no processo de adaptação a uma cultura não familiar?
- O sistema de treino e jogo do país receptor pode ter interferido no processo de adaptação? Experiências anteriores de migração internacional impactam no processo de adaptação futura para outros países?
- Existem diferenças no processo de adaptação quando as atletas migram somente para competir por uma equipe do exterior em um campeonato e/ou em uma temporada?
- Como se dá o processo de repatriação?
- Quais são as implicações psicológicas da repatriação?

Diante do exposto acima, essa tese teve os seguintes objetivos:

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Analisar o processo de expatriação e repatriação internacional de uma atleta de basquetebol feminino de alto rendimento na perspectiva do Modelo Temporal de Transição Cultural.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Compreender como foi a preparação prévia para o processo de expatriação;
- Compreender como foi o processo de adaptação aguda ao chegar ao novo país;
- Compreender como foi o processo de adaptação sociocultural ao novo país;
- Compreender a repercussão psicológica do processo de expatriação nos três diferentes momentos (prévio, agudo e sociocultural);
- Compreender como foi o processo de repatriação internacional e a sua repercussão psicológica.

1.3 Justificativa

Durante 21 anos me dediquei ao esporte, precisamente ao basquetebol, e fiz parte de uma geração que iniciou a prática da modalidade com recursos físicos, financeiros e pessoais

bem limitados. Mas com o passar dos anos e de forma natural, a partir da metade da década de 80, a modalidade evoluiu e saiu do ostracismo devido à transmissão dos jogos pelos canais abertos e à popularidade de Hortência e Paula, duas grandes estrelas do basquete feminino, mundialmente conhecidas, cuja genialidade e rivalidade quando atuavam por seus clubes, levava centenas de pessoas a lotar os ginásios de esporte.

Assim, as mudanças ocorridas na modalidade facilitaram o nosso trabalho enquanto atletas, principalmente na valorização pessoal e na forma de planejar programas de treinamento visando a performance física e técnica, o que culminou com o surgimento de outros talentos que formaram a Seleção Brasileira de Basquete, campeã dos jogos Pan-Americanos em Cuba no ano de 1999, que conquistou a tão sonhada vaga Olímpica em 1992 e o título mundial de 1994.

Entretanto, apesar de os programas de treinamento serem voltados aos aspectos acima citados, não havia uma preparação específica para as competições internacionais, relacionada às características do contexto de prática ou especificidades do país onde iríamos jogar; só me recordo de ter feito uma preparação de adaptação ao fuso horário, ainda no Brasil, para uma competição em Singapura, nada além disso.

A princípio, estes aspectos pareciam não ser relevantes, pois, ao longo do processo de preparação para as competições internacionais, o foco eram as adversárias, o objetivo da competição e o próprio desempenho. Entretanto, quando finalmente chegávamos ao país da competição, era possível perceber o quanto a adaptação era difícil, mesmo que fosse para participar de uma competição de curta duração.

Quando muito jovem e em início de carreira, me aventurei a ir para os Estados Unidos para passar um tempo indeterminado de treinamento. Todo o processo foi estranho, por ter sido um convite não oficial e sem apoio, nem o da minha família, que gostaria que eu permanecesse no Brasil jogando em clubes locais de forma remunerada.

Para uma atleta jovem, no início de carreira e em busca de espaço e reconhecimento, tudo parecia perfeito. Mesmo as dificuldades para compreender o que o treinador pedia para realizar nos treinos era normal, pois dava para copiar das outras e tentar fazer. Contudo, as obrigações de estudar para poder jogar em um país no qual você não fala o idioma, não conhece ninguém a não ser a família de brasileiros que te acolheu, bem como a rotina de vida americana dessa família e as inseguranças causadas devido ao futuro incerto naquele país, deixaram tudo imperfeito. Na verdade, em determinado momento, me senti sozinha e isolada, porque os costumes eram bem diferentes dos nossos, principalmente em relação à alegria e a socialização, e a soma desses fatores me desmotivaram a permanecer por lá.

Já com a carreira em ascensão, realizei uma viagem na qual passei três meses fora do Brasil a fim de disputar duas competições importantes, que ocorreriam com intervalo de 40 dias entre uma e outra, e seriam disputadas no mesmo país. A adaptação à primeira competição foi difícil, por se tratar de um país com regime socialista, cuja sensação era de estar sendo sempre vigiada, principalmente nas visitas aos principais pontos turísticos da cidade, permeados por regras rígidas e esquemas de segurança, o que causava insegurança e medo.

Outras barreiras foram o clima, o idioma e as características das pessoas que, por não conhecermos, julgávamos que eram mal-humoradas e não faziam o menor esforço para se comunicar ou socializar. A incapacidade de socialização, somada ao medo e à insegurança, tirava o ânimo de estar em outro lugar que não fosse a quadra de basquete, o único local que transmitia autoconfiança naquele país. Quanto ao clima, chegamos com uma temperatura agradável e não foi difícil a adaptação, mas de repente, o clima mudou, esfriou demais e não tínhamos roupas adequadas para tamanha queda de temperatura.

Entretanto, quando retornamos para disputar a segunda competição, o fato de já conhecer as características do país diminuiu a tensão, mas não minimizou o estresse da adaptação, porque esta competição foi em uma cidade distante da capital onde os recursos de alimentação, deslocamento e estadia eram muito limitados, o que, somado ao frio, causou irritação, perceptível no comportamento e atitude das atletas e na queda de rendimento da equipe.

É interessante que, de forma oposta, passei pela experiência de disputar um campeonato de suma importância e mundialmente prestigiado, em um contexto repleto de modernidade, novos recursos tecnológicos para treinamento, atletas mundialmente renomadas, esquemas de segurança, regras de convivência e de horários, locais adequados para alimentação e o que era permitido ou não. Em síntese, foi difícil o processo de adaptação porque a cada momento era uma informação nova, que somada ao deslumbre com as características do contexto, tiravam a concentração do grupo e, conseqüentemente, ocasionaram na mudança de foco.

Outro aspecto importante, diz respeito à repatriação, visto que retornar para o seu país de origem, à família, aos amigos e ao clube, apesar da alegria do momento, também não era fácil, pois envolvia, além da adaptação de ordem fisiológica, a urgência em se readaptar ao contexto do clube, ao calendário intenso de competições estaduais e nacionais e à sua rotina de vida, com tudo pertinente a ela. Nesse sentido, existia a cobrança interna de precisar jogar bem pelo seu clube, para justificar o investimento, e o desejo de atuar com excelência, além da preocupação externa, ou seja, corresponder à expectativa da torcida e da mídia, que sempre esperava uma atuação de acordo com o nível de uma atleta de seleção brasileira, o que causava

preocupação e ansiedade. Diante disso, esse estudo partiu dessas experiências, que despertaram meu desejo por tentar entender o fenômeno da expatriação e repatriação e suas repercussões psicológicas.

No que concerne ao basquetebol brasileiro contemporâneo, a expatriação é uma realidade entre as atletas e pode ser observada no fato de que mesmo a seleção brasileira feminina não tendo conseguido a vaga para os jogos Olímpicos de Tóquio 2020/2021, ainda assim as atletas despertaram o interesse de clubes de diferentes países e puderam vivenciar experiências transnacionais.

A migração internacional é um desafio para as atletas e todos os envolvidos, pois implica em um complexo processo de adaptação social, cultural e psicológica, que pode vir a ser gerador de conflitos psicológicos (Yukelson & Carlson, 1996; Hanton, Fletcher, & Coughlan, 2005; Magnani Parra, 2018) e dificultar a adaptação à nova cultura e à nova equipe, influenciar negativamente nos processos emocionais e a uma sustentação do bem-estar psicológico (Agergaard & Ryba, 2014; Souza et al., 2021), acarretando implicações no desenvolvimento psicossocial e, conseqüentemente, no desempenho esportivo (McGannon & Smith, 2015).

Quanto à adaptação, ela é um processo partilhado entre o atleta migrante, os colegas da nova equipe e o treinador (Schinke, McGannon, Battochio, & Wells, 2013) e para que uma forma mais envolvente de adaptação possa ser alcançada é necessário que os atletas e as estratégias do país receptor participem do processo de adaptação, aprendendo e fazendo ajustes com o atleta visitante (Schinke & McGannon, 2014).

Entretanto, mesmo diante da possibilidade de o processo de adaptação desencadear conflitos psicológicos, e da necessidade de envolvimento do contexto anfitrião para auxiliar nesse processo, o estudo de (Souza, et al., 2021) identificou que não há apoio psicológico por parte dos contextos esportivos para facilitar a adaptação do atleta migrante ao novo ambiente. Igualmente, pouco se sabe quais são as estratégias de acolhimento dos contextos esportivos anfitriões (Schinke et al., 2013), como esses contextos agem e reagem quando entram em contato com atletas migrantes e quais são as suas práticas de acolhimento (Ryba, Schinke, Stambulova & Anne-Marie Elbe, 2017).

Outro ponto a ser considerado quanto ao processo de adaptação é que ele pode vir a ser complexo também quando o atleta migrante se repatria. Em relação a essa possibilidade, Kontos (2009) alerta que, dependendo de como e em que grau o atleta passa pelo processo de mudança nas suas práticas culturais, ele corre o risco de perder sua cultura doméstica ou sofrer alienação. Para (Machado, 2013), mesmo sendo o atleta repatriado renomado e com experiência

internacional, ele pode ser desvalorizado porque o clube não tem um processo que incentiva tal valorização, culminando assim, com o baixo desempenho das suas funções como atleta.

Levando em consideração que a migração internacional de atletas do basquetebol feminino é uma realidade no cenário esportivo brasileiro e que não há estudos que investiguem esse público, tampouco os voltados ao processo de repatriação de atletas, justifica-se o presente estudo pela necessidade de que sejam identificadas novas formas de compreensão sobre o processo de adaptação na expatriação e as implicações psicológicas desse processo na repatriação, pois existe uma demanda no que concerne às investigações que conduzem as atletas e demais profissionais que atuam frente a esse público a um maior entendimento sobre todos os aspectos envolvidos na migração internacional de atletas.

No que diz respeito às implicações teóricas dessa pesquisa, acredita-se que ao investigar os aspectos psicológicos envolvidos na migração internacional de atletas na perspectiva do Modelo Temporal de Transição Cultural, enriqueceremos a produção científica e ampliaremos as possibilidades de investigação sobre a temática, direcionando-as aos aspectos ainda não explorados, tais como as práticas de acolhimento na expatriação e na repatriação, como o contexto anfitrião e as pessoas envolvidas nele comportam-se quando recebem um atleta migrante, como ocorre a adaptação na repatriação e quais suas possíveis implicações psicológicas.

Ainda em relação à repatriação, ambiciona-se que os relatos aqui obtidos possam dar suporte para que o processo de repatriamento seja considerado e incluído no Modelo Temporal de Transição Cultural.

Quanto às atletas de basquetebol que almejam migrar para destinos internacionais, inclusive as mais jovens e inexperientes, seja para maximizar a performance esportiva, buscar novas experiências, estabilidade financeira ou ingressar em equipes para jogar uma ou mais temporadas, espera-se que os relatos obtidos possam auxiliar no entendimento, no planejamento, na organização e na preparação para o complexo processo de adaptação, que inicia na fase de pré-adaptação e termina na repatriação. Igualmente, a expectativa é que as abordagens deste estudo auxiliem na identificação das barreiras a serem encontradas nas transições de carreira, inclusive na repatriação, na otimização e entendimento sobre os recursos e as escolhas das estratégias a serem utilizadas ao longo da fase de adaptação cultural, no ajustamento à nova realidade, na construção e manutenção da identidade cultural e no desenvolvimento psicossocial, a fim de proporcionar uma transição bem-sucedida.

CAPÍTULO II – MARCO TEÓRICO

No sentido de proporcionar um referencial teórico que pudesse nortear a compreensão dos aspectos abordados sobre a expatriação e repatriação no presente estudo, essa revisão foi organizada em seis seções. Na primeira seção, será analisado a relação fenômeno esporte e globalização, na segunda se abordará o conceito expatriação e as primeiras investigações sobre esse tema, na terceira, a origem dos estudos voltados à psicologia do esporte cultural, principais pesquisas e a sua evolução. Já na quarta seção, será abordada a mudança nos padrões de migração, os conceitos de mobilidade e transnacionalismo e os fatores psicológicos, na sequência, a quinta seção discorrerá sobre a repatriação de atletas, finalizando com a sua fundamentação teórica, na sexta seção será apresentado o Modelo Temporal de Transição Cultural.

2.1 O fenômeno esporte e a globalização

Com o fim da divisão entre os blocos capitalista e socialista, o desentrelaçamento dos mercados internacionais, somado às novas tecnologias e aos meios de comunicação, a globalização começou a acontecer no final dos anos 80 (Castro, 2009) e pode ser compreendida como a crescente interdependência entre povos de diferentes nacionalidades, regiões e países em todo mundo, visto que as relações econômicas e sociais abrangem a todos (Agergaard & Ryba, 2014).

Dessa forma, a globalização chegou ao esporte apoiada na técnica e no capital da globalização e avançou a passos largos, tornando o esporte globalizado um campo aberto para o seu pleno desenvolvimento (Bitencourt, 1997), que se fortaleceu por meio dos intensos movimentos históricos do século XX, alavancados pelos grandes eventos esportivos, que se tornaram locais de negócios e de movimentação econômica, antes inimaginável (Bartholo & Soares, 2008) e a lógica mercantilista atrás deles, que atraía ao consumo de bilhões de pessoas ansiosas por lazer e entretenimento (Kasznar & Graça Filho, 2012).

Exemplo da globalização no esporte foi a eleição do brasileiro João Havelange para a presidência da FIFA no ano de 1974. “Até então apenas europeus assumiram o posto” (Tertuliano, Montiel, Deutsch & Machado, 2018, p. 21).

Por efeito disso, o esporte pode ser entendido como “um dos fenômenos socioculturais mais importantes e característicos de nossa época” (Vargas, 2001, p.3), assumindo novos significados e, provavelmente, sendo o fenômeno de maior alcance mundial, presente em

grande parte da vida das pessoas como elemento integrador no tecido social (Galatti, Paes, Collet, & Seoane, 2018). Ainda, segundo os autores, “assume o status de fenômeno globalizado, motivador de parte dos maiores eventos internacionais, responsável por parcela significativa da movimentação financeira mundial [...]” (p. 117).

Contudo, não é apenas em relação à movimentação financeira que o esporte globalizado tem mostrado a sua força, pois por ser o meio mais antigo de comunicação entre culturas, também contribui para o aprimoramento do entendimento internacional pela possibilidade de sua utilização entre os sistemas internacionais (Enstice, 2003). Igualmente, a autora coloca que o intercâmbio esportivo entre nações e indivíduos otimiza as relações internacionais e, como exemplo, cita a questão da guerra entre nações e o apelo dos atletas, que mesmo com visões de mundo diferentes, se unem para melhorar a relação entre os seus países.

De fato, como já observado por (Andreff, 2008) a globalização mudou o esporte, por isso, ele é considerado um dos maiores bens de consumo e serviços do mundo.

Ou seja:

[...] um fenômeno moderno, associado diretamente ao mundo dos sonhos da cultura de consumo. Esta cultura, independentemente de sua origem, assumiu proporções inimagináveis e também se assenta na lógica da globalização, apropriando-se radicalmente do Esporte Globalizado a ponto de ter poder incontestável sobre seus rumos (Magnani Parra, 2018, p. 20).

O futebol é um claro exemplo de como a globalização mudou o esporte, visto que no mercado de transferências dos atletas, o Brasil é um dos principais protagonistas (Brandão, Magnani Parra, Tega e Medina, 2013).

Ao abordar a temática da globalização no futebol, o jornalista Leandro Lúcio assinalou que na segunda metade da década de 80, apesar de ser comum jogadores brasileiros atuarem na Europa, os salários não eram tão inflacionados e o jogador tinha que correr muito, ou seja, se dedicar para conquistar um salário considerado de ponta na modalidade. Igualmente, os efeitos da globalização não eram tão profundos como hoje e os nossos melhores jogadores permaneciam nos clubes por mais tempo.

Ainda segundo o jornalista, as mudanças ocorridas no futebol globalizado podem ser constatadas quando um atleta que recém saiu dos juniores é precocemente assediado pelos clubes europeus e passa a ganhar salários que antes só eram pagos aos jogadores consagrados. Com isso, eles saem cada vez mais cedo e não têm qualquer identidade com o nosso país e o nosso futebol.

Além das oportunidades oferecidas aos atletas dos esportes coletivos, o poder da globalização também proporcionou aos atletas das modalidades esportivas individuais novas

possibilidades, principalmente a de migrar para países considerados potências mundiais para se preparar e alcançar os índices mundiais e olímpicos exigidos, por meio de treinamento e competições de qualidade.

Exemplos dessa constatação foram: o do atleta da natação Cesar Augusto Cielo Filho, que em 2006, com 19 anos de idade, foi morar e treinar nos Estados Unidos da América e conquistou a medalha de ouro nas Olimpíadas de Pequim, nos 50 metros livre, e a de bronze nos 100 metros livre.

Igualmente, às vésperas dos Jogos Olímpicos de Verão, sediados na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2016, em uma matéria realizada e divulgada pelo site globoesporte.globo.com, intitulada “Espalhados pelo mundo: brasileiros se preparam para o Rio 2016 no exterior”, foi revelado que atletas como o esgrimista Renzo Agresta, fez toda sua preparação na Itália, onde passou grande parte da temporada. Além dele, o filho da renomada estrela do basquetebol Hortência de Fátima Marcari, João Vitor Oliva, atleta do Brasil do hipismo adestramento, no ano de 2015 escolheu a Alemanha para se preparar para os jogos e desde então fixou residência no continente Europeu. Outro caso é o do atleta do salto com vara Thiago Braz que, também no ano de 2015, partiu para treinar e residir na Itália.

Dessa forma, com a facilidade de buscar recursos em outros países devido à amplitude de acesso, a migração internacional de atletas é considerada uma característica marcante do esporte contemporâneo (Maguire & Pearton, 2000). Por isso, se o número de atletas migrantes cresceu desde o ano de 2000 (Botelho, 2010), com os novos rumos que a globalização deu ao esporte, esse número continuará crescendo expressivamente a cada ano (Pisani, 2014).

2.2 Expatriação: conceito e primeiras investigações

De acordo com Moreira & Ogasavara, (2018), expatriado é o termo utilizado para definir um indivíduo que escolhe viver no exterior, sem chegar a imigrar, ou seja, realiza um deslocamento descontinuado (Erogul & Rahman, 2017).

No que concerne ao contexto esportivo, o termo expatriado é utilizado para definir a mudança de um atleta do seu país para dar sequência à sua carreira em um clube de outro país, podendo inclusive, disputar modalidade esportiva diferente da sua (Faggiani et al., 2016).

Outro termo igualmente utilizado é “migrante”, pois por se tratar de um sinônimo do expatriado, se refere à sua mudança de lugar ou país periodicamente (Tertuliano, Montiel, Deutsch & Machado, 2019). Os autores acrescentam que a expatriação do atleta se dá por vários

motivos, desde os aspectos pertinentes da globalização, particularidades das ligas, até motivos intrínsecos, como o desejo de aprender um idioma ou otimizar a performance esportiva.

Em relação às primeiras abordagens sobre a expatriação ou migração no esporte, elas foram interpretadas como movimentos migratórios sob o domínio da geografia e foram iniciadas pelo americano John Rooney em 1969, seguidos pelos estudos do britânico John Bale em 1991. As investigações buscavam identificar de que maneira o futebol americano foi inserido nos Estados Unidos e como as universidades formavam as suas equipes competitivas. John Rooney estabeleceu uma conexão entre as universidades e as populações das cidades e Estados em que essas universidades se localizavam, e chegou à conclusão de que diferentes equipes universitárias eram formadas por atletas de diferentes locais. Um estudo de (Nolasco, 2017) concluiu que o fato desses jogadores serem predominantemente oriundos de grandes centros urbanos e industriais do país, e se deslocarem para pequenas cidades, levou o autor a concluir sobre a existência de processos migratórios” (Nolasco, p. 54, 2017).

Ainda, o autor aponta que, Bale (1991) também direcionou os seus estudos ao processo de recrutamento de atletas, entretanto, realizou uma sólida análise teórica, descrevendo as migrações nas esferas dinâmicas de globalização e dos esquemas capitalistas internacionais, ou seja, atribuiu “um olhar prospectivo”, afirmando que os movimentos migratórios de atletas talentosos serão um tema de estudo premente, nomeadamente porque esses movimentos tendem a intensificar-se [...] (p. 55).

Outra área que se ocupou de estudar o fenômeno da migração de atletas foi a sociologia do esporte, sendo que as investigações ocorreram nos últimos 25 anos (Yoshio & Horne, 2004) e tinham como pano de fundo a cultura esportiva globalizada (Weedon, 2012), cujas investigações eram direcionadas ao aumento do fluxo ou mobilidade dos atletas, cruzando fronteiras culturais, étnicas, políticas e econômicas (Elliott & Maguire, 2008).

Quanto às investigações voltadas à área da psicologia sobre a experiência de adaptação e aculturação de migrantes, elas constituem uma área de investigação bem estabelecida e tem feito, inclusive, incursões na psicologia do esporte (Ryba, Schinke, Stambulova e Elbe, 2017).

Desse modo, observa-se que tais incursões se justificam e são necessárias porque no estudo do fenômeno migração, a psicologia tem um papel fundamental, pois indica a aculturação e as relações intergrupais como duas áreas que abrangem as complexas relações grupais em sociedades culturalmente diversificadas (Berry, 2001).

2.3 A origem dos estudos voltados à psicologia do esporte cultural, principais pesquisas e sua evolução

Em um manuscrito denominado “Psicologia do desporto cultural como caminho para os avanços na investigação da identidade e da colonização para a prática”, publicado no *Psychology of Sport & Exercise Journals* no ano de 2019, os autores Robert J. Schinke, Amy T. Blodgett, Tatiana V. Ryba, San Fu Kao e Thierry R.F. Middleton, trazem importantes informações sobre a origem da Psicologia do Esporte Cultural, tais como as principais pesquisas e a sua inserção na Psicologia do Esporte. Dessa forma, com o intuito de pontuar a importância das pesquisas voltadas à Psicologia do Esporte Cultural, bem como a sua relevância na elaboração deste estudo, tal manuscrito embasou as colocações a seguir.

A primeira investida da Psicologia do Esporte na Psicologia do Esporte Cultural ocorreu de forma acanhada no ano de 1990, cujo foco inicial era a exploração da ampla diversidade de identidades dos participantes e estudiosos do esporte (Schinke et al., 2019). De acordo com (Gill, 2001), devido ao aumento das psicólogas esportivas femininas, e a busca de uma maior compreensão sobre a participação também feminina no esporte, as mulheres lideraram a inclusão desses estudos.

Entretanto, por décadas, a Psicologia do Esporte Cultural foi considerada apenas um tópico especial (Gill & Ryba, 2014), cuja abordagem de marginalização tem sido antítese às práxis cultural (Schinke et al., 2019, p. 3).

Os autores ainda colocam que as barreiras existentes, tais como a omissão dos estudos envolvendo raça e etnia por parte dos psicólogos do esporte – cujo entendimento era o de que o esporte era vivenciado de forma igualitária por todos, independentemente da identidade racial de cada praticante, impediam o avanço das pesquisas sobre um tema considerado complexo e repleto de possibilidades, a diversidade cultural. Nesse sentido, entende-se que as habilidades culturais eram únicas e suficientes para dar continuidade na atuação profissional.

Discordando deste entendimento, (Duda & Allison, 1990) publicaram um estudo sobre a “Análise Intercultural em Exercício e Psicologia do Esporte” que estimulou os estudiosos do esporte e da psicologia do exercício a investigar a relação da raça e etnia no comportamento humano (Ryba, Schinke, & Stambulova, 2012). Os autores ilustram que as pesquisas buscavam uma validação cultural de instrumentos psicológicos, bem como identificar semelhanças e variações culturais edificadas entre culturas.

Após 25 anos da ocorrência da primeira investida, em 1990, a Associação para Psicologia do Esporte Aplicada (AASP) autorizou, sob sua chancela, uma forma universal de

treinamento cultural no ano de 2015 e, a partir de então, mudanças foram observadas, tais como o credenciamento da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte (ISSP) que incorporou ao seu registro o treinamento cultural (Schinke et al., 2019).

O tema identidade também foi pontuado no estudo de (Ryba et al., 2017) sobre Transnacionalismo, Mobilidade e Aculturação no e através do Esporte, quando os autores enfatizaram a importância de não silenciar as investigações sobre o tema para que possa haver a compreensão integral deste fenômeno, pois caso não haja esse entendimento ocorrerá o impedimento do desenvolvimento holístico e, conseqüentemente, contribuirá para o sofrimento do atleta, a autolesão, a desconsideração e, em seguida, o trauma a longo prazo (Schinke et al., 2019).

A partir de então, surgiram pesquisas envolvendo a auto etnografia analítica de (Ronkainen, Harrison, & Ryba, 2014), que investigou a primeira negociação da autora sobre sua identidade de corrida durante uma migração temporária para a China, a auto identidade dentro do esporte por meio de narrativas escritas (Douglas, 2014) e a pesquisa narrativa de (Smith, Bundon, & Best, 2016), investigando as identidades de ativistas entre deficientes atletas de elite.

Contudo, como as investigações não estavam voltadas apenas à identidade do atleta, visto que a psicologia intercultural também foca os seus estudos no indivíduo e no comportamento interpessoal, pesquisando nas esferas da psicologia geral e social, outros aspectos foram investigados. Dessa forma, DeBiaggi & Paiva (2004, p. 11) classificam essas pesquisas como “identidade, percepção, cognição, personalidade, comportamento social, gênero, relação interpessoal, preconceito, entre outros”.

Quanto à inclusão social, (Schinke et al., 2019) explica que historicamente o esporte é utilizado como uma ferramenta de construção da identidade nacional e de inclusão dos povos das mais diferentes etnias, à cultura dominante ou principal. Igualmente, o esporte transcende as fronteiras culturais, políticas e sociais, e por isso, pode ser um meio facilitador na integração dos atletas migrantes ou como pontuado pelos autores, atletas recém-chegados.

Assim, temas como a relação entre a coesão da equipe e a identidade étnico-cultural em jovens atletas migrantes (Hatzigeorgiadis, Morela, Elbe, Kouli, & Sanchez, 2013), transições culturais e experiências de adaptação de atletas imigrados, (Schinke et al., 2013), a compreensão dos processos de aculturação e de que maneira o contexto esportivo poderia ser potencializado para promover a integração (Schinke, Stambulova, Lidor, Papaioannou, & Ryba, 2016), o papel que o ambiente esportivo desempenha nos resultados adaptativos (Elbe et al.,

2018), entre outros, também foram investigados e trouxeram a sua contribuição para o entendimento sobre o processo de aculturação de atletas migrantes.

Atualmente, as pesquisas envolvendo a migração de atletas evoluíram e são direcionadas aos fatores culturais, e são destacadas pela Psicologia do Esporte Cultural por exercer um papel primordial no entendimento sobre os processos emocionais e psicológicos, na formação da identidade cultural e no desenvolvimento psicossocial das pessoas inseridas no contexto esportivo (McGannon & Smith, 2015).

E acrescentam:

Na psicologia intercultural é imperativo basearmos os estudos em seus contextos culturais. Necessitamos compreender etnograficamente as culturas em contato, para entendermos o indivíduo. Dessa forma, há uma ligação entre um grupo em aculturação e a aculturação psicológica do indivíduo (p. 13).

Logo, o objetivo da Psicologia Intercultural é estudar e compreender as relações entre fatores psicológicos e a cultura, visto que “parte das variáveis que explicam o comportamento de uma pessoa deve-se à influência dos diferentes contextos socioculturais que caracterizam os distintos ambientes nos quais ela encontra-se inserida” (Angelini, 2007, p. 40).

2.4 A mudança nos padrões de migração, mobilidade, transnacionalismo e fatores psicológicos

Como visto, a migração é entendida como um movimento permanente, envolvendo longas distâncias, com um tempo mínimo de permanência de um ano (Petersen, 1958) ou, sem fazer distinção entre distância e tempo, migração são todos os deslocamentos curtos ou a longo prazo, que resultam em mudanças de residência permanente ou temporária, independentemente se é realizada para um bairro, país e/ou a distância (Lee, 1966).

Contudo, com a chegada das novas tecnologias e o desenvolvimento das comunicações por meio das redes sociais, amplamente reconhecidas como facilitadoras para o estabelecimento da mobilidade, por proporcionar diversas informações sobre questões burocráticas, melhores estratégias para se chegar a algum lugar, busca de empregos, entre outras informações pertinentes (Thorpe, 2014), nos últimos 20 anos houve um aprofundamento nos estudos sobre o transnacionalismo migratório, facilitando uma mudança de paradigma para a compreensão da migração tal como constituída no curso do movimento de migrantes e das redes sociais, que atravessam fronteiras (Ryba, et al., 2017). Nesse sentido, os autores esclareceram que a

migração pode ocorrer a curto ou longo prazo, temporária ou permanente, inclusive, consistindo em uma série de assentamentos que podem ou não incluir o regresso ao país de origem.

Uma definição parecida foi utilizada por (Koser & Salt, 1997), que em outros termos, não utilizaram a palavra assentamento, mas sim deslocamentos a curto prazo ou intermitentes, sem retorno ao país de origem e a esses deslocamentos os autores deram o nome de “mobilidade”.

Em relação ao termo transnacionalismo, para a *International Society of Sport Psychology* (ISSP), os atletas que estão em constante movimento internacional, ou seja, vivem em deslocamento de e para seu país de origem, desenvolvendo as suas carreiras dentro de um processo transnacional, são chamados de atletas transnacionais (Prato, Torregrossa, Ramis, Alcaraz, & Smith, 2021).

Igualmente, ao transnacionalismo é dada uma concepção de fenômeno, porque vai além do movimento das pessoas quando engloba tudo que acontece além das fronteiras, isto é, tecnologias, ideias, laços e conexões materiais (Drinkwater, Rizvi, & Edge, 2019).

Diante disso, (Roychowdhury, Ronkainen, & Guinto, 2021) ilustram que os estudos sobre transnacionalismo têm sido utilizados com frequência para teorizar e investigar as novas formas de fluxos culturais e intercâmbios no esporte e são direcionados aos atletas, individualmente, bem como às suas experiências em movimento. Nessa direção, os autores explicam que é possível entender por que a transição cultural é um dos conceitos mais populares no esporte contemporâneo e na psicologia do exercício.

A popularidade do conceito transição cultural ocorre porque a transição de um país para outro acarreta desafios do ponto de vista esportivo, social, cultural e psicológico (Meisterjahn & Wrisberg, 2013). Nesse sentido, é importante considerar os motivos que levam os atletas a migrar, pois eles estão ligados ao processo de adaptação e, conseqüentemente, aos fatores psicológicos envolvidos no mesmo, visto que para cada transição há um ajuste psicológico (McGannon & Smith, 2015) e envolve se integrar e se ajustar ao ambiente anfitrião por meio de reposicionamento social, a negociação de práticas culturais e a reconstrução de significados (Ryba et al., 2016).

“Sendo a integração um processo que ocorre em um nível social e cultural. Mas também se dá em um nível psicológico”, (DeBiaggi & Paiva, 2004, pg. 30), a nível psicológico os autores colocam que um dos conceitos centrais para que ocorra a relação intercultural harmoniosa é a aculturação, entendida como um processo de mudança nas práticas culturais (Kontos & Breland-Noble, 2002) e psicológicas, em práticas, valores e identidades, resultantes do contato contínuo e inicial entre indivíduos de diferentes grupos culturais (Schwartz et al.,

2010). Por conseguinte, se a aculturação ocorre entre indivíduos de diferentes grupos, como pontuado pelos autores acima, percebe-se que é um processo complexo e não ocorre de forma unilateral, ou seja, centrada apenas no atleta migrante. Quanto a isso, (Schinke, McGannon, Yukelson, Cummings, & Parro, 2015) esclarecem que a aculturação é uma experiência compartilhada entre os atletas, treinadores, pares e organizações esportivas.

Contudo, mesmo diante da complexidade envolvida, os clubes anfitriões não se preocupam em realizar um planejamento para receber os atletas expatriados e oferecer apoio psicológico para auxiliar na adaptação (Souza et al., 2021). Em vista disso, muitos atletas sofrem devido à dificuldade de comunicação por causa do idioma e da adaptação à cultura, ao clima e à nova equipe (Brandão et al., 2013). Ainda segundo os autores, tais dificuldades podem causar o desconforto emocional, a exaustão mental e o estresse, culminando em menor efetividade na vida pessoal e profissional. Fatores como o afastamento da família, a diminuição da privacidade, devido ao acesso da mídia, e do rendimento, bem como o isolamento, (Richardson, Littlewood, Nesti, & Benstead, 2012) e a crise de identidade (Egilsson & Dolles, 2017; Ryba et al., 2017) também foram apontados como desencadeadores de problemas psicológicos e uma condição necessária para a ascensão profissional (Vizeu & Schumberger, 2020).

Logo, é importante destacar que:

[...] transições de carreira, estas não estão isentas de dor e preocupação, especialmente porque os atletas não estão, em muitos casos, preparados para estas situações. Para que as transições desportivas sejam mais bem-sucedidas, os valores que facilitam ou dificultam o sucesso das transições desportivas e os contextos em que os atletas estão diretos ou indiretamente envolvidos devem ser objeto de uma análise mais aprofundada e, por conseguinte, melhor compreendidos (Brandão & Lenamar, 2013, p. 49).

Tendo em vista todas as colocações envolvendo a expatriação de atletas, observa-se que as questões psicológicas são importantes e estão presentes ao longo de todo processo, o que reforça a necessidade de se atentar aos aspectos efetivos e emocionais, bem como os sociais, religiosos e educacionais envolvidos (Sebben, 2009).

2.5 Repatriação de atletas

Como vimos no presente estudo, na literatura da psicologia do esporte as investigações relacionadas à expatriação de atletas têm explorado temas como o impacto causado pelo processo de adaptação, as estratégias utilizadas e as implicações psicológicas envolvidas no mesmo. Já as pesquisas recentes buscam discorrer sobre a análise da reinserção do atleta no

mercado de trabalho após carreira internacional e aposentadoria (da Costa, Prates, & Weber, 2021), o apontamento sobre a média de idade de atletas que repatriam, já em declínio esportivo, o continente o qual eles se encontram e os motivos que o levam a se repatriar, direcionados à nacionalização, à lei que limita o número de atletas não pertencentes à comunidade europeia (do Nascimento, de Vasconcellos Ribeiro, Palma, & Pereira, 2020) e ampliar a perspectiva do fenômeno migratório no campo social do esporte (Rojo & Starepravo, 2021).

Contudo, os estudos que investigam os motivos que levam um atleta a se repatriar e as repercussões psicológicas da "volta para casa" ainda são pouco investigados na literatura da psicologia do esporte.

O próprio Modelo Temporal de Transição Cultural de (Ryba et al., 2016) não aponta em suas fases o processo de repatriação, mas ele pode acontecer tanto na fase de adaptação cultural aguda como na fase de adaptação sociocultural.

Entretanto, na área corporativa, devido à intensificação dos processos de internacionalização do patrimônio e das atividades empresariais que proporcionaram novas oportunidades de negócios, acarretando desafios competitivos para as empresas (Borges, 2011; Gallon & Antunes, 2016; Quintanilha, 2020), tanto o processo de expatriação como o de repatriação são amplamente investigados.

Assim, foram encontrados diferentes estudos que podem nos dar indicações do que pode acontecer com os atletas no processo de repatriação, como o de (Lazarova & Caligiuri, 2001), que, na descrição de várias práticas de apoio aos repatriados oferecidas pelas organizações, aponta que tanto a expatriação como a repatriação são parte de um único processo, ou seja, a expatriação é o início e a repatriação é o final desse processo. O mesmo entendimento tem (Cerdin & Pargneux, 2009) ao indicar que uma expatriação bem-sucedida leva ao sucesso o processo de repatriação e (Spohr, 2011), quando afirma que o processo de expatriação inclui a seleção, o treinamento, a adaptação no país de destino e, por último, a repatriação.

O repatriamento também é considerado a fase mais crítica para o expatriado e para a empresa, e também a mais negligenciada do processo, como observado no estudo de (Vance & Paik, 2015). Igualmente, a falta de suporte das organizações, associada à desvalorização das habilidades adquiridas ao longo da experiência de expatriação, gera descontentamento e desmotivação por parte do funcionário e conseqüentemente a sua saída da empresa (Spohr, 2011; Suutari & Brewster, 2003).

Outra importante indicação vem das observações acerca do início do processo de repatriação de um funcionário expatriado, (Zikic, Novicevic, Harvey, & Breland, 2006) explicam que o seu início se dá meses antes do final da missão internacional e demanda

planejamento e organização, pois envolve a coleta de informações sobre profissões, organizações e empregos, que não foram anteriormente considerados durante a missão internacional.

Ainda, de acordo com (Zikic, et al., p. 635) a necessidade de buscar informações “sobre vários empregos, organizações ou indústrias permite ao repatriado tomar decisões de carreira mais informadas, estabelecer metas de carreira mais específicas ou redefinir as já existentes e avaliar o grau de adequação com várias opções”.

Entretanto, mesmo considerando que o planejamento e organização podem conduzir à repatriação com as questões profissionais já estabelecidas, existe outro fator importante investigado nos estudos, a inclusão na cultura de origem (Borges, 2011). De acordo com os apontamentos da autora, essa inclusão deve ter os mesmos cuidados dispensados ao processo de inclusão em uma cultura estrangeira, visto que se caracteriza como uma nova partida e pode causar sentimento de frustração.

Já o estudo de (Mendenhall & Oddou, 1985, p.1), mostrou que “há também custos ‘invisíveis’ devido ao fracasso de um gerente no exterior: a perda da autoestima e autoconfiança na gestão do expatriado, a capacidade e a perda de prestígio entre os colegas”. Em relação a essa colocação, (Gallon, 2011) corrobora afirmando que tal custo pode desmotivar e deixar o repatriado insatisfeito no novo trabalho.

Também foi evidenciado nos estudos a falta de uma orientação clara e planejamento quanto às políticas de repatriação e oportunidade de crescimento profissional por parte das empresas (Vianna & de Souza, 2009), bem como a de uma comunicação transparente e aberta sobre o que o funcionário pode esperar em seu retorno, (Teixeira et al., 2020).

Outra evidência relevante identificada diz respeito ao choque cultural reverso, que se refere ao processo de reajustamento, ressocialização e reformulação dentro da própria cultura, após ter vivido em uma cultura diferente por um longo período (Valenzuela, 2015). Esse choque causa um profundo impacto, pela dificuldade de adaptação ao país de origem e à organização (Souza, 2015), e de entendimento sobre os comportamentos vigentes no país de origem, culminando com o isolamento e o sentimento de perda (Harvey, 1989).

Além do mais, “em alguns casos, o repatriado se identificou tanto com o país que esteve expatriado que adquiriu uma nova identidade com novos valores e interesses”. (Souza, 2015, p. 50). O autor ainda completo, afirmando que pela possibilidade de ter ocorrido mudanças relacionadas aos hábitos do país de origem, causando mais um choque cultural e a compreensão de que a identidade cultural desse profissional não é mais adaptável com a cultura do seu país de origem.

Outros temas destacados nos estudos são os motivos que levam as empresas multinacionais a expatriar os seus representantes, o tempo de expatriação, a valorização profissional e pessoal que a experiência migratória pode agregar e a necessidade de ter uma gestão de monitoramento dos expatriados por parte das multinacionais que os enviam para o exterior.

Quanto aos motivos, os estudos evidenciam a obtenção de conhecimento acerca da necessidade do mercado local, a integração local, o aprendizado e a inovação (Pereira, Pimentel, & Kato, 2005), a construção de carreira internacional e a aquisição de experiência com diferentes culturas, mercados e clientes (Borges, 2011) para desenvolver habilidades e buscar progressão profissional (Prestes, Grisci, & Fraga, 2016). Já em relação ao tempo, os estudos de (Cerdin & Pargneux, 2009; Cordeiro & Moura, 2017; Dutra, 2002) ilustram que a expatriação pode durar de 1 a 3 anos. O valor que a experiência adquirida nesse tempo agrega tanto para a empresa que busca a sua expansão internacional quanto para o representante da empresa (Gallon, Scheffer, & Bitencour, 2014) ocorre na repatriação e é enfatizada como uma forma de valorização da carreira e da própria continuidade do processo de expatriação, um aspecto fundamental para o aproveitamento do conhecimento adquirido e da rede de relacionamentos desenvolvida (Machado, 2013).

Por último, foram encontrados estudos sobre a gestão de monitoramento, considerada importante porque grande parte das atividades que garantem a permanência do expatriado na multinacional no seu retorno ocorre ao longo da expatriação (Lazarova & Caligiuri, 2001). Além do mais, esse monitoramento auxilia na avaliação do desempenho do expatriado ao longo de todo o processo (Pinho, 2012).

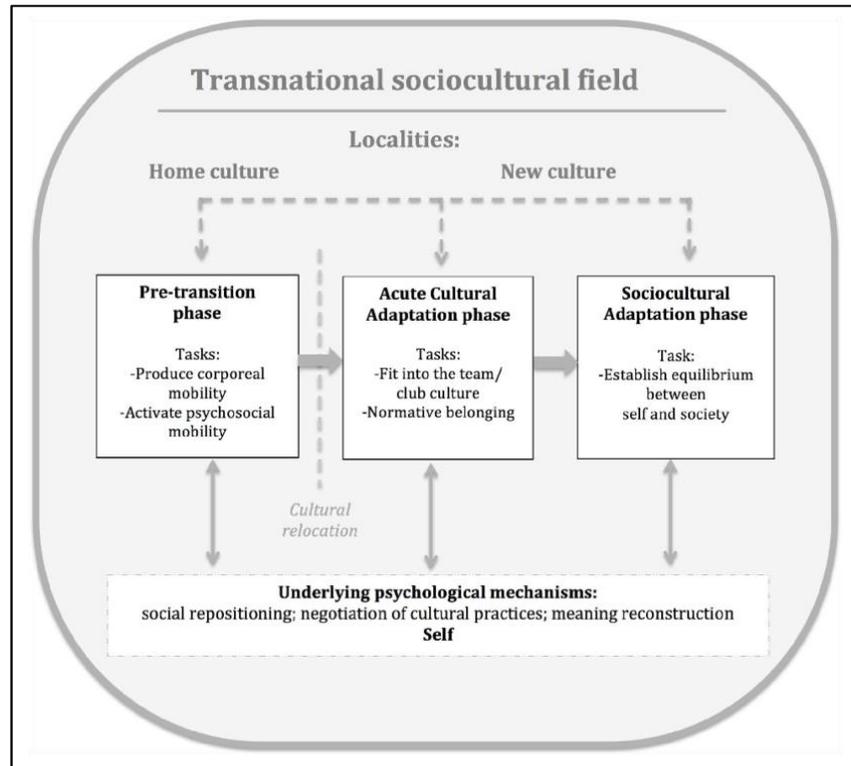
2.6 Modelo temporal de transição cultural

Como observado nos estudos até o momento referenciados, a globalização facilitou a migração de atletas quanto ao deslocamento e questões burocráticas, possibilitando jogar em equipes do mundo todo. Igualmente, apontou-se para a necessidade do ajuste psicológico no processo de adaptação para que os atletas migrantes mantenham seu desempenho, que muitas vezes se baseia nessas habilidades (Ryba, Stambulova & Ronkainen, 2016).

Outras importantes contribuições, como as de (Schinke et al., 2013; Brandão & Vieira, 2013; Stambulova & Ryba, 2013; Ronkainen et al., 2014; Khomutova, 2016; Ryba et al., 2015), indicaram que a transição cultural acarreta importantes implicações na adaptação e ajuste dos atletas migrantes. E, embora as experiências sejam individuais, “as culturas desempenham

infinitas variações durante o curso do desenvolvimento e da atividade diária” (Berry, 2009 apud Ryba et al., 2016, p. 427).

Figura 1 - Modelo de Transição Cultural



Fonte: Modelo de Transição Cultural. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Cultural-Transition-Model_fig1_297730604. Acesso em: agosto de 2021.

Como ilustra a figura acima, o modelo de Transição Cultural proposto por Ryba, Stambulova & Ronkainen, (2016), investiga a transição cultural em três fases temporais, sendo que para cada fase há desafios e tarefas específicas.

De acordo com os autores:

Embora as fases temporais tenham sido extraídas dos dados por meio de abstração analítica e apresentadas em uma progressão sequencial, elas não devem ser interpretadas como desdobráveis de maneira linear e simplista. Sugerimos que o processo de transição seja relacional, o que significa que ele não apenas se desenrola, mas é construído dentro de um campo sociocultural transnacional, dinâmico e subjetivamente ajustado pelos indivíduos à multiplicidade de contatos culturais em várias localidades. O domínio psicológico está incorporado no fluido campo cultural translocal das práticas sociais que constituem e sustentam o funcionamento diário e as experiências relacionais dos migrantes atléticos (p. 427).

2.6.1 Fase de pré-adaptação (pré-transitória)

É uma fase importante na preparação física e mental do atleta para enfrentar os desafios da transição, pois é o momento pelo qual as informações prévias sobre o país de acolhimento devem ser obtidas, tais como: clima, cultura, alimentação, local da prática esportiva, equipe técnica, companheiras de equipe, entre outros. Essas informações são colhidas no país de origem, com o objetivo de se preparar para a expatriação e termina quando a atleta chega ao país de acolhimento.

De acordo com Ryba, Stambulova & Ronkainen (2016, p. 427) essa fase, “além de ser capaz de produzir mobilidade transnacional, a tarefa crucial de uma fase pré-transitória é ativar a mobilidade psicossocial necessária para navegar em diversos sistemas de significado e negociar práticas culturais”.

Ainda, segundo os autores, ao investigar as redes transnacionais para aprender a obter informações sobre o país de acolhimento, é iniciado um processo de desapego com pessoas e locais familiares, possibilitando assim, o início do desenvolvimento de um novo relacionamento com o país.

2.6.2 Fase de adaptação cultural aguda (ACA)

Nessa fase ocorre o entendimento e o ajuste à nova cultura, podendo ocasionar o choque cultural, pois é o momento da adaptação psicológica e comportamental que ocorre após o deslocamento desde a origem e apresenta tarefas de desenvolvimento que moldam as trajetórias de aculturação, marcada pela descontinuidade. Nesse sentido, adaptação é entendida como um domínio bem-sucedido do ambiente anfitrião, resultantes dessas adaptações (Ward, 2001).

A adaptação psicológica diz respeito à sensação de bem-estar e da saúde mental e a adaptação sociocultural evidencia a capacidade de ajustar-se e tornar-se culturalmente fluente em um novo contexto (Ward e Kennedy, 1999).

Igualmente, Ryba, Stambulova & Ronkainen (2016, p. 82-83) esclarecem que:

Na perspectiva da ACA, as necessidades psicológicas de autonomia, competência e relacionamento são básicas, na medida em que apoiam o bem-estar psicológico. No entanto, estas construções dificilmente são "universais" (ou seja, sustentadas pelos mesmos processos), uma vez que as formas em que as necessidades são satisfeitas são a cultura específica, refletindo crenças conceituais sobre a pessoa e o mundo crenças que estão embutidas nas práticas locais.

No sentido de oferecer uma melhor compreensão sobre o processo da ACA, os autores alegam que seria necessário descartar o raciocínio dos elementos "ou/ou" e separar os significados culturais inscritos na psique encarnada, à medida que estes entram no sistema dinâmico de um novo contexto cultural. Assim, respondendo ao apelo da psicologia cultural para mudar a teorização da causalidade para a complexidade não linear dos fenômenos, a adaptação foi abordada como um processo negociado. Em vez de enquadrar a adaptação como "alcançada" em termos de bem-estar psicológico ou sociocultural, os autores propõem a compreensão da adaptação aguda como uma negociação contínua entre a manutenção de uma estabilidade psicológica, baseada na satisfação das necessidades, estabelecimento e envolvimento de contato contínuo e das práticas cotidianas socioculturais do local de acolhimento, respectivamente.

Como resultado dessa estabilidade psicológica ocorre a aculturação, referida como um processo de mudança nas práticas culturais, que envolve o idioma, a alimentação, vestuário, entre outros, pelas quais um indivíduo imigrante passa para se equiparar com o grupo social dominante (Kontos & Breland-Noble, 2002).

Segundo os autores do modelo:

Essa definição de aculturação é construída a partir do trabalho de Berry (1997) em psicologia cultural, pois ele considerava os tipos de perguntas que estimulam a aculturação: O que acontece com indivíduos que se desenvolveram em um contexto cultural, quando tentam viver em um novo contexto cultural? Se a cultura é um poderoso modelador de comportamento, os indivíduos continuam a agir no novo cenário, como fizeram no anterior, mudam seu repertório comportamental para se tornarem mais apropriados no novo cenário ou há algum padrão complexo de continuidade e mudar a maneira como as pessoas vivem suas vidas na nova sociedade? (Schinke et al., 2013, p.1676).

Para melhor avaliar a aculturação, (Kontos & Breland-Noble, 2002) sugeriram que ela pode ser mensurada, a medida em que os atletas mantêm a sua cultura de origem ou assimilam a cultura do país de acolhimento, em vários aspectos das suas vidas e, “dependendo de como e até que ponto os atletas aculturam, correm o risco de perder a sua cultura de origem ou de se sentirem alienados” (Schinke et al., 2013, p. 1677).

Como exemplo, os autores citam que os atletas que passaram pela experiência para fins de treinamento e intensificaram os estudos dos aspectos de autorregulação, bem-estar psicológico e influências ambientais, mas eles observaram, que o fato de o foco ser treinamento, tornou a experiência menos importante.

Ryba, Haapanen, Mosek & Ng (2012) classificam a adaptação a curto prazo como uma prática móvel voltada a aculturação aguda para fins de treinamento e competição. Entretanto, pontuam que o esporte está incorporado nas matrizes estruturais socioculturais, que moldam o

estilo de jogo, a rotina de treinamento e a interação treinador-atleta. Esses fundamentos socioculturais do desenvolvimento do esporte podem representar desafios imprevisíveis de adaptação para atletas migrantes, tornando a estrutura proposta da ACA promissora para a compreensão dos mecanismos de adaptação cultural de curto prazo.

Já a adaptação para fins de competição (Schinke, Stambulova, Trepanier e Oghene, 2015) explicam que se refere aos atletas que a cada ano participam de competições classificatórias para torneios continentais, campeonato mundial e jogos olímpicos.

Os principais aspectos relacionados à aculturação aguda para competição descritos por Ryba et.al. (2012) são: ocorre entre uma ou duas semanas, aculturação deve acontecer em poucos dias e ajuste psicológico eficiente e entre as dificuldades encontradas, estão: a tentativa de falar o idioma, adaptação aos horários de viagem, frustração com o contexto dos jogos (acolhimento) e os comportamentos da torcida na apresentação do atleta.

Os autores alertam que é na fase de pré-transição que as informações sobre essa fase podem ser colhidas por meio de visita ao site dos torneios e tais informações prévias podem ser utilizadas como estratégia de aculturação aguda para a competição, promovendo a familiarização.

2.6.3 Fase de adaptação sociocultural

Por fim, na fase de adaptação sociocultural ocorre o ajustamento à nova realidade. É o momento do contato e interação do atleta com o clube, companheiros de equipe e com a nova cultura, o que proporciona um sentimento de pertencimento e a criação de uma nova realidade (Ryba et al., 2017).

Essa fase ocorre a longo prazo e revela que o atleta superou algumas das dificuldades vividas no processo de adaptação aguda (Ronkaine, Khomutova e Ryba 2019). Ainda, segundo os autores, é nessa fase em que ocorre o ajuste psicológico para mudanças a longo prazo, ou seja, o atleta mantém-se no país por um período maior ou opta por se estabelecer nesse país em definitivo.

CAPÍTULO III – MÉTODO

3.1 Paradigma norteador da pesquisa

O presente estudo investigou o processo de expatriação e repatriação na modalidade basquetebol feminino de alto rendimento, e sua repercussão psicológica na perspectiva do Modelo Temporal de Transição Cultural (Ryba, et al., 2016), a fim de compreender o impacto psicológico desses dois processos na vida das atletas. Para tanto, utilizou-se o método qualitativo, com uma abordagem de natureza descritiva e com delineamento de um estudo de caso, que buscou encontrar comparações, similaridades e diferenças entre eles, por meio de um levantamento histórico e cronológico *timeline* (linha do tempo).

Com relação à pesquisa qualitativa, (Merriam & Tisdell, 2016) esclarecem que ela envolve um conjunto de técnicas e procedimentos interpretativos, que buscam principalmente decodificar, descrever, traduzir, construir e analisar o sentido e o significado para as pessoas e não apenas a frequência de eventos ou fenômenos do mundo social. Igualmente, responde a perguntas muito particulares e “trabalha com o universo de significados, de motivos, de aspirações, de crenças, de valores e de atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 1994, p. 21-22).

No que se refere ao pesquisador, esse tipo de pesquisa “busca a interpretação no lugar da mensuração, a descoberta no lugar da constatação, e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados, não sendo possível uma postura neutra do pesquisador” (Gatti & André, 2011, p. 30). Os autores completam, que tal abordagem defende uma compreensão holística dos fenômenos, considerando todos os componentes de uma determinada situação em suas interações e influências recíprocas.

Já os estudos de caso são métodos que buscam compreender fenômenos contemporâneos e complexos inseridos em eventos da vida real, preservando as suas características holísticas e significativas (Yin, 2015). Igualmente, colabora de forma incomparável, para o entendimento que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos e vem sendo uma estratégia comum de pesquisa na psicologia. (Yin, 1983, p. 21).

Quanto ao uso da linha do tempo “organizações, pesquisadores de diversas áreas de conhecimento e grupos de pesquisa recorrem à *timeline* com o intuito de produzir entendimentos bem fundamentados sobre um assunto atual” (Vallejo, 2020, p. 2). As *timelines*

são desenvolvidas a partir dos eventos da vida de um participante, colocados em algum tipo de arranjo cronológico, com indicação visual do significado ou significado ligado a eventos importantes (Patterson, Markey, & Somers, 2012).

Assim, com base no Modelo de Ryba et al., (2016) serão exploradas as concepções subjacentes ao processo de expatriação internacional e a narrativa, como uma forma de discurso que descreve os fatos reais em sequência do passado (recente ou não), que acompanham as diferentes experiências, darão sentido às vivências nos três momentos preconizados pelo modelo. A entrevista foi o recurso utilizado nesta pesquisa e teve como ponto de partida a vida da atleta, como se tornou atleta, suas motivações para o processo de migração internacional, suas experiências, facilidades e barreiras, fatores mais importantes para moldar o processo de adaptação a uma nova cultura, bem como as estratégias utilizadas para tanto. Vale destacar que as narrativas estarão presentes na conversação durante as entrevistas, no contar e recontar as vivências de expatriação e na expressão gestual da atleta (apontada em um caderno de campo da pesquisadora).

O uso da comparação foi utilizado para compreender as comparações, similaridades e diferenças no processo de expatriação da atleta em diferentes momentos históricos.

A fidedignidade dos dados será realizada por meio de uma triangulação das fontes, a entrevista, o retorno para a atleta do texto do estudo descritivo e os registros de campo.

3.2 Participante

Participou do presente estudo a ex-atleta de basquetebol feminino Helen Cristina Santos Luz, de 49 anos de idade, não mais atuante na modalidade, residente no Brasil, medalhista olímpica, campeã mundial de clubes e seleção e com vários títulos nacionais, estaduais e individuais.

Para a seleção da ex-atleta foram aplicados os seguintes critérios: ter interesse e disponibilidade para participar do estudo, ter sido uma atleta de alto rendimento, ter, ao longo da sua trajetória esportiva, realizado mais de um processo de migração internacional para atuar por uma ou diferentes equipes ou ligas nas temporadas de curto, médio ou longo prazo e ter passado pelo processo de repatriação.

Helen Cristina Santos Luz autorizou a divulgação de seu nome e de suas fotos ilustradas nesse estudo.

3.3 Local das entrevistas

Os dois encontros, o primeiro para esclarecimentos sobre o estudo e o segundo, para a realização da entrevista, foram realizados de forma presencial, na residência da participante, em datas e horários previamente definidos por ela e respeitou às orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) no enfrentamento da COVID-19, ou seja, a utilização de máscaras pela entrevistada e pesquisadora, a manutenção de distanciamento de 2 metros e a utilização de álcool em gel para higienização das mãos.

3.4 Procedimentos

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu, sob o número 58788522.3.0000.0089, a participante selecionada pela pesquisadora foi contatada via aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz, WhatsApp e convidada a participar da pesquisa. Dado o aceite pela participante, foi agendada uma reunião presencial para que fosse prestado maiores esclarecimentos sobre os objetivos, os riscos, os benefícios e os procedimentos que seriam utilizados, permitindo a execução e a corresponsabilidade no desenvolvimento ético da pesquisa.

No primeiro encontro, a participante assinou as duas vias de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (*Anexo 1*), que seguiu as normas do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu e foi informada da possibilidade de risco mínimo em sua participação pelo teor das perguntas e da liberdade de interromper a pesquisa quando desejasse ou se sentisse constrangida e/ou desconfortável com as perguntas, podendo retornar a qualquer momento durante a sua realização. Igualmente, foi esclarecido que a participação na pesquisa era voluntária, que as informações obtidas eram sigilosas e não seriam utilizadas com outras finalidades que não a publicação na literatura científica especializada, resguardando-se a identificação do sujeito, mas que devido ao número reduzido de sujeito delimitado para pesquisa, foi explicado que não seria possível garantir o anonimato com absoluta certeza. Sendo assim, devido a tal possibilidade a entrevistada não se opôs em ter o seu nome e fotos divulgados nesse estudo e autorizou, assinando um Termo de Autorização do Uso de Imagem (*Anexo 2*).

Em relação ao estudo, a participante também foi informada que os relatos poderiam proporcionar-lhe o conhecimento acerca da importância de se investigar os aspectos referentes a expatriação e repatriação, bem como as possíveis implicações psicológicas, comportamentais e de performance, decorrentes do processo de adaptação cultural a diferentes

contextos aos quais as atletas transitam, bem como a oportunidade de conhecer ferramentas e/ou estratégias que facilitem o ajuste psicológico no processo de adaptação cultural, ampliando assim, o nível de consciência sobre o contexto no qual a prática está sendo realizada.

Como previamente estabelecido no primeiro encontro, o segundo encontro ocorreu em sua residência, onde a entrevista transcorreu dentro do tempo disponibilizado pela entrevistada, ou seja, uma sessão de 120 minutos, que foi gravada para garantir que não se perdesse nenhum detalhe da sua contribuição. Igualmente, tanto o conteúdo da entrevista, como as mensagens iniciais para convite e agendamentos, ocorridas via aplicativo *WhatsApp*, foram armazenados nas plataformas em “nuvem” *Google Drive* e *OneDrive* e ficarão sob responsabilidade da pesquisadora por 5 anos.

Todo material coletado foi analisado, transcrito e separado de acordo com cada eixo temático pertinente ao processo de migração internacional e repatriação a ser analisado. A postura da pesquisadora foi de total imparcialidade, de respeito e de sigilo, não ferindo as normas do Comitê de Ética em Pesquisa.

3.5 Instrumentos

Os dados para a presente pesquisa foram coletados por uma entrevista semiestruturada, contendo 4 (quatro) questões sobre os dados biográficos da atleta (*Anexo 2*), bem como as abertas (*Anexo 3*), com a alternativa de inclusão de novas questões sempre que determinadas respostas desencadeiem um novo conceito sobre a temática, e estão estruturadas da seguinte maneira: 7 (sete) questões sobre a motivação para a migração atlética internacional e as questões fundamentadas no Modelo de Transição Cultural de Ryba, Stambulova e Ronkainen, (2016), ou seja, 5 (cinco) questões sobre a fase de pré-transição, cujos questionamentos serão voltados ao preparo prévio da participante para o processo de migração internacional, 12 (doze) questões sobre a fase de adaptação cultural aguda, pertinentes à como ocorreu a recepção no país e na equipe, o engajamento da participante nas práticas cotidianas socioculturais e esportivas do novo contexto e a sua percepção em relação a nova equipe, os desafios encontrados, principais ferramentas e/ou recursos utilizados, sentimentos vivenciados e fatores pertinentes a cultura esportiva que possam ter impactado a adaptação ao país, 6 (seis) questões sobre a fase de adaptação sociocultural, que buscou investigar os aspectos pertinentes ao ajuste à nova realidade, ao sentimento de pertencimento ao novo contexto e o alcance e manutenção do bem estar psicológico. E, por último 2 (duas) questões referentes à repatriação internacional, que

investigou, de forma geral, como ocorreu a repatriação ao país de origem e ao clube e se alguma circunstância em especial impactou ou facilitou a repatriação.

A entrevista foi conduzida pela pesquisadora, sendo que a proposta foi a de que a participante pudesse descrever livremente seus pensamentos, filosofia e experiências em relação aos temas abordados em cada fase do Modelo Temporal de Transição cultural, com a possibilidade de que novas perguntas pudessem serem feitas para estimular o posicionamento frente aos temas tratados. Ao término da entrevista a participante pode expor comentários que pudessem agregar informações sobre os processos de expatriação e repatriação.

Todas as respostas, foram coletadas pela pesquisadora e gravadas em áudio por meio do minigravador de voz digital *Sony Px 240*. Para assegurar a credibilidade das mesmas e, posteriormente, a análise, o material coletado permanecerá sob o cuidado e responsabilidade da pesquisadora e foi guardado em um local de conhecimento apenas da mesma.

3.6 Análise das entrevistas

Os relatos das questões relacionadas a motivação para a migração atlética internacional, foram realizados por meio de uma análise descritiva, organizados de forma cronológica, com o auxílio de uma ferramenta muito similar a organização estrutural de um portfólio, utilizando um banco de imagens fornecidas pela entrevistada e as adquiridas via domínio público nas redes sociais, para resumidamente, mostrar e evidenciar os principais momentos da sua vida no início da carreira esportiva. A segunda etapa, descreveu o processo de migração internacional da atleta e ilustrou as passagens pelos diferentes países pelos quais transitou, bem como o tempo que durou cada transição e o tempo entre uma transição e outra por meio de uma *timeline* (linha do tempo). Posteriormente, os relatos das entrevistas foram analisados de acordo com os parâmetros do Modelo Temporal de Transição Cultural (Ryba et al., 2016) ou seja, as fases de Pré-transição, Adaptação cultural aguda e Adaptação sociocultural, de forma a se compreender as características, conteúdo, narrativas e os aspectos psicológicos subjacentes às diferentes experiências, expressos por desejos, propósitos, planos, ideais, expectativas, medo, etc.

CAPÍTULO IV – RESULTADOS

O escopo dos resultados, apresentará, primeiramente, uma descrição da vida pessoal da Helen, seguido da sua trajetória esportiva, a fim de evidenciar como ocorreu o seu envolvimento com a prática esportiva até a iniciação ao basquetebol, prosseguindo com o desenvolvimento da sua carreira e os processos de mobilidade internacional, apontando as

motivações para que esses processos ocorressem e como surgiu a oportunidade. Na sequência, todos os processos migratórios, envolvendo a expatriação e a repatriação, serão visualizados por meio de uma linha do tempo (*timeline*) e descritos detalhadamente. Para finalizar essa etapa dos resultados, será retratado o término da sua carreira de atleta de alto rendimento.

A próxima etapa dos resultados consiste em descrever, de acordo com as fases do Modelo Temporal de Transição Cultural, as diferentes experiências vivenciadas e externadas por meio das narrativas pertinentes a cada uma das três fases do modelo. Essas narrativas serão analisadas e apresentadas, na íntegra, na sequência de cada figura correspondente as fases do Modelo. E, por último, serão apresentadas as narrativas relacionadas a repatriação.

4.1 Biografia Helen Luz

Fotografia 1 – Helen Luz¹



¹ Fonte da fotografia 1: Ex seleção, Helen Luz busca formar cidadãos. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/noticias/com-tradicao-e-historia-no-basquete-helen-luz-busca-formar-cidadaos-073047845.html>. Acesso em: 10 set. 2022

4.1.1 Vida Pessoal

Helen Cristina Santos Luz nasceu na cidade de Araçatuba, interior do estado de São Paulo, em 23 de novembro de 1972, é graduada em Gestão Pública, com especialização (MBA - *Master Business Administration*) em Marketing Esportivo. Ainda, enquanto jogadora, conheceu o seu marido de nacionalidade espanhola, casou-se em 2004 e oito anos depois teve seu primeiro e único filho.

Helen pertence a uma família com o DNA do basquete, pois o seu pai foi técnico e jogador, as suas duas irmãs também jogaram na seleção brasileira, sendo que a caçula Silvinha, foi medalha de prata nas olímpiadas de Atlanta, bronze em Sydney e bronze nos jogos pan-americanos de Santo Domingo e o seu irmão caçula também é jogador da seleção brasileira e, atualmente, joga por uma equipe da Europa.

Iniciou oficialmente a sua carreira aos 11 anos de idade, jogava na posição de alarmanadora, fez parte uma geração brilhante do basquetebol feminino e ao longo dos 26 anos como atleta, grande parte dedicados à seleção brasileira teve uma jornada vitoriosa, encerrando a sua carreira aos 38 anos de idade.

Atualmente, vive com o marido e o filho em uma cidade no interior do estado de São Paulo e, apesar de continuar relacionada ao contexto esportivo, dedica a sua vida à família.

- “Das minhas ocupações, a que mais amo e que é a mais importante é ser dona de casa, eu amo, eu sempre sonhei em ter a minha família, o meu marido, o meu filho e ser dona de casa, porque eu sou dona de casa, eu que cuido da minha casa, que preparo a minha comida, cuido do meu marido, do meu filho, eu tenho prazer nisso, porque eu acho que o atleta perde muito, principalmente a mulher, por conta da questão das viagens e de abrir mão até da vida pessoal. Eu abri mão da minha vida pessoal porque eu queria ter um filho depois que eu parasse de jogar, então eu tenho muito prazer em fazer isso na minha casa. Poder almoçar e jantar em família, essas coisas que às vezes vai perdendo um pouco o valor nossos avós, a minha mãe fazia isso, além de trabalhar cuidava da gente e nós temos que voltar a dar valor para isso, porque eu acho que começa aí, então isso é uma coisa que amo. Qualquer coisa que venha me impedir de eu ter a minha família dessa maneira que falei, algum trabalho, alguma oportunidade que venha impedir, interferir no meu convívio familiar, porque podem pensar que é uma vida muito simples, muito ordinária, no sentido da palavra não pejorativo, mas é o que eu valorizo muito, então eu sempre coloco a minha família em primeiro lugar. Qualquer decisão que

eu vou tomar, se eu vou estudar, se eu vou ser embaixadora, se eu vou comentar os jogos, a gente decide em família.”

4.1.2 Trajetória esportiva

O primeiro contato com a atividade esportiva aconteceu ainda na segunda infância, ou seja, com 4 anos de idade, quando iniciou a prática da natação, seguida da ginástica artística e atletismo, todas praticadas até os 10 anos de idade.

A começar pelo envolvimento com a natação, tal prática foi iniciada porque seu pai era um profissional da educação física e para ele a natação era importante, assim, obedecendo a vontade do pai, ingressou nas aulas de natação em um espaço pertencente a prefeitura da sua cidade. A princípio, como observado no seu relato, ela não queria ir porque sentia medo, mas devido a sua persistência, adquiriu coragem e seguiu praticando a natação. Helen recorda os sentimentos vividos na ocasião e demonstra na sua fala o quão se sentiu orgulhosa pelo desfecho dessa experiência, abaixo descrita.

- “Eu não queria ir, mas não tinha como escapar porque o meu pai mandava eu ir. Eu morria de medo, tremia, chorava, não queria entrar na água, ia meio que obrigada e saía chorando, mas depois que se pega confiança, o esporte te ajuda com isso, eu virei uma das melhores nadadoras da cidade, tinha até índice para campeonato paulista. Eu e a minha irmã seguimos muito sério na competição da natação, até fomos convidadas para nadar no Esporte Clube Corinthians da cidade e chegamos a competir na região de Araçatuba.”

Em referência a ginástica, ela e a irmã treinavam nos espaços pertencentes à Secretaria Municipal de Esporte de Araçatuba, mas essa prática durou pouco, pois a família não tinha recursos financeiros para a compra de materiais de competição, culminando na desistência.

Quanto ao ocorrido, a fala da Helen indicou um certo conformismo, provavelmente porque praticava outras modalidades concomitantemente e, por isso, a desistência não a tenha frustrado ou afetado negativamente. Tal possibilidade foi observada na leitura corporal no momento da entrevista, quando encolheu os ombros e no relato a seguir.

- “Ah...a gente foi pedir dinheiro para o meu pai comprar o collant e ele não tinha, aí a gente deixou a ginástica. Foi um esporte que encantou.”

No tocante à escolha do pai pela prática do atletismo, ficou claro na sua narrativa, que foi uma forma de preparar Helen e as irmãs para a prática do basquetebol, visto que o atletismo é considerado o esporte-base para outras modalidades esportiva por envolver movimentos naturais, como a corrida, o salto e o lançamento. Ressalta-se, que o treinador do atletismo da secretaria de esportes de Araçatuba era técnico de um dos maiores meio-fundistas do mundo, o atleta Zequinha Barbosa.

- “O meu pai, como ele já via na gente o talento para o basquete, não sei, talvez tenha sido um sonho dele que a gente jogasse, mas ele entendia que o atletismo era importante por causa da coordenação, então ele fazia a gente fazer atletismo também.”

Depois de passar pelas experiências esportivas descritas, chegou então a vez de respeitar novamente a vontade do pai, logo, as irmãs iniciaram a prática do basquetebol. No entanto, independentemente se o pai acreditava que elas tinham talento e estava preparando-as para se tornarem jogadoras da modalidade, Helen gostava de nadar e a prática do basquetebol, nesse momento, era apenas uma brincadeira para ela.

- “A gente na verdade, nadava e jogava basquete, mas o basquete era aquela coisa que para mim era mais uma brincadeira eu gostava mais de nadar, ia no basquete porque o meu pai mandava”.

No início da terceira infância, a sua relação com o basquetebol começou a mudar e essa modalidade, que até então era uma brincadeira, passou a ficar séria, ao ponto de Helen escolher praticar apenas o basquetebol. A explicação dada quanto à sua decisão aponta em direção ao cansaço por conta das disputas na região, mas observa-se na sua fala que, além do cansaço, houve uma influência indireta da irmã devido ao fato delas serem parceiras nas atividades. Contudo, independentemente se a decisão foi por causa do cansaço ou de quem tomou a iniciativa, foi nesse momento que as irmãs se perceberam como jogadoras de basquete. Acontecimentos esses, assim descritos.

- “Você começa a treinar mais, ter mais responsabilidade e como eu e a minha irmã nadávamos e jogávamos basquete, chegou uma hora que a natação ficou cansativa para nós, porque tudo que ela fazia eu fazia também, (risos). Nós não éramos gêmeas, mas vivíamos grudadas, aí a gente ficou só com o basquete e foi nessa idade, de 10 para 11 anos que a gente começou a se descobrir como jogadoras de basquete.”

4.1.3 Iniciação no basquetebol

No início da adolescência, essa autodescoberta culminou com a primeira grande mudança na sua vida e o de uma longa carreira esportiva. Mas curiosamente, não foi por sua causa que tal mudança ocorreu e sim por causa da sua irmã, como observado na narrativa abaixo:

- “Em 1984, no meio do ano, nós fomos disputar um campeonato chamado Joguinhos Abertos do Interior na cidade de Americana SP, eu tinha quase 12 anos e nesse campeonato a minha irmã se destacou muito, foi a melhor jogadora da nossa equipe. Naquele ano tinha a final do mini, que sempre acontecia no colégio Divino e durava uma semana, todas as equipes ficavam alojadas no colégio e o técnico convidou a minha irmã para ir no fim do ano, em dezembro disputar o campeonato mini pelo Divino, ela aceitou o convite e foi a melhor jogadora do campeonato, tanto é que ganhou o troféu girafinha. Na virada do ano, o que aconteceu, o técnico faz o convite para ela ir jogar em Jundiaí e nessa dela ir ou não ir, a minha mãe, decidiu vender tudo que ela tinha em Araçatuba, inclusive, uma casa recém adquirida, deixou tudo para trás.”

Tal mudança foi definida por Helen como “radical”, mas não era motivo de preocupação porque não estava separada da família.

- “Eu estava achando tudo muito legal, diferente e divertido, obviamente que deu aquela sensação de não saber o que a gente ia encontrar lá, mas eu posso falar que foi mais uma sensação do novo surgindo, porque eu queria provar desse novo e como eu estava em família, com a minha mãe e os meus irmãos, eu acho que consegui, conseguimos, enfrentar bem isso. Eu não vou falar que eu não tive medo e que foi maravilhoso, porque eu tive medo do desconhecido, mas ao mesmo tempo, nós queríamos ir, então como eu estava com a família nessa primeira mudança, eu diria que foi um pouco mais tranquilo.”

O contexto referido acima, Colégio Divino Salvador, que desde o ano 1968 possuía um projeto com equipes formadas nas categorias de base e adulta e o trabalho por ali realizado auxiliou na formação de grandes nomes do basquete feminino, como Paula e Janeth. O Divino/Jundiaí, como era conhecido, encerrou as suas atividades com o basquetebol feminino no ano de 2017.

Em relação ao convite feito à irmã, inicialmente foi para jogar as finais de um campeonato, já o segundo, foi para integrar a equipe ao longo de toda temporada e sendo o colégio reconhecido como um contexto formador e lapidador de atletas, muito provavelmente ela seria treinada e futuramente inserida em outras categorias, como o infantil e o juvenil, até chegar na categoria adulta. Entretanto, para que o convite fosse aceito e essa possibilidade acontecesse, mais uma vez o pai se posicionou por entender que a Helen também tinha talento, o que fica claro na sua narrativa.

- “O meu pai falou que a minha irmã só ia se eu também fosse e ele falava para o técnico:
- “Leva que essa também, porque ela vai ser melhor, essa vai ser melhor que a irmã.”
Porque o meu pai já via na gente um talento para jogar e foi aí, logo no começo do ano de 1985, que nos mudamos para Jundiaí e estudamos no próprio colégio. Começamos a nossa vida, digo isso, porque foi realmente uma mudança drástica, de sair do interior só com a minha mãe e irmãos porque os meus pais eram separados e ir para uma cidade diferente, longe de toda a sua família, só com a minha mãe.”

Ao se referir a mãe, observou-se que o sentimento era de orgulho e gratidão, como descrito abaixo:

- “A minha mãe, por isso que eu falo, se não fosse a minha mãe a gente, até fico emocionada, não teria conquistado nada, porque muitos falam que foi o meu pai, mas eu acho que o meu pai deixou a genética, mostrou o esporte, que foi importante como professor, jogador e técnico de basquete, mas quem tomou conta, se dedicou e acreditou, foi realmente a minha mãe.”

Fotografia 2 - Jundiaí²



4.1.4 Desenvolvimento da Carreira

A insistência do pai para que as filhas praticassem modalidades esportivas, segundo a sua percepção, importantes para o desenvolvimento no esporte, em específico o basquetebol, somado a condição de autorizar a ida de uma, se as duas irmãs fossem jogar na equipe e a coragem da mãe, que mudou de cidade, apoiou e se dedicou a carreira esportiva das filhas, foram decisões e atitudes que proporcionaram o início do desenvolvimento de carreira da Helen no basquetebol.

- “Então, a gente foi para Jundiaí e ali começou tudo, a minha irmã jogando o campeonato, eu jogando o mini, fui campeã, aí a gente começou a se destacar, não tinha como, era um campeonato mini, depois o mirim, a gente ficou três anos em Jundiaí, que 1985,1986 e 1987.”

Helen ressalta o sentimento de gratidão pelo técnico Borracha da equipe de Jundiaí, porque mesmo não a conhecendo, acreditou nela e pelo Padre Olivo, diretor da equipe, grande amante e incentivador do basquete feminino.

- “O Borracha foi um cara que ajudou muito a gente, ele era jovem e acreditou em mim, principalmente porque as pessoas conheciam a minha irmã, queriam ela, não me conheciam, mas eu também queria ir para Jundiaí, eu adorava jogar. Então nós fomos, jogamos juntas pelo colégio Divino Salvador e foi onde tudo começou, por isso, sou

² Fonte da foto 2: Cedida pela Helen - Divino/Jundiaí - 1987

muito grata ao Borracha por ter acreditado em mim e ao padre Olivo, porque ele recebeu a gente no colégio, deu estudo para nós e abriu as portas para a minha mãe trabalhar lá. A gente estudava no colégio, morava ao lado e fazia a nossa vida ali e se não fosse por essas pessoas incríveis, que deram a oportunidade, talvez não teríamos conquistado tudo que a gente conquistou.”

Já na adolescência e após três anos jogando pelo colégio Divino Salvador, outra mudança mobilizou a família, Helen e a irmã se destacaram nos campeonatos, chamaram a atenção e receberam o convite de outra importante equipe do basquetebol feminino paulista, a UNIMEP, posteriormente denominada BCN, da cidade de Piracicaba- SP, comandada por duas das mais vitoriosas e renomadas técnicas do basquetebol feminino, Maria Helena e Heleninha. A mudança se concretizou e Helen defendeu a equipe até o ano de 1991.

- “Nós nos destacamos nas categorias de base em Jundiaí e recebemos o convite para jogar com a Maria Helena e a Heleninha e em 1988 fomos para Piracicaba, novamente, minha mãe e a gente, os quatro filhos, a minha outra irmã já jogava, já se destacava no mini. E aí mudamos de novo e seguimos carreira.”

Fotografia 3 – Helen Luz³



Após jogar por duas grandes equipes do basquetebol feminino no início da sua carreira esportiva, ao longo dela, Helen continuou jogando em importantes equipes do basquetebol brasileiro, tais como o BCN e Unimed/Piracicaba, Ponte Preta/Campinas, Seara/Americana,

³Fonte da foto 3: Cedida pela Helen - BCN - 1989

Arcor/Santo André e Paraná Basquete. Já, entre os principais títulos pelas equipes que jogou, estão o de Bicampeã Mundial e os de Tetra campeã paulista e brasileira.

Na seleção brasileira, a sua primeira convocação ocorreu ainda nas categorias de base, no ano de 1989, dois anos depois foi convocada para a seleção na categoria adulta para a disputa do campeonato Sul-americano. A partir de então, a sua trajetória, ao longo de 20 anos, vestindo a camisa da seleção brasileira foi marcada por momentos inesquecíveis, como o histórico título do campeonato mundial na Austrália e a medalha de bronze nas olímpiadas de Sidney e ainda, como parte de uma trajetória vitoriosa, participou das olímpiadas de Barcelona, a primeira na história do basquete feminino e a de Atenas, onde conquistou o honroso 4º lugar.

A sua passagem pela seleção brasileira, bem como o seu comprometimento e profissionalismo foi reconhecido pelo técnico espanhol Carlos Colinas, que dirigiu a seleção no mundial de seleções no ano de 2010. De acordo com a narrativa da Helen:

- “Eu não sei se já comentei, mas uma das maiores alegrias que eu tive na minha carreira, obviamente que os títulos e medalhas, foram importantes, mas foi o reconhecimento do Colinas, quando trabalhamos juntos no mundial de 2010. Nós treinamos aqui no Brasil e no final do campeonato, ficamos em nono, não fizemos um bom campeonato, mas ele chegou para mim e falou que eu tinha sido a melhor atleta com que ele tinha trabalhado, uma das atletas mais profissional que ele conheceu. Então, isso para mim, saber que eu fiz tudo, dei o meu melhor em tudo, nunca deixei de fazer o que foi pedido para depois, nunca desrespeitei ou me revoltei com um comando técnico e fui reconhecida por isso, pelo meu profissionalismo e dedicação vestindo a camisa da seleção, me deixou muito feliz, com o sentimento de dever cumprido. Eu me emociono quando lembro das palavras dele.”

Helen também obteve títulos individuais importantes, tais como: melhor jogadora das categorias de base infantil e juvenil, seleção de ouro e revelação do campeonato da categoria adulta, promovidos pela FPB (Federação Paulista de Basquetebol) e melhor jogadora da Liga Nacional na temporada 1998/1999. Defendendo a seleção brasileira, foi a melhor jogadora, arremessadora de três pontos, assistência e máxima pontuadora da Copa América em 2001 e melhor jogadora do campeonato Sul-americano no ano de 2004. Ressalta-se que a alta performance da atleta nas quadras culminou com o convite para atuar na liga norte-americana WNBA no ano de 2000 e partir do aceite ao convite, Helen iniciou uma nova fase da sua carreira, a trajetória migratória internacional.

4.1.5 Migração internacional

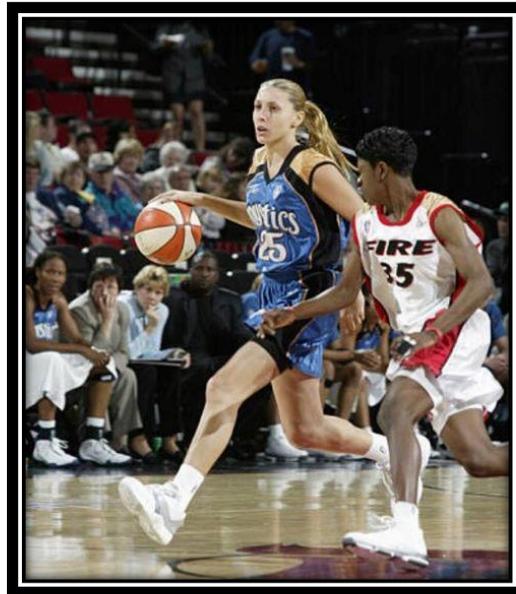
Enquanto jogava pelas equipes no Brasil, Helen não tinha o desejo de defender equipes no exterior, pois de acordo com ela, os campeonatos no Brasil eram competitivos. Contudo, após atletas brasileiras terem passado pela experiência de jogar em equipes da WNBA, tal possibilidade começou a ser cogitada, porquê:

- “Na verdade, na época que eu jogava no Brasil eu nunca pensei em jogar fora, mas com a questão da globalização, dessa facilidade de você poder atuar em outros países sendo a Janeth, que era da minha geração, mais próxima a minha idade, que abriu as portas, depois a Alessandra, que foi para a Itália depois que jogamos juntas em Santa Bárbara em 1997. Então, para mim essas jogadoras foram referências em jogar fora do país, e aí você começa a observar as oportunidades e começa a surgir o interesse. Elas foram pessoas que me influenciaram, que abriram as portas e um pouco a mente, no meu caso como atleta, o interesse em jogar fora. As ligas também cresceram, o intercâmbio aconteceu, as oportunidades apareceram, a questão da globalização facilitou muito a ida para jogar fora do país, mas foi o pioneirismo da Janeth, depois a Alessandra que me inspirou e eu fui atrás porque queria muito viver essa experiência de jogar no basquete americano e europeu.”

E foi no ano de 2001, aos 28 anos de idade, que Helen passou pela primeira experiência de jogar por uma equipe do exterior, ao defender o Washington Mystics pela liga norte-americana, WNBA. Entretanto, o convite feito à atleta ocorreu no ano de 2000, mas por causa dos jogos olímpicos em Sidney, competição na qual a seleção brasileira conquistou a medalha de bronze, a decisão de jogar na WNBA foi adiada, e somente no ano de 2001 concretizada.

- “Eu falei que não ia em 2000, porque eu queria me dedicar a seleção por causa da Olimpíada de Sidney. Não me arrependo porque foi onde a gente conquistou a medalha de bronze. No ano seguinte eu falei, não agora eu quero ir, eu quero ir, eu quero viver essa experiência porque era um campeonato que estava se fortalecendo, era um campeonato, uma liga recente de apenas quatro anos e eu falei, não, eu quero ir porque já tinha algumas brasileiras que tinham passado por lá e aí eu tomei a coragem para ir e a decisão de jogar nos Estados Unidos.”

Fotografia 4 – Washington Mystics ⁴



Quando questionada sobre como ocorreu tal oportunidade e qual foi a motivação para aceitar o convite, Helen esclareceu

- “Então, quando você joga, você acaba sendo vitrine para o mundo e os agentes, que são profissionais, se colocam em contato com você para te agenciar, justamente para te dar mais opção de trabalho e não ficar só naquela coisa doméstica. Aí conheci um agente espanhol e ele me colocou uma oportunidade de trabalho, de eu estar conhecendo uma liga nova. Até então, os Estados Unidos, apesar de ser o país do basquete, a liga feminina era uma liga nova.”

A partir de então, Helen defendeu a equipe do Washington Mystics nas temporadas de 2001, 2002 e 2003, sendo que no ano de 2003 alternou entre a temporada americana e europeia, atuando durante três meses pela equipe espanhola de Zaragoza, em 2003, pela equipe Russa Novosibirsk, na temporada 2004, retornando para a temporada espanhola 2005-2006, pelo UB-FC Barcelona, depois pelo Rivas Vaciamadrid, temporada 2006-2007, na sequência, pelo Cadi La Seu, temporada 2007-2008 e a sua última temporada, 2008-2010, pelo Hondarribia-Irun, totalizando 10 (dez) processos de migrações internacionais.

Destaca-se que, durante grande parte da sua trajetória esportiva em clubes do exterior, Helen não deixou de atender às convocações da seleção brasileira. e se organizou para tanto.

⁴ Fonte da foto 4: Cedida pela Helen - Washington Mystics - 2001

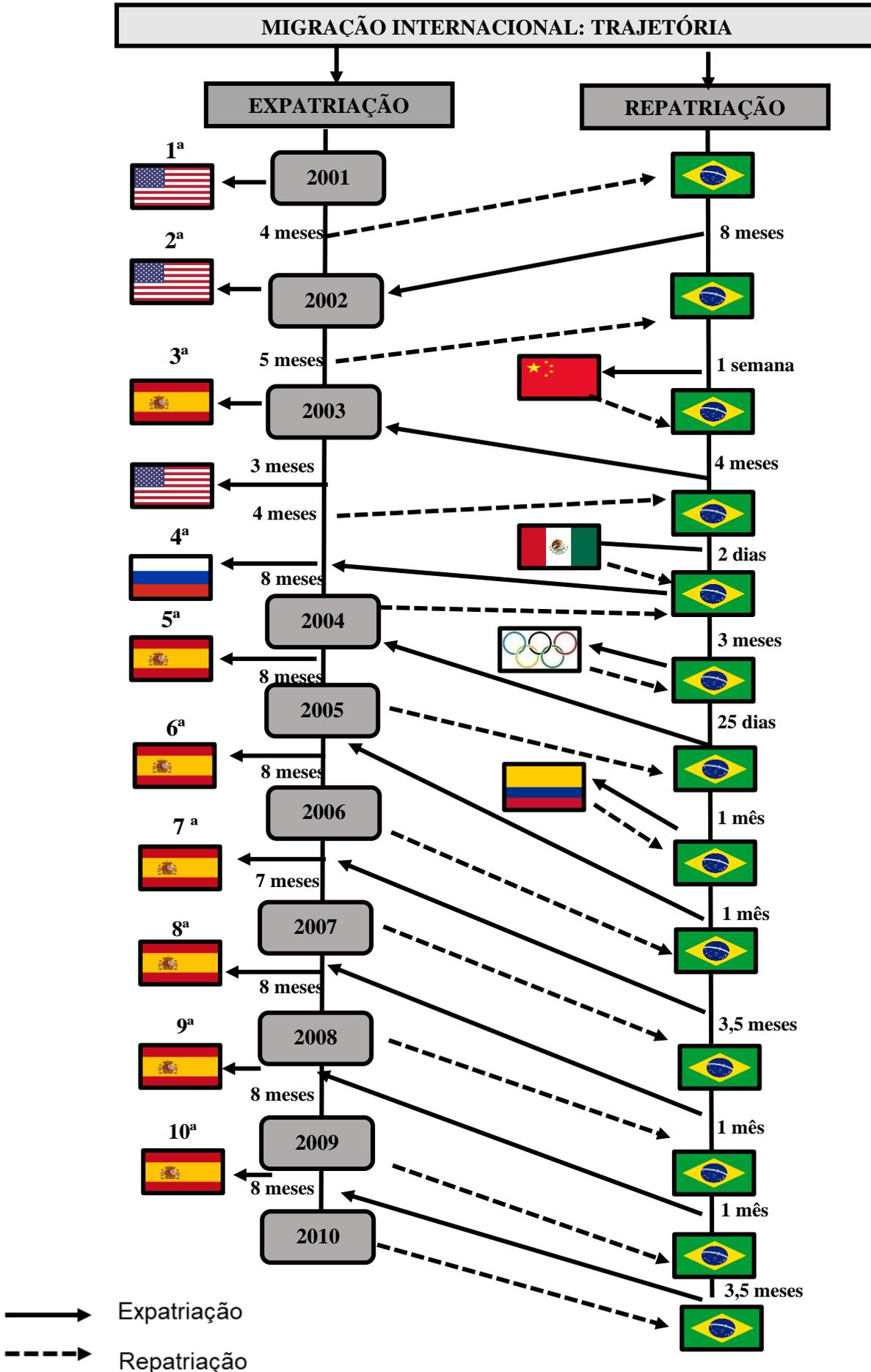
Apenas nos anos de 2007 e 2008, depois de 20 anos servindo à seleção brasileira, a atleta deu uma pausa, devido ao ritmo intenso das transições, da necessidade de descanso e de se dedicar a família, retornando para a seleção em 2009.

Exemplo da importância dada em servir à seleção brasileira pôde ser observado na recusa ao convite feito para jogar na WNBA, no ano de 2000, ilustrada anteriormente nesse capítulo, e no seu posicionamento, abaixo descrito.

- “Desde pequena eu queria ser atleta da seleção brasileira e eu não abria a mão disso. Eu ficava sempre na expectativa de sair a convocação, a programação, os treinamentos, então isso era um estímulo para eu fazer um bom campeonato e ser convocada. Mesmo sabendo que eu seria convocada, pois depois de um tempo devido a sua performance, você já adquire o seu espaço na seleção, mas isso nunca me desestimulou durante as temporadas, porque estamos representando o nosso país, a nossa modalidade e têm crianças que se espelham na gente, não tem coisa melhor do que servir à seleção brasileira.”

Os relatos envolvendo os processos de expatriação e repatriação ao longo da trajetória de migração internacional da Helen, estão detalhados, cronologicamente, na *timeline* a seguir. Ressalta-se que as expatriações ocorridas quando a atleta atendeu às convocações da seleção brasileira estão identificadas apenas para registro de tempo, deslocamento e permanência nos países entre as transições.

Figura 2 - Timeline da Mobilidade Internacional



Antes da sua primeira expatriação, no ano de 2001, Helen atuava pela equipe do Paraná Basquete (PR) e, ao término do seu compromisso com a equipe, foi para os Estados Unidos participar do *Training Camping* da equipe Washington Mystics, (DC), (local destinado a treinamento e competição, para a escolha das atletas que iriam compor a equipe na temporada).

Quanto à necessidade de passar pelo processo de escolha, Helen explica:

- “No meu primeiro ano, o *Training Camping* era para ver se eu ia ficar na equipe, não é porque me escolheram, que eu já estava na equipe. Eram muitas atletas, mas eu fiquei entre as 13.”

Assim, Helen ficou por quatro meses nos Estados Unidos e, ainda no ano de 2001, repatriou para continuar jogando pela equipe do Paraná Basquete (PR) e pela seleção brasileira, permanecendo no Brasil por oito meses.

Na segunda expatriação, no ano de 2002, Helen defendia a equipe de Americana (SP) e retornou para a equipe do Washington Mystics (DC), mas não passou pelo mesmo processo seletivo descrito anteriormente, ou seja:

- “Na segunda vez que fui no *Training Camping* eu fui para treinar com a equipe, pois já que eu era parte do time, eu fui treinar, mas esse treino era para ver se eu ficaria na equipe ou iria para outra.”

Novamente escolhida como atleta do Washington Mystics, jogou pela equipe durante cinco meses, pois nessa temporada a equipe disputou os *playoffs* (jogos finais) da conferência, e repatriou em seguida, para jogar na equipe de Americana.

Na segunda repatriação, o período de permanência no país foi curto, devido à convocação para a seleção brasileira, que disputaria o campeonato mundial de seleções na China. Helen treinou uma semana, embarcou para disputar a competição, que durou 21 dias e, em seguida, retornou ao Brasil, onde ficou por 4 meses.

A terceira expatriação ocorreu logo no início do ano de 2003, quando em dezembro de 2002 recebeu uma proposta do seu agente para defender, por 3 meses (janeiro a março) a equipe do Filtros Mann Zaragoza, na Espanha, em substituição a outra brasileira. O convite foi aceito, e visto como um desafio para a atleta.

- “Nossa, Europa vai ser legal, eu quero ir, assim... deve ser bom, vamos para a Europa, vou aceitar esse desafio.”

Após o fim da competição pela equipe europeia, Helen embarcou direto para os Estados Unidos, a fim de disputar a sua última temporada pela equipe do Washington Mystics e, diferente das duas temporadas anteriores, desta vez não passou pela fase de treinamento porque já era atleta da equipe. Quanto ao fato de ser a última temporada, ela explica que foi uma opção, pois a passagem pela liga americana já tinha servido como experiência:

- “Era muita concorrência, eu já estava com 30 anos e eles estavam trazendo as meninas mais novas, então eu não ia ficar ali brigando por lugar com uma menina mais nova. Quando eu fui eu estava no auge, com 30 já era para que, para não jogar, para ficar de décima terceira? Então, como eles já vão preferindo as mais novas, eles já fazem essa renovação na equipe também, eles não ficam ali martelando, com uma atleta ou outra. É difícil, ainda mais se é uma americana, uma jogadora que já foi draftada, que faz parte da franquia, mas eu não era jogadora draftada, eu era jogadora que tinha passado pelo *Training Camp*.”

Depois de 4 meses da temporada americana, repatriou ao fim de agosto, para atender à convocação da seleção brasileira que disputou o campeonato Pré Olímpico, no México. Helen treinou durante um mês com a equipe no Brasil, viajou em seguida para a disputa da competição, que durou 15 dias, retornou ao Brasil, onde permaneceu por 2 dias, e viajou para a Espanha, dando início à sua quarta expatriação.

- “A minha vida e o meu guarda-roupa eram as minhas malas, porque eu só trocava a roupa, dependendo do lugar que eu ia.”

A rápida parada no Brasil ocorreu porque antes de realizar a sua quarta expatriação para a capital da Sibéria, local onde está situada a equipe do Dínamo Novosibirsk, Helen foi até Zaragoza, onde se encontrou com o marido, ficou por 2 dias, e embarcou para a Rússia, para disputar o campeonato local, entre outubro de 2003 a maio de 2004.

Ao término da liga, Helen retornou para a Espanha, se casou no dia 05 de maio, na cidade de Zaragoza, e repatriou.

- “Em uma semana sai da Rússia, fui para a Espanha, me casei, vim para o Brasil, e já me apresentei à seleção brasileira, para me preparar para as olimpíadas de Atenas.”

Em junho do mesmo ano, Helen se apresentou à seleção brasileira, treinou por 3 meses, viajou para as Olimpíadas, em Atenas, onde competiu aproximadamente por 20 dias, retornou

para o Brasil e, após 25 dias no país, realizou a sua quinta expatriação para jogar na equipe do Barcelona na temporada 2004-2005. Em maio de 2005, repatriou novamente, para atender a mais uma convocação da seleção, treinou por um período de 30 dias, viajou para disputar o campeonato Sul-americano, realizado na Colômbia, e retornou ao Brasil após a competição, para mais um período de 30 dias de férias.

Após as férias, ainda no ano de 2005, realizou o sexto processo de expatriação, ao se reapresentar à equipe do Barcelona, onde jogou por mais uma temporada de 8 meses. No fim de maio de 2006, repatriou para atender novamente à convocação da seleção brasileira, dessa vez para a disputa do campeonato Mundial de Seleções, realizado no Brasil do dia 12 a 23 de setembro, e entre o período de treinamento e competição permaneceu no país por 3 meses e meio. Depois do seu compromisso com a seleção, Helen retornou para a Espanha, no fim de setembro de 2006 e passou pelo sétimo processo de expatriação, para defender a equipe do Rivas Vaciamadrid, na temporada 2006-2007, que durou 7 meses, em seguida repatriou no fim de abril de 2007.

Nesse retorno já havia uma convocação para a seleção brasileira, mas Helen, pela primeira vez em sua carreira, pediu dispensa para tirar férias de 1 mês e explicou o motivo.

- “Quando terminou a temporada de 2007 eu estava esgotada, precisava descansar.”

No mês de junho do mesmo ano, Helen expatriou pela oitava vez, ao retornar à Espanha para jogar mais uma temporada de 8 meses pela equipe Cadi La Seu d’Urgell, repatriando ao seu término, em 2008. Ressalta-se que, nesse ano, Helen também optou por não servir à seleção brasileira, e novamente permaneceu no país para mais um período de 30 dias de férias.

Após o período de férias, a atleta expatriou pela nona vez, e foi jogar pela equipe, também espanhola, Hondarribia-Irun, cuja temporada foi de 8 meses. Em seguida, repatriou em setembro de 2009, para mais um período de férias, mas dessa vez, atendendo a um pedido pessoal de um membro da comissão técnica, a atleta se apresentou à seleção brasileira que disputou a Copa América, também realizada no Brasil, e entre o período de treinamento e competição, a sua permanência no país foi de 3,5 meses.

A décima expatriação da atleta ocorreu ao término da Copa América, quando voltou para a equipe de Hondarribia-Irun, para disputar a sua última temporada na Espanha, que também foi de 8 meses. Em abril de 2010 Helen repatriou para encerrar a sua carreira na equipe da cidade de Americana- SP.

Observa-se, que ao fim da sua trajetória de migração internacional, para defender equipes da Europa e dos Estados Unidos da América, Helen passou por 10 processos de

expatriação e repatriação. Igualmente, o tempo médio de permanência na temporada americana foi de 5 meses e na europeia 8 meses, já o tempo de permanência no Brasil entre uma repatriação e outro variou muito, sendo que o tempo máximo de permanência foi de 8 meses e o mínimo de 2 dias.

4.1.6 Término da carreira como atleta de alto rendimento

Aos 38 anos de idade, Helen anunciou o término da sua vitoriosa e respeitada carreira esportiva. A sua dedicação, respeito e comprometimento para com o basquetebol feminino lhe rendeu uma justa homenagem da Confederação Brasileira de Basquetebol, ocorrida no intervalo da final da Liga de Basquete Feminino em fevereiro de 2011. Na ocasião, recebeu todo o apoio, carinho e reconhecimento pelos 20 anos dedicados ao basquetebol feminino.

A sua importância no cenário esportivo foi destacada na fala de dirigentes, atletas e técnicos nos relatos abaixo, extraídos da página do PBF (Painel do Basquete Feminino)⁵.

“A Confederação Brasileira de Basketball agradece a Helen Luz pelos vinte anos dedicados à seleção do Brasil. Helen é um exemplo para todas as gerações do basquete. Sua dedicação, talento, garra e profissionalismo jamais serão esquecidos. Uma líder nata, esteve presente em grandes conquistas do nosso esporte não só com sua habilidade nas quadras, mas com o equilíbrio e disciplina que fez dela uma grande capitã. Obrigado, Helen!” (Carlos Nunes, presidente da Confederação Brasileira de Basketball).

“A Helen foi uma atleta muito importante para o Brasil. Grande companheira, uma pessoa de excelente índole e com um talento maravilhoso. A precisão nos arremessos de três pontos dela impressionou a todos. Fomos companheiras de quarto na primeira seleção adulta dela e pude acompanhar sua evolução e sua conduta sempre correta e amiga” (Hortência Marcari).

“Desde pequena a Helen é determinada, prestativa, enfim, um exemplo de menina. Tenho muito orgulho de tê-la acompanhado nos primeiros passos no esporte, dos 11 aos 15 anos. Trabalhei com ela outras vezes (em Paulínia, Americana e no Paraná) e posso dizer que ela nunca mudou sua essência. Na última experiência juntos, no campeonato

⁵ Painel do Baquete Feminino - Basquete Brasileiro Agradece a Helen Luz. Disponível em: <http://pbf.blogspot.com/2011/02/basquete-brasileiro-agradece-helen-luz.html>. Acesso em: 21 set. 2022

Mundial do Brasil, em 2006, Helen me ajudou bastante com sua vivência. Enfim, foi uma felicidade para mim conhecer não só a Helen, como toda a família Luz”, elogiou Norberto José “Borracha”, primeiro técnico de Helen, no Colégio Divino Salvador, em Jundiaí.

“Nos nove anos em que trabalhei com a Helen na seleção, ela sempre foi titular, tanto por sua qualidade técnica como pela postura dentro e fora da quadra. É um exemplo de comportamento a ser seguido por todos”, explicou Antônio Carlos Barbosa, técnico da seleção brasileira feminina adulta de 1997 a 2006.

“É sempre difícil encerrar um ciclo, ainda mais de uma carreira tão bem-sucedida como a da Helen. Mas como foi uma decisão bem pensada e planejada, ela vai passar muito bem por essa fase de adaptação. Comigo foi assim. A gente precisa primeiro de um tempo para curtir a folga da vida de atleta. Depois, sentimos saudades da quadra e, com o tempo, aproveitamos a nova fase. Boa sorte, Helen!”, comentou Janeth Arcain, ex-companheira de Helen na seleção, que encerrou a carreira como jogadora nos Jogos Pan-Americanos de 2007.

“A Helen foi uma das atletas de maior equilíbrio emocional com quem trabalhei. Além de grande habilidade técnica, uma pessoa acima de tudo, elegante, dentro e fora de quadra” (Miguel Ângelo da Luz, técnico campeão mundial em 1994).

Após o término da carreira como atleta, o seu envolvimento com o basquetebol continuou, no entanto, a sua expertise, experiência e dedicação foram direcionados a organização para que o Projeto Social Cesta de Três, fundado no ano de 2007 em parceria com a irmã, pudesse iniciar as suas atividades. Assim, com o objetivo de compartilhar a experiência adquirida dentro e fora das quadras, com as crianças e jovens interessados em aprender e praticar o basquetebol, em 2014 Helen iniciou as atividades no referido projeto, onde atua como coordenadora.

Em relação ao projeto, Helen esclareceu:

- “O projeto Cesta de Três é a minha paixão, estou realmente devolvendo para a sociedade as oportunidades que tive na minha vida como atleta, e despertando neles (nas crianças) um sonho, para um dia, quem sabe, ter oportunidades de realizar os seus sonhos, seja como atletas ou pessoas, vencedoras.”

Atualmente, além das atividades com o projeto social, Helen é comentarista da Liga de Basquete Feminino (LBF), do Novo Basquete Brasil (NBB) e da *National Basketball Association*, (NBA) na temporada 2022/2023, pela ESPN (*Entertainment and Sports Programming Network*) e é embaixadora da *NBA Basketball School*, um programa de alcance mundial, desenvolvido pela NBA, que visa compartilhar o método de ensino do basquetebol com crianças e jovens nos contextos clubes e escolas.

4.1.7 Modelo Temporal de Transição Cultural

4.1.7.1 Fase de pré-transição: principais características

Na figura a seguir serão apresentados as respostas quantos às questões pertinentes a fase de pré-transição, organizadas por cada expatriação (coluna 1), direcionadas ao tempo, em termos de dias, semanas e meses para a finalização do processo de transferência e chegada ao país anfitrião (coluna 2), se havia ferramentas para buscar informações prévias e como ocorreu tal busca (coluna 3), se considerou buscar tais informações e quais eram relevantes (coluna 4), se havia algum tipo de expectativa para jogar em equipes fora do país (coluna 5) e se durante a fase de preparação houve alguma ocorrência positiva ou negativa (coluna 6).

Figura 3 - Fase de Pré transição

Expatriações	Processo de transferência	Acesso às informações	Informações relevantes	Expectativas	Ocorrências positivas e negativas
1ª	35 dias	Sim - Atletas Agente Visita anterior com a seleção brasileira	Sim - Equipe/técnico, informações legais, contratuais e de entrada	Conseguir jogar na liga, fazer o melhor, ajudar a equipe, adquirir experiência, evoluir e retornar para mais uma temporada	Contrato com equipe no Brasil, apoio da família e organização nos trâmites legais Passar pelo <i>Training Camp</i> Comentários negativos sobre a liga e equipe
2ª	7 dias	Experiência anterior	Retornou à equipe	Permanecer na equipe, melhorar defensivamente, se adaptar à nova posição e ter mais tempo de jogo	Contrato com equipe no Brasil e apoio da família; passar pelo <i>Training Camp</i> Incerteza quanto a permanência na equipe
3ª	20 dias	Sim - Agente e atletas	Sim - Equipe/técnico, informações legais e contratuais	Conhecer o campeonato, conseguir jogar voltar para jogar novamente na liga	Apoio família, agente, organização nos trâmites legais para documentação e visto de trabalho
4ª	40 dias	Limitadas - Internet	Sim - Equipe/técnico, clima, informações legais, contratuais e de entrada	Poder viajar acompanhada do namorado, jogar bem, estar entre as titulares e suportar o frio	Organização nos trâmites legais para documentação e visto de trabalho e excelente proposta financeira. Preocupação com a baixa temperatura
5ª	RG Comunitário 10 dias	Sim – Agente, Marido Experiência anterior	Sim - Equipe/técnico, contrato	Ser campeã, retornar para jogar mais uma temporada e ter boa performance	Contrato previamente firmado e tranquilidade por não jogar mais como estrangeira
6ª	RG Comunitário 10 dias	Experiência anterior	Retornou à equipe	Ser campeã e ter boa performance	Contrato previamente firmado
7ª	RG Comunitário 10 dias	Sim - Agente/Marido	Sim - Equipe/técnico e contrato	Retornar para jogar mais uma temporada e ter boa performance	Não
8ª	RG Comunitário	Sim - Agente/Marido	Sim - Equipe/técnico Contrato	Retornar para jogar mais uma temporada e ter boa performance	Não

9ª	RG Comunitário 10 dias	Sim - Agente/Marido	Sim - Equipe/técnico e contrato	Retornar para jogar mais uma temporada e ter boa performance	Não
10ª	RG Comunitário10 dias	Sim - Agente/Marido	Retornou à equipe	Ser campeã e ter boa performance	Não

Os dados mostram que durante a fase de pré transição, no que diz respeito ao tempo de transferência, desde a decisão de migrar internacionalmente até o deslocamento ao país anfitrião (coluna 1), na 1ª expatriação o prazo médio de 35 dias foi o necessário para a abertura do processo de imigração para trabalho junto ao USCIS (*United States Citizenship and Immigration Service*), seguido da apresentação da documentação perante o Consulado do Brasil. Já na 2ª expatriação, foram necessários 7 dias para organizar a viagem de retorno ao país, pois:

- “Quando fui pela primeira vez jogar nos Estados Unidos eu corri apenas atrás de passaporte e visto, porque eles me enviaram a documentação para tirar o visto de trabalho, só aguardei a finalização do processo. As demais vezes que voltei, por já ter o visto de trabalho foi mais fácil, mesmo assim eu contratei uma pessoa para fazer a documentação para mim.”

Em relação à 3ª e à 4ª expatriações, a primeira para a Europa, no caso Espanha, seguida da Rússia, observou-se que o tempo também está relacionado ao cumprimento do prazo para finalização dos trâmites legais exigidos, sendo que para a Espanha foi menor em relação à realizada para a Rússia, porque:

- “Para a Europa foi mais fácil, não precisa de visto e no meu caso, que fui para a Espanha e fiquei por três meses, não precisou, entrei direto para a equipe. O clube me mandou a passagem, preparou tudo e em 20 dias tudo estava resolvido, até a minha ida ao consulado foi tranquila. Já para a Rússia, para entrar no país eu e o meu marido, tivemos que fazer o teste de HIV e eu ter o visto de trabalho, mas correu tudo bem. Os trâmites, inclusive o envolvendo o acerto de valores, proposta e assinatura de contrato demorou entre um mês e um mês e meio.”

Da 5ª a 10ª expatriação, todas para a Espanha, não houve nenhum prazo para finalização dos trâmites legais, porque:

- “Quando eu retornei para mais uma temporada na Espanha em 2004 para jogar na equipe do Barcelona eu estava casada, meu marido é espanhol, e já tinha uma identidade de comunitária, tipo um RG, só que o meu era como cidadã comunitária, eu podia até morar lá, não tive mais que aguardar documentação, joguei como comunitária.”

No que concerne às ferramentas de busca das informações prévias, sobre o país e a nova equipe, bem como quais eram relevantes (colunas 2 e 3), na primeira expatriação, inicialmente, buscou-se obter informações sobre as questões legais e contratuais, ou seja, visto de trabalho, remuneração, moradia e alimentação, respectivamente, seguida das pertinentes ao clube pelo qual Helen jogaria, especificamente voltadas ao técnico, atletas integrantes da equipe, em qual posição jogaria, horário e tempo dos treinos, entre outros. Para tanto, o seu agente foi a principal fonte de tais informações.

- “Na época foi o meu agente que passou informações importantes sobre o contrato com a equipe e sobre a franquia WNBA porque tinha as leis de trabalho, impostos, seguro de vida, de saúde, essas coisas importantes. E também sobre o time e quem era o técnico e as principais jogadoras foi ele que me deu todo suporte.”

Com as questões acima definidas, Helen buscou informações sobre as características de jogo da equipe, sistema de disputa, principais adversárias, bem como se o seu estilo de jogo se encaixaria na equipe. Para isso, procurou as atletas brasileiras que disputaram a liga e as americanas, companheiras de equipe no Brasil.

- “Eu ouvi diferentes comentários sobre o estilo de jogo, perfil do técnico e atletas, estrutura da equipe e também tive muita sorte, porque duas americanas que estavam no Brasil jogando na minha equipe, eram dessa equipe (Washington Mystics) nos Estados Unidos e elas me ajudaram muito, fui mais tranquila por saber que o meu estilo de jogo se encaixaria.”

Na sua 2ª expatriação, apesar da experiência anterior na liga, e de saber que retornaria para a mesma equipe, Helen buscou informações prévias, por causa do processo seletivo, já descrito anteriormente, pois sabia da possibilidade de mudança de atletas e que essas mudanças poderiam acontecer, inclusive, no meio do campeonato. Igualmente, por meio do seu agente, também tomou conhecimento que a equipe não seria mais dirigida pelo australiano Ton Mayer, mas sim pela sua assistente Mariana Stanley, que permaneceu como técnica, no seu segundo e terceiro ano na liga.

- “Para não ser pega de surpresa como na primeira temporada, quando achei que já era atleta da equipe, procurei o meu agente antes de viajar e fiquei sabendo que ia voltar para o Washington porque nenhum time me queria e o Washington não queria

me trocar, que o técnico não era mais o Ton e que eu ia ter que fazer os treinamentos pré-temporada.”

Na 3ª expatriação, a primeira para a Europa, Helen também teve a preocupação em obter informações sobre a equipe e o técnico, mas não conseguiu porque eram informações que não constavam na internet. Contudo, o seu agente, a sua irmã e outras jogadoras brasileiras, que haviam passado pela experiência de jogar na Espanha, compartilharam informações sobre a organização do campeonato, estilo de jogo e um pouco sobre a cultura.

- “Chegou uma oferta no fim de dezembro para eu substituir uma brasileira que tinha mudado de equipe, em Zaragoza, por três meses e era a Europa. No começo de janeiro fui, mas não conhecia ninguém, só algumas jogadoras da gente jogar contra na seleção, foi a minha irmã, que já tinha jogado na Espanha e conhecia o campeonato e umas jogadoras que também jogaram lá, que me falaram como era porque eu não tinha como ter essas informações, o acesso à internet era difícil e não tinha nada disso lá.”

A 4ª expatriação de Helen foi a mais complicada, porque ela não conseguiu nenhuma informação sobre a equipe e o técnico, nem mesmo pelo seu agente. Já as informações sobre o país, cultura, alimentação e clima, que de acordo com ela eram importantes para a preparação da viagem, foram obtidas via internet.

- “Na verdade, o que eu conhecia era a localização geográfica e eu não pensei que era tão longe, mas eu sabia que era um campeonato forte porque tinha muitas estrangeiras lá, mas eu não sabia quem era o técnico, eu não sabia quem eram as jogadoras. Eu fui assim, conhecia a história da Rússia, antiga União Soviética e que algumas jogadoras da WNBA jogavam lá, da minha equipe eu era a única estrangeira quando fui, daí eu fui pesquisar na internet, saber a localização da cidade que a gente ia morar, fora isso, nenhuma informação, eu não sabia o que ia encontrar lá e deu insegurança.”

Da 5ª à 10ª expatriação, os relatos apontaram que mesmo sendo para um país no qual ela já havia passado pela experiência de jogar por um clube, ter visitado por diversas vezes e o seu marido ser espanhol, sempre houve a preocupação de obter informações prévias, não apenas sobre as questões contratuais e equipes, mas também sobre as cidades, cultura, alimentação, clima e alguma outra que pudesse auxiliar na sua preparação. Por

exemplo, mesmo tendo jogado em duas equipes diferentes na Espanha antes da 7ª expatriação, os contratos não eram regidos pelas leis trabalhistas. Entretanto, quando foi jogar em Madrid tomou conhecimento que o contrato seria regido por essas leis, o que demandou, inclusive, a necessidade de obter informações sobre os direitos e deveres descritos na lei, as taxas de impostos e, conseqüentemente, se organizar financeiramente.

Assim, cada informação, seja via agente, marido ou internet, eram necessárias, independentemente se estava jogando por uma equipe no Brasil ou em outro país.

- “No Brasil conhecemos as equipes porque vemos jogar e quando eu recebia um convite, eu analisava se jogar naquela equipe, profissionalmente ia ser bom para mim, se o que eles propunham no contrato estava de acordo com o que eu queria, se a cidade era longe ou perto da minha família, o que tinha lá, se fazia frio ou calor, sempre foi assim. Quando fui jogar em equipes no exterior era igual, eu também queria saber tudo, porque apesar de ser eu que decidia se ia jogar naquele time, eu não conhecia porque não vi jogar e por isso, não era uma escolha minha, era uma oportunidade que o meu agente mostrava para jogar naquele time. Aí eu ia atrás de saber sobre o time, o clima, a cidade, cultura, comida, porque o contrato o meu agente ajudava e explicava, como aconteceu no Rivas, que era igual a WNBA, tinha as leis do trabalho e nas outras equipes que joguei na Europa, não tinha essas leis. Então, saber essas coisas de leis e um pouco sobre para onde você está indo jogar é importante, porque você não chega totalmente no escuro e é um jeito de você se organizar e se preparar.”

Quanto às expectativas relacionadas a jogar em clubes do exterior (coluna 4), observou-se que todas as expatriações eram voltadas à performance. Inclusive, a expectativa de retornar para mais uma temporada, seja a americana ou a europeia, e ser titular, como relatado na 1ª, 2ª e 3ª expatriação.

Em relação à liga americana, a narrativa abaixo ilustra o motivo pelo qual, principalmente na primeira expatriação, Helen criou tal expectativa.

- “Sempre falei, eu quero ir lá fazer o meu melhor, jogar bem e quero ajudar a equipe, então eu vou ser sincera para você, fui com o pensamento de: - “Será que eu consigo mesmo, eu vou conseguir jogar nessa liga?” Porque é muito diferente da nossa, o jogo das americanas é um jogo de mais físico, de mais velocidade, defesa forte, o treinamento é muito intenso, a gente já viu, a gente já jogou contra.”

As expectativas em adquirir experiência e evoluir, também estavam associadas a uma boa performance, pois puderam oportunizar o retorno para mais uma temporada na liga americana, que era o pensamento e o objetivo de Helen como atleta.

- “Eu sempre me coloquei a disposição da equipe em primeiro lugar e sempre me dediquei ao máximo como atleta. Quando recebi o convite de jogar na WNBA, numa liga que existia há quatro anos, em ascensão e no país do basquetebol, eu olhei pelo lado positivo e isso me ajudou muito, porque ia ser uma experiência que eu ia crescer muito, aprender muito, jogar bem e jogar mais de uma temporada, estar entre as melhores.”

Ao retornar para a segunda temporada na liga americana, ficou claro que o objetivo acima foi alcançado. Contudo, a expectativa de retorno não ocorreu no período de pré-transição para a sua 2^a expatriação, mas sim enquanto ela estava na 1^a expatriação.

- “No meu primeiro momento, eu queria ir e conhecer a liga, e quando eu estava lá eu tive o desejo de retornar, então isso aconteceu naturalmente, então eu não fui lá pensando que ia passar muitos anos na WNBA, fui pensando em fazer o meu melhor, sempre com o objetivo de alcançar os meus objetivos, na expectativa de retornar para a temporada seguinte. Mesmo porque, eu fui para a liga com 27 anos, eu não fui tão nova, quando você vai mais nova, você pode colocar como objetivo e plano de carreira, então eu sabia das minhas condições físicas e do que a própria liga pede, então o desejo de retornar aconteceu lá. A minha curiosidade, experiência e vivência que quis passar, aconteceu na primeira temporada e aconteceu e isso aflorou mais o desejo de voltar.”

Em relação à liga europeia, quando expatriou pela 3^a vez, mesmo ciente que iria substituir uma jogadora durante três meses, Helen entendeu que era uma oportunidade de conhecer a liga, mostrar o seu basquetebol em um campeonato cobiçado por atletas do mundo todo, e ser convidada para retornar à liga espanhola por uma temporada inteira.

- “Quando recebi a proposta eu pensei, quer saber, eu vou, eu queria ir para a Europa, eu queria, então eu acabei a temporada no Brasil e fui para substituir uma atleta que havia deixado a equipe e fiquei três meses nessa equipe. O momento que fui para a Europa o campeonato estava muito forte, tinha muitas jogadoras de outros países disputando o campeonato, principalmente na Espanha e jogar um campeonato na

Europa era desejado por todas as atletas e eu também queria ir jogar em um campeonato bom. Pessoalmente, eu queria enfrentar novos desafios, a oportunidade de jogar na Europa aconteceu e a minha expectativa era de conhecer o campeonato, conseguir jogar no melhor campeonato e voltar para outra temporada.”

Na 4ª expatriação, o fato de expatriar para jogar em uma equipe na qual as informações preliminares, adquiridas via internet, foram direcionadas apenas a localização e clima, criaram a expectativa de não viajar desacompanhada, porque Helen foi contratada como a jogadora que faria a diferença, e precisava levar alguém que lhe desse apoio para conseguir jogar bem e ser titular.

- “A Rússia era um país que eu sempre quis... eu sempre fui apaixonada pelo basquetebol Russo, porque acho que tem um pouco a ver comigo, essa coisa de cadenciar, de jogar com a inteligência, com o raciocínio, então, quando veio o convite, eu disse - “Ah eu quero ir, só que eu vou levar alguém comigo, porque imagina, na Sibéria, era Russo então eu vou levar alguém. Aí a minha expectativa era se eu ia conseguir ir acompanhada, aguentar o frio e conseguir jogar bem, porque você é a jogadora que te contrataram, você é a pessoa, né... aí, você tem mais um pouco de responsabilidade.”

Da 5ª a 10ª expatriação, quando Helen jogou em diferentes equipes da Espanha, os relatos apontaram que as expectativas continuaram voltadas à performance, a ajudar a equipe e à conquista de títulos, pois:

-“Depois que fui jogar na Espanha pela primeira vez, porque eu já tinha jogado três meses lá, em 2003 eu já sabia, mais ou menos, como funcionava a liga, depois fiquei sete anos seguidos e como atleta as expectativas sempre eram de jogar bem, ajudar a equipe e conquistar títulos, porque na Espanha, normalmente as estrangeiras eram contratadas para ser as atletas principais da equipe, né...para entrar, ajudar a equipe ganhar, para deixar a equipe sempre numa melhor colocação, muitas vezes para não deixar a equipe cair, porque lá tem rebaixamento, então no meu caso era sempre assim, para ajudar a equipe a ganhar. No meu caso do Barcelona, que eu joguei e fui campeã pelo Barcelona e já fui para outras equipes também, equipes recém subidas da segunda divisão para a primeira, para manter essa equipe na liga principal, então eu vivi estas situações.”

Quanto às ocorrências positivas e negativas ocorridas na fase de pré-transição (coluna 5), observou-se que na 1ª, 2ª, 4ª e 5ª, expatriar com um contrato firmado com uma equipe brasileira na repatriação, e o apoio da família, foram aspectos positivos para Helen. Em relação ao contrato firmado:

- “Quando eu estava no Brasil e fui a primeira vez para a WNBA a equipe me liberava para jogar lá e retornar para a equipe aqui, era cláusula de contrato. Foram três anos assim, porque era uma fase muito boa da WNBA e todas as atletas estavam fazendo isso e os técnicos entendiam que era bom para a equipe ter uma atleta que disputou um campeonato como a WNBA e eu mantinha o acordo quando fui jogar na Europa, já estava no contrato.”

Já o apoio da família:

- “Então, a gente nasceu no meio do basquete, não tem como não apoiar, o meu pai, a minha mãe. Assim, ficaram um pouco desconfiados de mim, de ir para os Estados Unidos. Na primeira vez, a minha mãe falou: “Aí Helen, nunca pensei que você fosse para os Estados Unidos”. Mas, eu recebi apoio, nossa... sempre, aqui em casa a gente, uma sempre apoiou a outra então eu nunca tive problema com relação a isso, ao contrário, era sempre um incentivo mesmo e aquela coisa né, viaja e deixa todas as coisas para mãe cuidar, para família cuidar e foi assim comigo, quando eu jogava pela seleção e quando comecei a jogar na WNBA e na Europa, então eu sempre tive apoio da minha família.”

Além dos fatores acima, os relatos mostraram que a organização dos clubes, principalmente nos trâmites legais para obtenção do visto de trabalho na 1ª, 3ª e 4ª expatriação, a proposta financeira, apontada na 4ª expatriação, ter uma gente, 3ª e 4ª e 5ª expatriação, e a efetivação de um contrato para retorno as equipes da Espanha, como ocorreu na 4ª e 5ª expatriação, foram tidos como fatores positivos para Helen e os motivos de tal positividade são explicados da seguinte maneira:

- “Eu nunca corri atrás de passaporte, visto, nada, quando eu fui jogar na W, porque o que acontece, o clube te manda passagem, o clube te prepara tudo e quando eu precisei correr atrás de alguma coisa no Brasil, eu contratava uma pessoa para fazer isso para mim e aí ficava mais tranquila. Para a Espanha e Rússia a mesma coisa, eu só tive que ir ao consulado, o clube deixa tudo pronto. É o que

eu falo nas minhas palestras, eu nunca comprei uma passagem de avião, só para passeio, todas as viagens que fiz como atleta o clube se responsabilizou. Quando eu fui para os Estados Unidos foi assim, Europa foi assim também, aí você troca e-mail, as mensagens com o seu agente, que está envolvido nessa preparação. Nesse aspecto ele é fundamental para o atleta que vai jogar fora do país, porque ele é aquela pessoa que se você tiver um problema ele vai resolver para você. Então, essa tranquilidade de ter um agente para fora do país eu recomendo, no Brasil não tem necessidade, mas para fora do país é importante porque você não sabe para onde vai, as pessoas não te conhecem, então o suporte do agente é fundamental porque ele está mais próximo e diminui a sua preocupação com a burocracia, papelada, essas coisas.”

Em relação à colocação positiva da proposta financeira e do contrato firmado com as equipes europeias, já na fase de pré-transição, Helen esclareceu que:

- “A oferta financeiramente foi muito boa e era uma liga também que estava se fortalecendo, então as melhores atletas, eu só vou aonde estão as melhores, as melhores atletas estavam lá e naquele momento, a questão financeira também pesou na decisão, pois é importante considerar os prós e contras antes de tomar qualquer decisão.”

A respeito do contrato assinado, tal fato ocorreu quando jogou pelo Barcelona por duas temporadas consecutivas, na sua 5^a e 6^a expatriação, e pelo Hondarribia-Irun, na 9^a e na 10^a expatriação. Entretanto, Helen explicou que além de ser uma decisão sua retornar para essas equipes, o fato de ter a renovação automática do contrato facilitou o seu retorno, e lhe deu mais tranquilidade.

- “Ah... era sempre bom por conta da tranquilidade, você já saber que tinha uma equipe a sua espera, porque a vida do atleta é sempre uma vida muito insegura, principalmente no basquete feminino. Então...você firmava um contrato um ano e você sabe, no outro ano não tinha o patrocinador, você não sabia para onde ia, se ia ter time para disputar o campeonato. No caso da Espanha, como era um campeonato mais organizado, então você já sabia as equipes que tinham e quando eu fui para Barça eu já fui, na minha primeira temporada eu já saí com o contrato renovado e o Hondarribia foi assim, fiz o campeonato e já renovei automaticamente. Para mim era super, era muita tranquilidade, eu acho que o

atleta, quanto mais tranquilidade ele tiver para trabalhar e decidir para onde ele vai jogar é muito melhor, não tenha dúvida. Então... com certeza era o sentimento de tranquilidade.”

Quanto às ocorrências negativas, os relatos mostraram que elas ocorreram na 1ª, 2ª e 4ª expatriação, e foram direcionadas ao alerta sobre as jogadoras americanas serem um grupo fechado, o que dificultaria a adaptação, a estranheza dos americanos e os comentários ambíguos sobre o país e a equipe.

- “Então, é assim, para ser bem sincera, quando eu recebi a proposta para ir e deu certo de eu ir, eu só tive mal feedback, mal retorno. – “Ah... Helen você não vai se adaptar, as americanas são paneleiras, ah o país é assim, os americanos são estranhos”. Também ouvi alguns comentários negativos em relação a equipe.”

Igualmente, o fato de ter que passar pelo processo do *Training Camp* tanto na 1ª como na 2ª expatriação, bem como a incerteza de permanecer na equipe, também foram apontadas como negativas, pois Helen não sabia que teria que passar pelo processo, e isso gerou incertezas quanto à permanência na liga e na mesma equipe. E, como já visto na *Timeline*, o primeiro processo foi para definir 13 atletas e o segundo para saber se permaneceria na equipe, explicados da seguinte maneira:

- “No meu primeiro ano tinham muitas atletas fazendo o *Training Camp* e foi até uma surpresa para mim, eu não sabia, porque quando me chamaram eu achei que já estava no Washington, entendeu? Nos outros dois anos que eu já fui automaticamente para treinar com a equipe, mas o que acontece na WNBA, durante os treinos do *Training Camp* eles pode te trocar ou ali mesmo te dispensar. Eu confesso que não era agradável, eu não gostava desse tipo de prática, não gostaria que acontecesse comigo, de ser trocada ou dispensada, não me senti à vontade.”

O clima da Rússia, também foi apontado como negativo, porque Helen, apesar de saber que fazia muito frio, não tinha dimensão do quanto era frio, e isso causou preocupação e medo.

- “Novosibirsk, capital da Sibéria, é muito frio! Não tinha ideia do que eu levaria de roupa, se ia conseguir viver no frio, assusta. Então, quando eu fui para Washington eu sabia que fazia muito frio lá, mas eu peguei a melhor época do ano

nos Estados Unidos, porque era verão né... primavera/verão. Então eu só peguei calor, foram três anos que eu só vivi verão na minha vida, porque eu vivia no Brasil e no inverno daqui eu ia para lá. Eu não peguei inverno, três anos da minha vida eu só vivia no verão e o frio da Rússia me preocupou muito, fiquei com medo.”

4.7.1.2 Fase de adaptação cultural aguda: principais características

Nas figuras a seguir (4 a 10) serão apresentadas as respostas pertinentes à fase de adaptação cultural aguda, distribuídas em 12 questões que buscaram identificar os aspectos referentes ao processo de adaptação cultural aguda envolvendo os principais desafios, as estratégias e ferramentas utilizadas para superá-los e assimilar a cultura, bem como quais os sentimentos vivenciados nesse processo. Para tanto, buscou-se informações sobre como ocorreu a recepção nos países e a comunicação, no caso de não falar o idioma local, como era a cultura dos países e o que mais chamou a atenção, como ocorreu a recepção nas equipes e qual a percepção quanto a cultura esportiva dessas equipes e o envolvimento da comissão técnica e atletas. Como ocorreu o processo de adaptação nas equipes, se teve a ocorrência de problemas pessoais ou emocionais e como foram resolvidos, quais foram os sentimentos vivenciados e como lidou com esses sentimentos, como ocorreu a assimilação a cultura e as equipes e se a cultura impactou na adaptação a equipe e por último, quais fatores foram relevantes para voltar a migrar internacionalmente.

Figura 4 - Fase de adaptação cultural aguda - 1ª e 2ª expatriação- Washington Mystics.

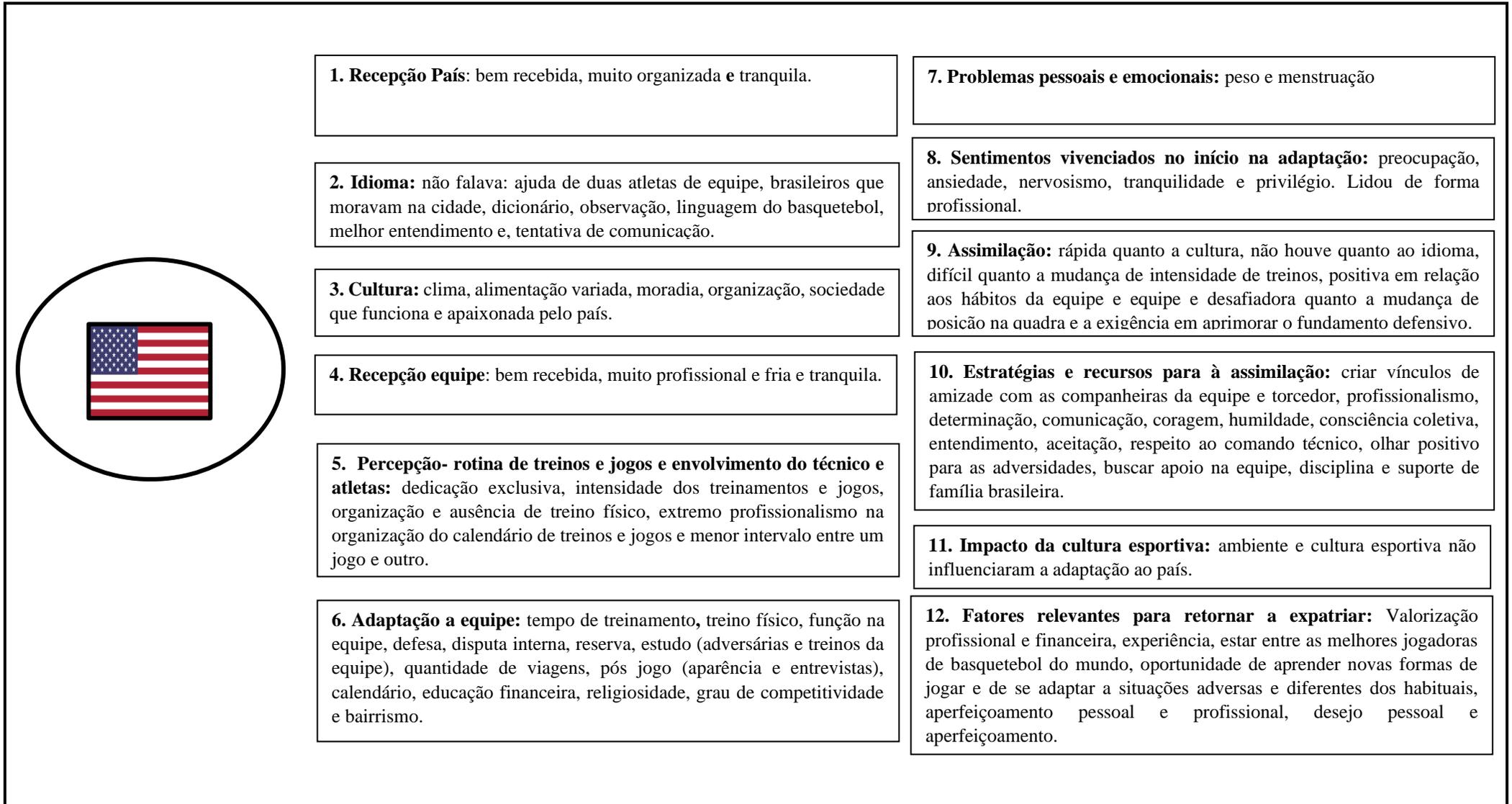


Figura 5 - Fase de adaptação cultural aguda - 3ª expatriação- Zaragoza - Filtros Mann.

	<p>1. Recepção País: foi muito bem recebida no aeroporto pelo diretor da equipe.</p>	<p>7. Problemas pessoais e emocionais: não</p>
	<p>2. Idioma: não falava, fácil entendimento, procurou aprimoramento. Namorado auxiliava.</p>	<p>8. Sentimentos vivenciados no início na adaptação: responsabilidade, insegurança, estranheza e preocupação. Lidou de forma profissional.</p>
	<p>3. Cultura: muito parecida com a cultura do país de origem (gastronomia e clima), horário das refeições, ritmo de vida.</p>	<p>9. Assimilação- Rápida e tranquila quanto a cultura, desafiadora quanto aos horários das refeições, positiva quanto a socialização (equipe e extra quadra) e hábitos da equipe, difícil com a mudança de intensidade dos treinos e horários estabelecidos dos treinamentos.</p>
	<p>4. Recepção na equipe: bem recebida pela comissão técnica e funcionários do clube, recepção calorosa, respeitosa e profissional. Já esperava tal recepção.</p>	<p>10. Estratégias e recursos para à assimilação: Profissionalismo, ajustamento (ritmo de refeições e sono), não comparar com a cultura do Brasil, auto adaptação, entender como funciona o contexto, não mudar o jeito próprio de ser, iniciativa própria de treino individual (físico e técnico), saber ouvir, apoio da atleta brasileira da equipe, namorado e família, respeito às regras de convivência e atividade social com companheiras de equipe extra quadra.</p>
	<p>5. Percepção - rotina de treinos e jogos e envolvimento do técnico e atletas: técnico e atletas sem dedicação exclusiva, ausência de treino (físico, coletivo e tático), um treino no período da noite, estudo prévio dos adversários, treinos específicos (técnico e tático) para enfrentar adversários, filmagens dos treinos e sessão de vídeos, profissionalismo, organização no calendário de treinos e maior intervalo entre os jogos.</p>	<p>11. Impacto da cultura esportiva: ambiente e cultura esportiva não influenciaram a adaptação ao país.</p>
	<p>6. Adaptação a equipe: positiva (tática), difícil quanto ao treinamento físico e um período de treinamento.</p>	<p>12. Fatores relevantes para retornar a expatriar: desejo pessoal, importância do campeonato no cenário esportivo, aprendizagem e valorização profissional.</p>

Figura 6 - Fase de adaptação cultural aguda - 4ª expatriação- Novosibirsk- Dínamo Energia.

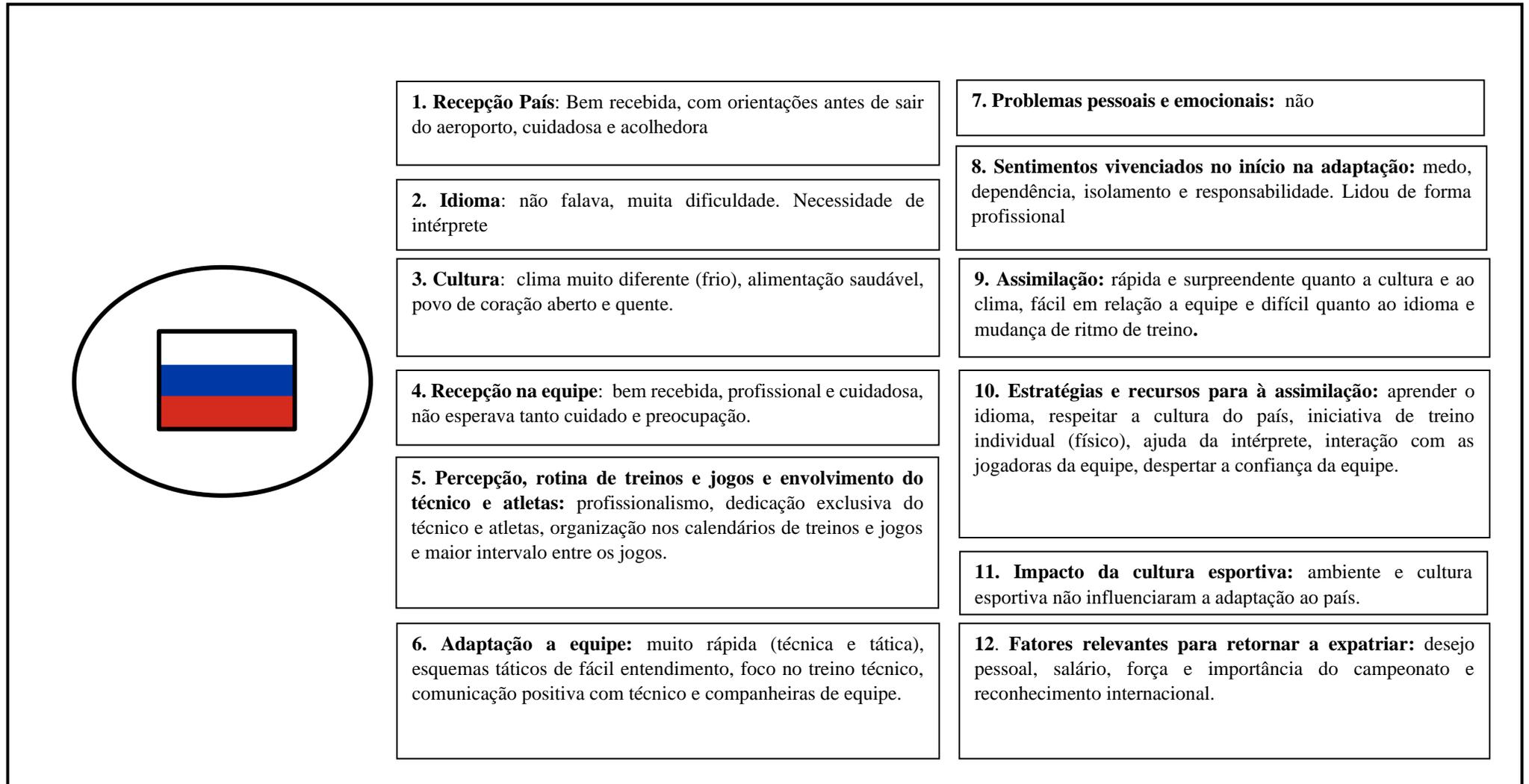


Figura 7 - Fase de adaptação cultural aguda - 5ª e 6ª expatriação- Barcelona- Barcelona

	<p>1. Recepção País: contou com o suporte do marido</p>	<p>7. Problemas pessoais e emocionais: não</p>
	<p>2. Idioma: Não falava catalão, marido auxiliou na comunicação, aprendizado do castelhano na escola, aperfeiçoamento e aprimoramento da comunicação</p>	<p>8. Sentimentos vivenciados no início na adaptação: responsabilidade, segurança e tranquilidade. Lidou de forma profissional</p>
	<p>3. Cultura: cidade com muitos estrangeiros</p>	<p>9. Assimilação: Rápida quanto a cultura, positiva quanto as mudanças de ritmo de treino e os hábitos da equipe, desafiadora quanto aos horários das refeições e aprendizado do idioma</p>
	<p>4. Recepção na equipe: Tranquila e organizada</p>	<p>10. Estratégias e recursos para à assimilação profissionalismo, respeitar a cultura e as diferenças, aprender o idioma, jogar para a equipe, treino físico pessoal, criar vínculos de amizade, se adaptar ao ritmo de vida, aprimorar o idioma e estreitar vínculos de amizade.</p>
	<p>5. Percepção, rotina de treinos e jogos e envolvimento do técnico e atletas: dedicação exclusiva do técnico, atletas sem dedicação exclusiva, boa e constante comunicação com técnico e atletas, treinos em dois períodos, treino físico muito bom, profissionalismo, organização no calendário de jogos, maior intervalo entre os jogos, titularidade e campeonato longo.</p>	<p>11. Impacto da cultura esportiva: ambiente e cultura esportiva não influenciaram a adaptação ao país.</p>
	<p>6. Adaptação a equipe: muito rápida (técnica e tática) e com as companheiras de equipe.</p>	<p>12. Fatores relevantes para retornar a expatriar: desejo pessoal, salário, campeonato em ascensão, maior tempo de jogo, visibilidade, ser campeã, nível da competição, conquistar o bicampeonato pela equipe, oportunidade de prolongar a carreira.</p>

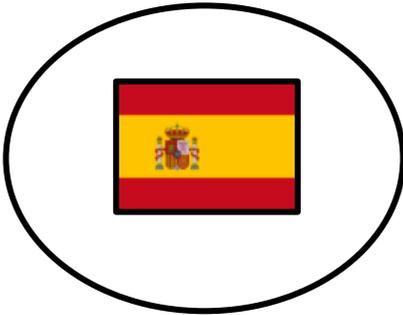
Figura 8 - Fase de adaptação cultural aguda - 7ª expatriação - Madrid - Rivas-Vaciamadrid

	<p>1. Recepção País: contou com o suporte do marido</p>	<p>7. Problemas pessoais e emocionais: não</p>
	<p>2. Idioma: se comunicava e entendia muito bem</p>	<p>8. Sentimentos vivenciados no início na adaptação: responsabilidade, tranquilidade e alegria. Lidou de forma profissional.</p>
	<p>3. Cultura: cidade próxima a Madrid, parecida com uma cidade do interior de São Paulo, acolhedora e com excelente gastronomia</p>	<p>9. Assimilação: rápida e tranquila quanto a cultura e o idioma, positiva quanto aos hábitos da equipe e ritmo de treinos e desafiadora em relação a equipe por causa da troca de técnicos</p>
	<p>4. Recepção na equipe: bem recebida pela comissão técnica e atletas</p>	<p>10. Estratégias e recursos para à assimilação: profissionalismo, se comunicar com técnico e atletas, ser positiva, manter o ritmo pessoal de treino e alimentação, ser ética, e se socializar. Buscou apoio na irmã.</p>
	<p>5. Percepção, rotina de treinos e jogos e envolvimento do técnico e atletas: dedicação exclusiva do técnico, atletas sem dedicação exclusiva, boa comunicação, troca de técnico ao longo do campeonato, boa relação com companheiras de equipe, treino tático e técnico bom, treino físico deixava a desejar, profissionalismo, organização no calendário de treinos e jogos e maior intervalo entre os jogos</p>	<p>11. Impacto da cultura esportiva: ambiente e cultura esportiva da equipe não influenciaram a adaptação ao país.</p>
	<p>6. Adaptação a equipe: rápida adaptação aos treinos, esquemas táticos de jogo e companheiras de equipe, organização no cronograma de treinamento e jogos, jogou na posição de origem</p>	<p>12. Fatores relevantes para retornar a expatriar: desejo pessoal de jogar com a irmã, manter a equipe na 1ª divisão e ser uma das principais atletas da equipe.</p>

Figura 9 - Fase de adaptação cultural aguda - 8ª expatriação- La Seu D'Urgell - Cadi La Seu

	<p>1. Recepção País: contou com o suporte do marido</p>	<p>7. Problemas pessoais e emocionais: não</p>
	<p>2. Idioma: entendia e se comunicava bem</p>	<p>8. Sentimentos vivenciados no início na adaptação: responsabilidade, tranquilidade e alegria. Lidou de forma profissional.</p>
	<p>3. Cultura: cidade pequena, com excelente gastronomia e povo acolhedor.</p>	<p>9. Assimilação: já assimilada quanto a cultura e hábitos da equipe, positiva em relação a equipe, negativa quanto a falta de estrutura do clube e desafiadora quanto a cobrança do técnico.</p>
	<p>4. Recepção na equipe: muito bem recebida, a equipe já contava com outras atletas estrangeiras.</p>	<p>10. Estratégias e recursos para à assimilação: profissionalismo, manter o ritmo pessoal de treino, respeitar o sistema de jogo, dialogar com técnico e companheiras de equipe, se socializar e apoio da família.</p>
	<p>5. Percepção, rotina de treinos e jogos e envolvimento do técnico e atletas: técnico com dedicação exclusiva, estudioso, inteligente e demasiadamente exigente, atletas sem dedicação exclusiva, pré-temporada com treinos muito bons, profissionalismo, organização no calendário de treinos e jogos e maior intervalo entre os jogos</p>	<p>11. Impacto da cultura esportiva: ambiente e cultura esportiva não influenciaram a adaptação ao país.</p>
	<p>6. Adaptação a equipe: não teve problemas, foi positiva e rápida quanto aos esquemas de jogo e o coletivo.</p>	<p>12. Fatores relevantes para retornar a expatriar – Desejo pessoal de jogar mais uma temporada na Europa e valorização profissional</p>

Figura 10 - Fase de adaptação cultural aguda - 9ª e 10ª expatriação- Hondarribia -Hondarribia-Irun

	<p>1. Recepção País: contou com o suporte do marido</p>	<p>7. Problemas pessoais e emocionais: não</p>
	<p>2. Idioma: entendia e se comunica muito bem</p>	<p>8. Sentimentos vivenciados no início na adaptação: responsabilidade, tranquilidade e alegria.</p>
	<p>3. Cultura: País Basco, próxima a França, cidade grande e acolhedora, comida maravilhosa e pessoas carinhosas.</p>	<p>9. Assimilação: adaptada à cultura e hábitos da equipe, positiva quanto a estrutura oferecida pela equipe, sistema de jogo, relação com técnico e atletas da equipe.</p>
	<p>4. Recepção na equipe: Muito boa, recebida com respeito.</p>	<p>10. Estratégias e recursos para à assimilação: profissionalismo, treino a parte para manutenção da condição física, boa comunicação e socialização.</p>
	<p>5. Percepção, rotina de treinos e jogos e envolvimento do técnico e atletas: técnico com dedicação exclusiva, atletas sem dedicação exclusiva, organização na pré-temporada com treinos técnicos, táticos e físicos dentro da expectativa, excelente estrutura física do clube para treinamento da equipe, profissionalismo, organização no calendário de treinos e jogos e maior intervalo entre os jogos</p>	<p>11. Impacto da cultura esportiva: ambiente e cultura esportiva não influenciaram a adaptação ao país.</p>
	<p>6. Adaptação a equipe: positiva quanto ao estilo de jogo, função tática, comando técnico e companheiras de equipe</p>	<p>12. Fatores relevantes para retornar a expatriar: desejo pessoal, financeira, reconhecimento e valorização profissional, identificação com a equipe e desejo de encerrar o ciclo de expatriações jogando pela mesma equipe.</p>

Os relatos pertinentes à fase de adaptação cultural aguda, descritos nas figuras 4,5,6,7,8, 9 e 10, mostraram que, quanto a recepção nos países anfitriões, todas ocorreram de forma positiva. Inicialmente, na 1ª expatriação, observou-se que ela foi organizada, e com um protocolo de boas-vindas que indicou profissionalismo e cuidado para com a atleta recém-chegada ao país e o mesmo ocorreu na 2ª expatriação. Como indicado no relato abaixo.

- “Cheguei tremendo as pernas (risos), perninhas bambas, coração disparado. E aí você chega lá, tem a plaquinha com o seu nome, o motorista do clube esperando, com o meu nome. Aí eu falei; - “Ah sou eu, Helen Luz” e de lá ele me levou para fazer os exames médicos, tudo muito organizado, e eu fui me acalmando. Então é assim, eles são demais! Aí de lá já me levou para o ginásio, aí chegou no ginásio para fazer os exames físicos e a avaliação médica. Vai para o ginásio, aí vai para o apartamento. E assim, uma coisa que chama a atenção, eles não querem que o atleta se preocupe com nada, chegou, tal... o apartamento ok, a chave do carro está aqui, tem uma comida aqui, foi assim nas temporadas na WNBA.”

O mesmo cuidado e atenção foram relatados na 3ª expatriação, quando houve a recepção pelo diretor da equipe, que a conduziu até o clube para a realização dos exames médicos. Já as demais expatriações, ou seja, da 5ª a 10ª, não houve nenhum tipo de recepção na chegada ao país e isso ocorreu porque:

- “Quando fui para Zaragoza eu fui sozinha, ainda não era casada, tinha uma pessoa me esperando no aeroporto. Então, do aeroporto até Zaragoza eu fui de carro com essa pessoa que era o diretor do time porque normalmente lá, a gente já faz a apresentação e vai direto fazer os exames médicos, aí você passa pela bateria de exames médicos para ver se foi aprovada, mas se tem algum problema pode ser que eles não acertem com você, mas eu não tive esse problema. Depois, nos outros clubes da Espanha eu já estava casada e como o meu marido era espanhol eu ia de carro, o nosso carro próprio, mas nas outras cidades eu não tive essa recepção, combinamos de ir direto para fazer os exames médicos.”

Em relação ao idioma, ficou claro que na 1ª, 2ª, 4ª e 5ª expatriação, a atleta não falava o idioma dos países para os quais migrou, e a comunicação foi realizada de diferentes formas, como por exemplo na 1ª e 2ª expatriação quanto a comunicação no contexto de prática e nas práticas sociais.

- “Então, quando eu cheguei lá era só no inglês né... (risos). Então eu pensei: - “Cadê o inglês, que aprendi no Brasil?” Até conseguia falar um pouco, mas entender, zero, nossa! Mas eu estudei no Brasil, antes eu estudava, fazia meus cursos particulares da língua inglesa, só que você chega lá é totalmente diferente, não tem jeito. Então, quando eu cheguei encontrei com as minhas companheiras de equipe no Brasil que também jogavam no Mystics e falavam português, elas me ajudaram, mas eu nunca tive problema na quadra. Em inglês, você acaba entendendo, porque na quadra, o que acontece, é a linguagem do basquete, eu conseguia entender tudo o que o técnico falava, você acaba pegando o jeito, era só fazer a cesta e estava tudo certo, (risos). A minha maior dificuldade foi extra quadra, mesmo, o dia a dia, então eu usava o dicionário, escrevia as palavras e as frases básicas e tive a ajuda de um casal de brasileiros que conheci, mas eu não passava sufoco, me virava.”

Na 2ª expatriação, apesar de ainda não dominar o idioma e fazer uso de um dicionário, outro recurso foi utilizado para melhorar a comunicação no contexto social, como apontado na narrativa abaixo.

- “O primeiro ano foi mais complicado, teve um ano lá que entupiu a pia no apartamento, aí eu vou no dicionário. Eu morava sozinha, vou no dicionário, aí eu fiz a frase, desci lá no condomínio e o senhorio falava - “Está ok, tá ok eu já vou arrumar, lá”. Aí foi e assim, eu andava com o dicionário na mão. Mas eu sempre fui muito observadora, então eu ia lá no café, pedir o café e observava o que o outro ia pedir, então eu pedia também, rs... E aí eu fui, eu conversava muito com as australianas, porque a armadora me ajudava demais, foi uma graça comigo. Então, ela me ajudava tanto que no meu segundo ano ela falou: - “Nossa Helen o seu inglês está muito melhor agora, viu?”

Na 4ª expatriação, mesmo com a tentativa de aprender o idioma, a comunicação foi uma barreira, tornando essa a mais desafiadora de todas as expatriações, pois o único recurso disponível para viabilizar a comunicação era recorrer a uma intérprete.

- “Na Rússia, eu e meu namorado quisemos aprender o idioma. A nossa intérprete que traduzia os treinos do técnico e nos acompanhava extra quadra era professora,

combinamos com ela e começamos a fazer aulas de russo para me ajudar na hora do jogo. Aí deu três meses e eu falei: - “Gente deixa, porque não vou conseguir mais aprender, é muito difícil, muito complicado, não vai dar certo, não sei falar nada desse idioma”. Mas é muito difícil mesmo, não foi falta de querer aprender não e ela me ajudou, mas partiu de mim a tentativa de aprender, até mesmo porque a gente queria sair na rua, pedir um café, ir ao restaurante e não queria ficar naquela dependência de outra pessoa.”

Contudo, é importante destacar que toda a comunicação com a intérprete não era feita em português, mas em inglês, como explicado abaixo.

“Então, tinha a intérprete, mas ela falava inglês, então eu me virei bem com inglês, olha como foi bom a minha passagem pelos Estados Unidos, e aí forcei o meu inglês lá com a intérprete, eu não era fluente no inglês, mas me ajudou bastante, eu me virei. Foi assim, totalmente diferente, uma experiência, nossa...do outro mundo gente.”

Com relação à 5ª e 6ª expatriação, o idioma também foi uma barreira e mesmo sendo o castelhano, um idioma no qual Helen já tinha um bom domínio, encontrou dificuldades, porque:

- “Em Barcelona, quando fui à primeira vez, eu senti assim, ao mesmo tempo que eu estava na Espanha eu não estava, por causa do idioma, porque eles falavam o catalão, muito diferente do castelhano, difícil de entender, mas o castelhano também é falado lá. Na primeira temporada eu fiquei sabendo que a prefeitura oferecia curso gratuito de castelhano e eu fui aprender e isso, mais o meu marido ajudaram muito. Na segunda temporada eu já falava bem o castelhano e entendia um pouco o catalão.”

Já as demais expatriações, apesar de jogar por equipes em diferentes cidades na Espanha, como exposto nas figuras 7, 8, 9 e 10, não houve relatos de problemas ou dificuldade com o idioma, apenas na 3ª expatriação, quando mesmo não falando o idioma, conseguia entender e se comunicar. Para tanto, contou com o auxílio do, até então, namorado e, conseqüentemente, aprimorou a fluência no idioma castelhano.

- “Quando fui para Zaragoza o idioma me ajudou muito porque praticamente a gente consegue entender o espanhol, né... Aí, aprimorei, obviamente porque a

gente acha que sabe falar o idioma, mas quando chega lá você vê que não sabe falar nada, então isso me ajudou na minha comunicação nas equipes e extra quadra. Então, também conheci o meu marido, na época o meu namorado, quando joguei no Filtros Mann e ele me ajudou, eu aprendi e não tive mais dificuldade, entendia e falava.”

Os relatos relacionados à percepção de algo que chamou a atenção sobre a cultura dos países que expatriou, foi direcionado ao clima, costumes, gastronomia, horários das refeições, à sociedade e ao calor humano das pessoas. Detalhado abaixo.

-“Então, da cultura eu vou falar para você que tem que tirar o sapato para entrar na casa das pessoas, é um costume deles, pensei que isso fosse só no Japão, mas lá também é igual. E tem o clima, já falei do idioma, porque o clima é uma das coisas que é muito diferente do Brasil, mais em Washington e Novosibirsk, nossa..., mas vou falar primeiro das três temporadas que joguei no Mystics. Nossa Washington é muito fria, é muito frio, se a gente for ver fica mais frio do que verão, então... eu só peguei calor, foram três anos que eu só vivi verão na minha vida, porque eu vivia no Brasil e no inverno daqui eu ia para lá. Eu não peguei inverno, três anos da minha vida eu só vivia no verão, não conheci o frio de lá, mas quando fui para Novosibirsk e pesquisei que lá o frio podia ser de - 40º, pesa muito. Eu não fazia ideia de como ia ser, como eu ia suportar tanto frio, mas o povo de lá parecia não se incomodar com o frio, então eu percebi que eles são tolerantes ao frio, mas não gostam, o jeito foi me aquecer da maneira certa. Então, eu também vi que é costumes deles ter gatos, eu vi muitos (risos).”

Gastronomia e horário das refeições:

- “A gastronomia na Espanha é muito boa, cada cidade tem o seu prato típico, é o melhor país do mundo!” Porque, quem não quer viver bem, comer bem? Só o horário das refeições que eram diferentes, almoço 2 horas, 3 horas da tarde, eu tive que me adaptar. Na Rússia a comida é maravilhosa, eu comia salmão, caviar de salmão, porque onde eu morava era Sibéria, então eles comem muito peixe, é igual nós aqui comer frango, então era peixe lá, peixe, você ia em um restaurante e pedia e vinha um negocinho de ovas de Salmão, sabe, caviar, e o preço normal, não era caro, então nesse aspecto foi bom, diferente do Brasil.”

Sociedade e o calor humano:

“- Então, Washington e Barcelona, tem muito estrangeiro, mas o americano é diferente, ele dá muito valor para a cultura deles, é uma sociedade organizada, que funciona, que cuida do seu povo. Gente... eles valorizam muito quando você faz bem o seu trabalho, eles respeitam o trabalho e eu acho que é assim, os americanos, eles são muito exigentes e não é nada meia boca lá, nada. A Espanha também é excelente em termos de organização, parece que eles seguem um roteiro rigoroso de estilo de vida, horário, então, os dois países são parecidos nisso e te oferecem muitas coisas para melhorar profissionalmente. E aí sabe, Europa o povo é muito parecido com o nosso, é muito acolhedor, caloroso, mas o russo é demais, eles não têm nada de frio, são muito carinhosos e atenciosos, me senti acolhida lá.”

No que tange à recepção nas equipes em que jogou, os relatos indicaram que Helen foi bem recebida pelos técnicos e atletas, sendo que, ser bem recebida não implicou, necessariamente, em uma manifestação explícita de afeto ou simpatia, pois cada equipe a recebeu à sua maneira, ou seja, com a frieza e o extremo profissionalismo das americanas, com um carinho diferente das espanholas e com a manifestação explícita de atenção, carinho e presentes das Russas. O relato a seguir, ilustra como de fato as recepções ocorreram, como ela se sentiu e porque, na sua percepção, tais diferenças existiram.

Estados Unidos:

- “Foi assim, das americanas eu não tive carinho, não porque elas não sejam assim, acho que é questão da cultura mesmo, mas eu não fiquei triste e também não tinha nenhuma expectativa de ser recebida diferente, porque é um povo mais frio, mas não posso falar que elas não foram carinhosas, é o jeito delas, depois foi melhorando. Na segunda vez que fui, a recepção foi um pouco diferente, menos fria, talvez porque eu já tinha jogado lá e fiz amizade com algumas jogadoras da equipe.”

Espanha:

-“Na Espanha foi diferente, eu recebi um carinho diferente quando cheguei (risos), eu acho que lá foi um pouco mais explícito no acolhimento, o pessoal muito bacana, não era porque o meu marido era de lá, porque fui super bem recebida em Zaragoza e conheci ele lá, eu falo que isso é uma questão de cada um, foi por mim, porque sempre estive aberta para receber esse carinho e aí, depois de jogar na equipe do Filtros Mann, a expectativa era ser recebida com carinho nos clubes que joguei na Espanha, com carinho, e oi o que aconteceu, fui super bem recebida, me senti acolhida.”

Rússia:

-“Porque na Rússia foi o lugar que mais recebi esse carinho quando cheguei no clube, eu não esperava isso. Por incrível que pareça, talvez por eu ser de um país longe, do outro lado do mundo, eu recebi muito esse carinho, eles eram muito carinhosos e cordiais, não só comigo, mas com o meu namorado também. Outro detalhe, eles gostam de presentear, me deram presentes e eu acho que foi a forma deles transmitirem esse carinho. A cordialidade deles também foi transmitida quando eles pagaram uma passagem para o meu namorado ir para Moscou, porque como morávamos tão longe, eles tiveram esse cuidado. E na nossa volta para a Espanha, quando terminou a temporada, eles pagaram uma passagem na classe executiva para nós porque eles sabiam que a gente ia se casar, foi uma forma deles nos presentear. Foi algo muito especial, porque nada disso estava em contrato, os Russos foram comigo super carinhosos e amáveis.”

Os relatos relacionados à percepção quanto ao envolvimento do técnico e atletas nas práticas esportivas, bem como à rotina de treinos e jogos, ao longo dos processos de expatriação, evidenciaram que, com exceção da organização do calendário de treinos e jogos, os demais aspectos diferem entre a cultura esportiva do basquete americano e do europeu, principalmente em termos de profissionalismo, treinos e exclusividade na dedicação das atletas e técnicos nas práticas esportivas. Como detalhado abaixo:

Profissionalismo:

- “Nos Estados Unidos é uma coisa assim, que é o sonho de todo atleta, sabe, e eu acho que eles estão em um nível acima na questão do profissionalismo, do cuidado, de responsabilidade para com o atleta, só quem viveu lá e passou por essa experiência sabe como eles trabalham e agem, mas isso é da liga mesmo, a

própria WNBA e NBA, eles têm este perfil. Na Europa, em todas as equipes que joguei, eles também ajudavam muito as estrangeiras e eram profissionais, mas nunca no nível de profissionalismo dos Estados Unidos.”

Como funciona:

- “É assim, uma coisa que chamou a atenção na liga norte americana foi que eles não queriam que a atleta se preocupasse com nada, chegou tem o apartamento, a chave do carro tá aqui, tem uma comida aqui. Então eu nunca tive um problema lá, que não fosse resolvido, até um dia que eu estacionei o carro num lugar né... meio lerda, não sabia, que tinha que colocar um papel lá e veio uma multa, 25 dólares, acho, e aí eu peguei esse papel e mostrei para a moça que ajudava na equipe e a moça disse: - “A da aqui que eu pago”. Foi lá e pagou, nem questionou, entendeu. Então é assim, é... que foi erro meu, aí eu falei: - “Não, depois eu te dou o dinheiro”. Ela falou- “não, não precisa.” Você tem que se preocupar só em jogar, descansar, dormir, comer e treinar, eles são muito profissionais. Uma pessoa que está ali para fazer o trabalho dela, ela faz o trabalho dela, a outra faz o trabalho dela, então não tem muita coisa de um se enfiar no problema do outro, no trabalho do outro.”

Na Europa:

- “Eles ajudavam bastante, principalmente quando era questão de casa, porque eles que davam a casa para a gente e se tinha algum problema eles mandavam resolver e arrumar, eles davam todo o suporte.”

O que difere:

- “Nos Estados Unidos eles tinham a preocupação de que o atleta não se preocupasse com nada, só em treinar, jogar, comer e fazer o seu trabalho entendeu? Era uma preocupação mais transparente, não que na Europa não se preocupassem, claro, davam todo o conforto para a gente, queriam que a gente estivesse bem, mas se comparado aos Estados Unidos, não era com a mesma intensidade, parecia que os americanos estavam sempre um passo à frente, qualquer detalhezinho, qualquer coisa boba, que nem a coisa da multa ou a preocupação em me ajudar abrir a conta no banco. Então, a preocupação dos

americanos era extrema, nos mínimos detalhes, eles estavam sempre atentos a tudo.”

Com relação à rotina de treino e jogos, e exclusividade na dedicação das atletas e técnicos nas práticas esportivas, os relatos evidenciaram que esses aspectos diferem entre a cultura esportiva americana e europeia, sobretudo no que compete ao envolvimento do técnico, como descrito na 3ª expatriação e das atletas, observado em todas as expatriações para a Espanha. E, tal diferença é explicada por Helen na narrativa abaixo.

- “Nos Estados Unidos todas se dedicavam ao basquete e o técnico também, porque lá o profissionalismo exigia essa dedicação. Na Rússia, isso também acontecia, porque o campeonato estava em ascensão, com muitas americanas indo jogar lá e com muitos patrocinadores com dinheiro, o meu, inclusive, era de energia, tinha outro de petróleo, era assim, muito dinheiro. Então as meninas entravam no ritmo e só se dedicavam a ser atleta, o que era diferente da Espanha, porque como elas não eram tão talentosas e o que ganhavam não era muito, então elas complementavam com a renda de outra profissão, era comum isso nas equipes. Tinha uma atleta que era massagista, fazia um bico por fora e jogava comigo na equipe, a outra em Hondarribia também, era guarda municipal, passou no concurso e conciliava os dois, tinha jogo que ela não podia ir jogar. Mas de técnico, só o da equipe de Zaragoza que trabalhava no banco e a noite dava treino de basquete, mas foi só esse técnico, nas outras equipes todos só trabalhavam com o basquete. Para mim essa era a diferença da Espanha para a Rússia e entre a Europa e os Estados Unidos, o profissionalismo.”

Ainda, no tocante à percepção sobre a rotina de treinos e jogos, ao longo da temporada regular, os relatos apontaram diferenças entre a cultura esportiva americana e a europeia no que concerne a competitividade, intensidade, horários de treino e frequência dos jogos. Contudo, destacou que as duas culturas são organizadas no que se refere a programação dos treinos e calendário dos jogos.

Competitividade:

Estados Unidos

- “ O grau de competitividade na WNBA é muito alto, porque reúne as melhores atletas do mundo, então os treinos eram muito competitivos e intensos, te exigia demais, mas essa competitividade me fez muito bem e faz bem ao esporte

americano, é deles, e isso faz deles os melhores, porque eles não querem perder, para mim isso é uma qualidade e a exigência nos treinamentos faz você melhorar e eu melhorei. A minha experiência na WNBA, falo em termos de treinamento, foi outro nível, quem não está lá não faz ideia do que estou falando, então, lá não dá tempo de você não treinar, de arrumar desculpa, porque 15 minutos que você deixa de colocar o pé na quadra ou não treinar força, outra atleta já passou na sua frente, já tomou o seu lugar, entendeu? Então eu aprendi, que toda jogadora americana tem que ter condição e força física, é a cultura delas, e que o espaço é delas também, primeiro delas, por isso, como estrangeira eu vi que o espaço que eles dão para elas jogar é maior.”

Europa

Era diferente, não exigia tanto porque não eram todos os clubes que tinham as melhores jogadoras, diferente da WNBA, que todos os times tinham estrangeiras, todos os times eram fortes e no campeonato da Europa não, eram um dois, no máximo quatro times, os que tinham mais dinheiro que se reforçavam muito. Então, no geral, a liga não era tão competitiva, tão forte, se a gente for comparar com a WNBA”.

Horários dos treinos e intensidade:

Estados Unidos

- “Na pré-temporada eu treinei sete horas por dia, até hoje eu não acredito que passei por isso, e eu que achava que treinávamos muito no Brasil. Chegava às 8hs, o treino era às 9hs e você tem que estar uma hora antes, porque você vai fazer a bota, ou se tem que fazer alguma atividade antes, de físico, tem que fazer antes do treino, que era das 9hs às 12 hs. Terminava o treino, voltava para o vestiário, tomava banho, cruzava a rua, pegava comida lá no Chinês, comia, voltava para o ginásio, descansava uma horinha no vestiário e voltava para a quadra para mais 4 horas de treino, até às sete da noite. E não tinha moleza era muito diferente dos nossos treinos porque o jogo delas é mais físico, de mais velocidade e força e por isso o treinamento é assim, intenso. Quando começavam os jogos, porque viaja muito lá, tinha muito traslado, era uma vez por dia o treino, às vezes das 10hs às 11hs30m, às vezes treinava antes e já pegava o voo e viajava para jogar, às vezes, dependendo da agenda da equipe não treinava na semana, tinha essa quebrada para

dar uma folga, mas normalmente era um treino por dia durante o campeonato e esse treino era muito puxado e intenso, porque treinava, velocidade, resistência e a parte tática. Um detalhe que me chamou muito a atenção era que a parte física não tinha, tinha academia e treino na quadra, academia e treino na quadra, era assim todo dia, todo dia.”

Europa

- “Eu participei da pré-temporada em poucos anos, uns três ou quatro anos em times diferentes e a pré-temporada lá também era físico e quadra, duas vezes por dia, na parte da manhã era o físico e a tarde a parte na quadra, mas visando sempre a preparação física para deixar a equipe forte. Quando começava o campeonato a frequência e intensidade dos treinos dependia do clube e do técnico, podia treinar de manhã e à tarde, só a noite, só de manhã, duas vezes no dia, físico, academia e arremesso de manhã e à tarde a parte tática ou esse mesmo treino uma vez na semana, a intensidade da parte física diminuía muito, às vezes nem treinava o físico. Eu não posso dizer que quando começava o campeonato, principalmente na Espanha era sempre os mesmos treinos por dia, porque se o jogo era no sábado, como era na maioria das vezes e em casa, na segunda e terça, o treino era de manhã e tarde e a partir da quarta-feira era um treino por dia. Na Europa era mais tranquilo e muito parecido com a gente no Brasil.”

Programação dos treinos:

- “O que era legal e tinha na WNBA e na liga era que a gente recebia o cronograma dos treinamentos da semana, às vezes até de 15 dias, se eram dois treinos na semana ou se era um treino depois do jogo, quem treina, quem não treina, quem não viajou para jogar, já tinha tudo esquematizado. Eles mandavam para a gente no nosso vestiário, então você já sabia o que ia acontecer na outra semana e podia se programar para fazer outra coisa.”

Calendário dos jogos:

- “Uma coisa boa, positiva do basquete dos Estados Unidos e da Europa é que você já sabia no início da temporada com qual equipe ia jogar, o dia, horário, local do jogo, quando começava e terminava cada fase do campeonato, eles são muito organizados. E não é só isso, as equipes repassavam todas as informações,

inclusive, os jogos amistosos que você ia fazer, até mesmo para o público presenciar, tinha a venda de ingressos, porque eles visavam muito isso, o negócio, e foi igual em todas as equipes que joguei. Tinha também uma diferença importante, na Europa jogava uma vez por semana, dava tempo de descansar e de recuperar o seu físico, na WNBA, jogava um jogo hoje, viajava para jogar outro jogo amanhã. Eu jogava em Washington hoje e no outro dia eu estava em Nova York, tudo bem que era perto, era a mesma conferência, eles fazem muito isso, chama *back-to-back*. de você fazer um jogo hoje e no outro dia também jogar. Então você viaja de trem, avião e isso desgasta muito porque era um campeonato curto, durava de 4 a 5 meses nos Estados Unidos e na Europa durava 8 meses.”

No questionamento sobre como ocorreu o processo de adaptação nas equipes em que jogou, as respostas indicaram que, na 1ª expatriação, Helen passou por diferentes processos, tanto dentro quanto, como ela mesma diz, extra quadra, mas todos estavam ligados à cultura esportiva americana no que concerne ao entendimento e à leitura que eles fazem do basquetebol, ao profissionalismo, à vaidade e ciúmes por parte das jogadoras, ao comportamento antes e pós jogo, às entrevistas, aos hábitos culturais e à gestão pós-carreira. A começar pelas horas de treino na pré-temporada, a ausência do treino físico durante a temporada regular, como explicado acima, seguido da sua posição e função tática, a necessidade de aprender e se dedicar a uma nova característica como jogadora, ao pouco tempo de jogo e ao fato de não ser titular da equipe.

- Quando fui jogar na WNBA eu queria muito ir jogar lá, sabia os meus objetivos e é normal você ter que se adaptar à nova equipe e não a equipe a você, lá não, porque cada técnico tem a sua filosofia de trabalho, o estilo de jogo das atletas é diferente, as jogadas. Então, quando eu fui para o Mystics, foi porque eles estavam precisando de uma jogadora com a minha característica, um bom arremesso, principalmente o de três pontos e técnica. É assim, os clubes dizem que característica de jogadora precisam, o agente manda um vídeo, porque os americanos não contratam de olho fechado e você é contratada. O técnico da equipe era um australiano que me conhecia e sabia tudo de mim, tudo e mais um pouco, que nem eu sabia, por isso, ele sabia que eu jogava de armadora, porque eu sempre joguei de armadora, tinha a característica de jogadora que ele precisava na equipe e fui para jogar de armadora. Mas, cheguei lá e joguei na posição dois, de lateral, porque para os americanos, que jogam mais na correria, o meu estilo de

jogo mais cadenciado e de maior raciocínio não era para jogar na armação, então o meu técnico disse que ele me queria na equipe para arremessar e eu joguei nessa posição porque a armadora era a australiana, que me ajudou a jogar de lateral, fez as jogadas comigo, me ensinou, eu também mostrei o meu jeito de jogar. Mas eu sempre fui muito profissional na minha carreira, muito, então eu fazia tudo o que tinha que fazer, eu treinava o que eu tinha que treinar, jogava na posição que o técnico me colocava para jogar, eu me dedicava, queria fazer o meu melhor.”

Igualmente, além dessas adaptações, também precisou melhorar a sua performance em um importante fundamento do basquetebol, que inclusive, era o seu ponto fraco, a defesa. Assim, diante da necessidade de melhorar nesse fundamento, Helen intensificou o treinamento físico e se dedicou a melhorar o seu jogo nesse fundamento.

- “Eu nunca defendi, porque a minha característica era o ataque, mas fui jogar numa cultura esportiva que a defesa era e é um dos principais fundamentos do basquetebol, então eu precisava melhorar a minha defesa para jogar na equipe, porque nos Estados Unidos quem não defende não joga. Aí, quando eu cheguei lá, eu me esforcei muito, melhorei no físico também, porque eles focam muito na academia e no treino, que era muito intenso, daí você ganha força e físico no treino de quadra, não só na academia e isso foi o que ajudou a melhorar a minha defesa, porque o posicionamento defensivo eu sabia. Então não era como no Brasil, que na equipe, uma ou duas jogadoras defendiam muito bem, lá todas defendiam bem e eu tive que me adaptar a como a equipe jogava, mas foi muito bom para mim porque eu melhorei nesse fundamento, que eu não era boa e ajudei a equipe.”

Além da necessidade de melhorar individualmente o fundamento defensivo, os relatos apresentaram que o tempo de jogo em quadra e a titularidade foram outros aspectos que envolveram a adaptação à equipe, pois no Brasil Helen era titular absoluta em todas as equipes em que jogou, permanecia em quadra por no mínimo trinta minutos e, em determinados jogos, quarenta minutos. Ressalta-se que o tempo de um jogo de basquetebol é dividido em quatro tempos (quartos) de dez minutos, jogados dois no primeiro tempo e dois no segundo tempo, totalizando quarenta minutos. Quanto ao tempo em quadra, a titularidade e o revezamento ocorrido na 2ª expatriação. Ela explicou que:

- “No Brasil eu era titular e jogava trinta, às vezes quarenta minutos, no Mystics eu não era e jogava quinze, jogava doze, quando jogava vinte já ficava feliz porque

tinha jogado muito. Eu entendia, então eu nunca questioneei porque o importante é você entender que os americanos têm uma visão muito diferente do basquete, eles gostam de revezar muito, demais, então era uma coisa que eu sabia que tinha jogo que eu ia jogar vinte e tinha jogo que eu ia jogar 10, porque dependia do jogo, do que o jogo estava pedindo. Então teve jogos muito importantes que eu participei também, não começava de titular, mas eu não acredito que ser titular é o mais importante no jogo de basquete, porque de repente, aquela que não começou jogando, jogou mais do que aquela que iniciou o jogo.”

Quanto ao profissionalismo das jogadoras, os relatos mostraram que também está relacionado ao comprometimento delas para com a equipe no contexto extra quadra, ou seja, é um comprometimento pessoal, uma dedicação até mesmo nos momentos de descanso, sobretudo, no tocante ao compromisso de estudar antecipadamente os treinos e as equipes adversárias após os períodos de treinamentos. Já, em relação à vaidade e ao ciúme, observou-se que as atletas americanas muito se valorizam e que, por isso, há uma disputa interna para ser a protagonista da equipe e associar o seu nome a identidade da equipe.

- “Isso me chamou muito a atenção, o profissionalismo das atletas, de estudar. Eu tenho que estudar o meu treinamento, estudar as atletas com quem eu vou jogar, contra quem eu vou jogar, as jogadas que eu vou fazer, as jogadas que as adversárias vão fazer. Então não era assim, eu vou para casa agora assistir televisão, descansar, não mesmo, porque tinha que voltar para casa e estudar, era uma coisa impressionante. Eles davam livros, DVDS, você levava para casa e estudava, era uma coisa natural, não era forçado, é deles, faz parte da cultura deles. E, esses livros as jogadoras tinham que levar nas viagens, gente viajava e as malas pesavam não por causa da roupa, mas por causa dos livros que você tinha que estudar. Tinha que estudar, estudar as jogadas, estudava a minha jogada e a jogada da adversária, tinha que estudar. Então eu tive que me adaptar a isso, porque era importante para o meu jogo e era parte do meu compromisso com a equipe.”

Vaidade e ciúme:

- “Nos Estados Unidos tem assim: - “Ah é o time da fulana”. Tipo: o Los Angeles é o time de tal jogadora, o Houston é o time daquelas outras, o Mystics é o time

daquela jogadora, são todas da seleção americana. Aí eu entendi como funcionava, porque fui que eu fui jogar em uma equipe que tinha duas jogadoras da seleção americana e elas competiam muito entre elas, tinha muita vaidade, muita. Outras jogadoras falavam, mas até eu sentia porque eram as americanas que tinham que ser as protagonistas, se alguma outra jogadora fosse protagonista do jogo, elas ficavam com ciúmes e isso aconteceu comigo. Tinha muita disputa mesmo para ver quem era a estrela da equipe, quem chamava mais a atenção, quem era a melhor, quem ia sair no site da ESPN, que é o site mais importante. Então isso teve, tinha muita vaidade e eu tive que entender para não achar que estava tendo problemas na equipe, porque também havia muito respeito entre elas.”

Ainda, em relação ao contexto extra quadra, outro aspecto relacionado à adaptação a equipe foi o cuidado com a imagem e as entrevistas pós-jogo. Isto é, o visual, antes e pós-jogo, e a maneira que as entrevistas, também pós-jogo, ocorriam. Em relação a esses aspectos:

- “A minha adaptação com a equipe dentro da quadra foi normal, coisas de jogo, de equipe, mas com relação à extra quadra eu tive que aprender, mesmo sabendo que ia ser assim. Então, algumas meninas falaram que você tem que ir para o jogo toda bonitona e que as americanas também se vestem muito bem depois do jogo, mas eu só fui entender isso, quando cheguei para o jogo e depois quando acabou o jogo (risos). Era assim, todo o seu uniforme de jogo fica pronto no vestiário, você não leva nada com você, então você vai com a sua roupa, tem que ir bem-vestida e quando termina o jogo você não pode usar uma calça jeans, jamais, tem que sair toda arrumada, toda bonitona. Outra coisa que chamou a atenção foi como as entrevistas com as atletas eram feitas, é o mesmo que a gente vê na NBA, quando termina o jogo, entram todos os repórteres dentro do vestiário, homens e mulheres, então você não pode chegar lá e ir tirando o uniforme, como eu estava acostumada no Brasil, porque entram todos os repórteres para entrevistar e você tem que esperar eles fazerem o trabalho deles. Então, percebi que eles prezam por isso, por esse respeito aos repórteres e prezam também essa coisa do visual, da boa aparência, então a gente tinha muita palestra de como se comportar.”

Assim, entre as palestras sobre comportamento, os relatos mostraram que não focavam apenas o comportamento ou o cuidado com a imagem, mas se estendiam a temas como religiosidade e gestão pós-carreira. Como explicado a seguir:

Religiosidade:

- “Eu achei muito bacana orientação religiosa também, antes dos jogos porque eu acho que é uma coisa que a gente muitas vezes não dá valor, menospreza e acha que não precisa, mas eles valorizam e as jogadoras da equipe também. Não era obrigatório era para quem queria, obviamente, mas eles valorizavam muito o lado espiritual e me chamou a atenção por isso, porque no Brasil a gente fazia cada um à sua oração ou em grupo mesmo. Então lá, vinham os pastores, oravam, faziam um pré culto para as duas equipes reunidas em uma sala do lado de fora e todas as atletas participavam juntas. Eu gostei porque eles valorizam, né... não só a atleta profissional, acho que valorizam o ser humano também e achei isso importante e não tive problema em me adaptar a esse hábito, faz parte da cultura deles, era assim em todos os jogos.”

Gestão pós-carreira

- “Então, não é só ir lá é jogar sem se preocupar com nada porque eles são profissionais e cuidam de tudo para você, eles se preocupam com o atleta, eles também cuidam da vida do atleta, tinha esse lado espiritual, mas também tinha palestra sobre o financeiro, como você aplica o seu dinheiro para você terminar a sua carreira e ter um pé de meia. Então, nas palestras eles de orientação financeira, mas como eu não era americana, eu não tinha meio que assistir, mas eu assistia porque era da equipe.”

De modo geral, a adaptação às equipes da Europa ocorreu de forma rápida, porque o estilo de jogo era muito parecido com o do Brasil, o sistema de treinamento na pré-temporada, assim como nos Estados Unidos, priorizava a preparação física e as jogadoras das equipes da Europa também tinham o hábito de realizar o estudo prévio dos treinos e das equipes adversárias. Entretanto, os relatos apresentaram diferenças relacionadas às questões envolvendo as disputas internas, vaidade e ciúme e, principalmente, ao papel e à importância da Helen como jogadora em todas as equipes às quais defendeu, e essa diferença pode ser observada a partir da sua 3ª expatriação.

- “Eu sempre digo que foi um privilégio e um grande aprendizado jogar na WNBA, até porque, o mundo inteiro estava ali, as melhores estavam ali e mesmo que eu joguei pouco ou não joguei, eu me sentia uma privilegiada de estar entre as melhores, eu não estava em qualquer liga. Mas as minhas passagens pela Europa foram diferentes porque na equipe não tinha a vaidade e ciúmes entre as jogadoras, a religiosidade, a necessidade de cuidado com a imagem, tampouco as palestras. Nessa parte, tudo era muito diferente do profissionalismo que existia na WNBA e me adaptar a equipe foi mais tranquilo, mesmo porque era parecido demais com os esquemas e estilo de jogo que eu estava acostumada no Brasil e também tinha muitas estrangeiras jogando nas equipes, não tinha essa coisa de identificar a equipe por causa da jogadora. E, eu era titular, não admitia ficar no banco e nem ficava, entendeu? Era uma outra realidade, um outro mundo, diferente dos Estados Unidos, porque em todas as equipes da Espanha e em Novosibirsk eu fui contratada para resolver, inclusive, joguei como armadora, a posição que eu estava acostumada e joguei nessa posição em todas as equipes da Europa.”

Os relatos envolvendo problemas pessoais e emocionais, ao longo dos processos de expatriação identificaram o enfrentamento de problemas associados ao peso e alteração no ciclo menstrual, ocorridos na 1ª expatriação, quando a mudança de país, somado a problemas de relacionamento existentes ainda no Brasil, causaram ansiedade e desencadearam um descontrole na alimentação, excesso de peso e problemas de ordem fisiológica.

- “Primeiro ano, nossa! Eu acho que engordei uns 8 quilos lá, eu comia demais, gente. Eu acho que o meu primeiro ano foi mais emocional, da ansiedade dessa mudança e eu, particularmente, pessoalmente falando, não estava muito bem no relacionamento, na minha vida pessoal e isso influenciou, porque tudo começa na mente da gente, se a gente não está bem emocionalmente, tudo vai por água abaixo, né? E eu não estava muito bem e a minha saída foi o que? Comer. Então o meu primeiro ano foi assim, cheguei lá, fiquei forte (risos), até as minhas irmãs falaram que nunca me viram gordinha, porque as americanas treinam demais lá, então já era uma coisa físico, eu sabia que ia encorpar, mas por causa da ansiedade eu comecei a comer muito, coisa que a gente não via no Brasil naquela época e aí eu ganhei um pouquinho de peso, também fiquei três meses sem menstruar e isso

me deixou inchada, só fui perceber isso depois, mas o meu emocional e o fisiológico foram bastante alterados. Eu não fiz nada e não pedi ajuda, porque achei que aquilo era normal do meu organismo e não ia me atrapalhar, como não atrapalhou, eu apenas enfrentei porque eu era de uma geração que passou por tanta coisa difícil, tanta coisa, que amadureci mais rápido e aprendi a me superar, a ser resiliente.”

Os relatos relativos aos sentimentos vivenciados na adaptação a novas culturas e equipes foram diferentes em cada processo, apenas o sentimento de responsabilidade e de preocupação apareceram em todos os processos. Com relação à maneira que Helen lidou com esses sentimentos, observou-se que foi com profissionalismo em todas as expatriações.

Na 1ª expatriação, o sentimento de ansiedade e nervosismo deu-se principalmente por causa do idioma e por ser a primeira vez que Helen saiu do país para jogar em outra equipe para um desafio individual.

- “Foi a primeira vez que eu saí do país para jogar em um time, era desconhecido, outro idioma, fiquei com o coração quase saindo pela boca com as pernas bambas. Apesar de eu já estar com 27 anos, foi uma novidade para mim, eu estava acostumada com o Brasil, o máximo que eu fazia era sair para jogar com a seleção para jogar, mas era diferente, porque eu estava com as minhas amigas do seu país, mas ir sozinha para um desafio individual é normal se sentir ansiosa e nervosa. Fiquei preocupada porque o meu inglês era ruim e, por mais que eu tenha dado um jeito, andava com dicionário, falava um pouco, as jogadoras que jogaram no Brasil me ajudaram e as outras meninas da equipe foram super receptivas e compreensivas comigo, me ajudaram bastante. Mas foi no começo, depois eu me acostumei, foquei no objetivo e percebi que dependia de mim, porque lá eu tive ajuda, fui bem tratada.”

Na 2ª expatriação os sentimentos vivenciados no início da temporada estavam voltados à preocupação e à tranquilidade. Preocupação, devido à troca de técnico, tranquilidade, porque a nova técnica já era assistente do técnico e conhecia o trabalho que ela havia realizado na primeira temporada dela na WNBA, e privilégio, como já dito anteriormente, por retornar para uma liga que reunia as melhores atletas do mundo. Quanto ao sentimento de preocupação e tranquilidade, Helen relatou que:

- “Você termina uma temporada com um técnico e inicia com outro e essa troca por mais que a técnica que entrou no lugar já me conhecia e sabia como eu jogava, é sempre preocupante porque cada um tem o seu jeito, a sua filosofia de comandar a equipe e as suas opções táticas. Mas ela me ajudou muito a melhorar a minha consciência coletiva de defesa e o meu posicionamento defensivo, então, orientava a como usar a minha perna em determinadas situações, a colocar o meu corpo dessa maneira, enfim, dizia que eu ia conseguir defender, então eu comecei a temporada tranquila.”

Na 3ª expatriação, a passagem pela equipe de Zaragoza foi curta, mas pelo fato de ser estrangeira, e ter sido contratada para substituir outra jogadora brasileira, faltando apenas três meses para terminar a temporada, foi considerada uma grande responsabilidade. Quanto aos sentimentos de insegurança, estranheza e preocupação, os relatos indicaram que eles estavam associados ao sentimento de responsabilidade, pois:

- “Na Espanha, quando as estrangeiras são contratadas é para serem as atletas principais das equipes, para entrar, ajudar a equipe a ganhar, deixar a equipe sempre numa melhor colocação e, muitas vezes, para não deixar a equipe cair e isso aumentou a minha responsabilidade, ir nessa situação já era uma grande. Mas para você assumir essa responsabilidade, no meu caso, eu precisava treinar e quando cheguei e tive acesso a programação dos treinos, estranhei que a equipe treinava pouco a parte de condicionamento físico e por isso, eu fiquei preocupada e insegura se ia conseguir jogar bem, porque precisava desse condicionamento para jogar bem.”

Na 4ª expatriação, os sentimentos vivenciados foram:

De medo, por viajar para um lugar no qual nunca havia jogado, tampouco obtido informações prévias, que não fossem relacionadas apenas ao frio.

- “Quando cheguei em Novosibirsk, aí gelou, a hora que o avião aterrissou lá na capital nossa eu comecei a chorar, confesso que eu chorei, porque não sabia como os russos eram, se o idioma e o frio influenciariam, foi difícil.”

O de dependência, pela necessidade de estar sendo assistida por uma intérprete, inclusive, para a socialização extra quadra.

- “A comunicação foi bem difícil, não era como o inglês, que você dá um jeito, arranha aqui, pega o dicionário e tenta falar, lá isso não adiantava, dependi muito da intérprete, aonde eu ia ela ia para ajudar, era difícil se comunicar sem a ajuda dela, foi uma experiência do outro mundo.”

O de isolamento, pela distância percorrida e por estar afastada, por exemplo, de Moscou, seu ponto de partida até Novosibirsk.

- “Eu viajei 40 horas em trem lá, quarenta, sem tomar banho, só no lençinho, porque, sabe o transiberiano? Então viajava de uma ponta a outra, ele começa em Moscou e termina lá na Mongólia, antes da Mongólia tem a Sibéria, quarenta horas eu viajei, parecia que eu estava em um lugar fora do mapa.”

O de responsabilidade, por ser, no início da temporada, a primeira estrangeira da equipe e a primeira brasileira a jogar na Rússia.

- “Por ser estrangeira a cobrança era maior porque eu fui contratada para ser titular e com a responsabilidade de comandar a equipe e fazer a diferença e eu já fui com essa responsabilidade porque eu também me cobrava por isso, sempre me cobrei e sempre fui muito perfeccionista como jogadora. Então quando se é contratada para jogar em outro país, que têm certas regalias que as jogadoras daquele país não têm, é natural a cobrança da equipe e eu me cobrar. Eu também fui a pioneira, a brasileira que abriu portas lá, então também é grande uma responsabilidade.”

Nas demais expatriações, observou-se que os sentimentos de responsabilidade e preocupação continuaram sendo vivenciados e que houve similaridade entre os motivos que desencadearam tais sentimentos.

- “Cada time tinha um objetivo de acordo com o seu investimento e realidade, tinha time que investiu para ser campeão, outros para não descer, porque tinha acabado de conseguir o acesso a primeira divisão do campeonato e tinha time que objetivo era chegar aos play-offs e ficar entre os quatro primeiros. Então quando eu era contratada eu já sabia qual era meu papel e o tamanho da responsabilidade na equipe, então a preocupação era render o esperado e cumprir o meu papel no time e eu viajava consciente das minhas responsabilidades e ia preparada para fazer o meu melhor.”

Na 5ª expatriação, os sentimentos de realização e segurança se manifestaram, porque Helen foi jogar na equipe do Barcelona, estava recém-casada com o marido, de nacionalidade espanhola, e porque estava com ele em uma cidade que já não lhe era estranha.

- “Eu fui para a Espanha porque era um campeonato que pagava muito bem, estava em alta, estava forte, porque era o time do Barcelona, tinha jogadoras muito boas, de ponta, tinha até um pivô que jogava comigo na seleção brasileira, que era campeã na WNBA e da Euroliga. Eu também fui para o país do meu marido, que me deixou mais segura e a equipe era o Barcelona, o Barcelona, um time que montaram para ser campeão.”

Na 6ª expatriação, os sentimentos vivenciados foram o de satisfação, pelo retorno para mais uma temporada na mesma equipe, por saber que iria retornar para a equipe como titular, de tranquilidade, por já estar adaptada à equipe, à cultura local e do país, por estar na companhia e poder contar com o apoio do marido, e de alegria, pela sua irmã ter ido jogar por um mês na equipe em um momento que ela precisava de apoio.

Assim como ocorreu na sua última temporada pela equipe do Barcelona, na sua 7ª e 8ª expatriação Helen teve como companheira de equipe, a irmã e o fato de saber que expatriaria com essa informação, bem como que na equipe havia outra brasileira, a qual ela também conhecia, motivou o sentimento de alegria. Quanto à tranquilidade, foi um sentimento impulsionado por ter a companhia da irmã e, naturalmente, do marido e por identificar, logo na pré-temporada, que estaria jogando em uma equipe com atletas legais, bom técnico e treinos que atendiam às suas expectativas.”

- “Quando fui convidada para jogar na equipe do La Seu a minha irmã também foi e pudemos jogar mais uma temporada juntas e lá também jogava uma brasileira que era casada com um espanhol, então eu fiquei feliz porque estava com pessoas muito próximas de mim. Logo na pré-temporada tive bom relacionamento com as jogadoras da equipe e com o técnico e o treino eram muito bons.”

Como exposto nos relatos, os sentimentos de responsabilidade, tranquilidade e alegria foram constantes nas duas últimas expatriações da Helen e igualmente, estiveram presentes na 9ª e 10ª expatriações. Entretanto, os relatos mostraram que esses sentimentos foram despertados por diferentes estímulos.

- “Hondarribia foi uma cidade que cheguei e me apaixonei, era linda. Na pré-temporada eu me dei super bem com as jogadoras, com o meu técnico e fui muito bem tratada pelo presidente do time e isso trouxe tranquilidade e alegria para eu me adaptar no time e assumir a minha responsabilidade, que eu já fui sabendo qual era, com tranquilidade, porque quando você muda de time, o ambiente e o jeito que você é recebida no seu novo time já dá para ter uma noção de como vai ser, como você tem que se comportar.”

No que diz respeito a como ocorreu o processo de assimilação às culturas e às equipes, os relatos identificaram que, em relação à cultura, na 1ª e 2ª expatriação a assimilação foi rápida, até porque Helen já conhecia o país e estava habituada à cultura e aos costumes dos americanos. Entretanto, de acordo com os relatos, é possível afirmar que não houve uma assimilação específica quanto ao idioma, porque não ocorreu o aprendizado da língua inglesa e, conseqüentemente, a fluência na comunicação. Na 4ª expatriação, a assimilação à nova cultura foi descrita como surpreendente, porque apesar de fazer muito frio e não conhecer a culinária Russa, a adaptação ao clima e à alimentação também foi rápida. Quanto ao idioma, repetiu-se o processo de assimilação nas expatriações para os Estados Unidos, ou seja, não houve.

- “Me surpreendi com a culinária Russa, assimilei fácil o hábito alimentar deles, muito peixe, salmão, sopas, pratos deliciosos e que não passei frio. O frio, ah... eu passo mais frio no Brasil do que lá, é frio, mas eu não senti, porque eles são preparados para o frio, qualquer lugar que você vai, você tem que tirar a roupa senão você sua, pinga de tanto calor que faz. A maior dificuldade foi assimilar o idioma, até que eu tentei aprender o russo, pelo menos o básico para se comunicar no jogo, tentei aprender os números para chamar as jogadas, foi um esforço meu, por mim mesmo, mas desisti porque era muito difícil, não deu, muito difícil.”

Nas 3ª e 5ª expatriação, o processo de assimilação à cultura e ao clima foram rápidos e nas demais, Helen já estava adaptada, portanto, assimilado esses aspectos da cultura. Contudo, na 3ª e durante um período da 5ª expatriação, a assimilação ao ritmo de vida, especificamente aos horários das refeições, foi um desafio, pois os espanhóis têm o hábito de almoçar entre 14hs e 15 hs, e jantar a partir das 20h30m, horários diferentes os quais ela estava habituada a realizar as refeições.

O processo de assimilação ao idioma também foi um desafio na 5ª expatriação e, assim como nos Estados Unidos e na Rússia, não houve assimilação porque:

- “Na Espanha eu já tinha ido jogar várias vezes com a seleção e por isso, conversava um pouco com as jogadoras, ouvia o idioma e conseguia me comunicar um pouco. Quando eu fui para Barcelona eu já tinha certo domínio do idioma castelhano por causa do convívio com o meu marido, então não tinha dificuldade em entender e falar. Eu também sabia que dentro da Espanha havia estados diferentes, com culturas diferentes e que em Barcelona a língua nativa deles era o Catalão, mas não pensei que era tão diferente, no começo foi um choque, era muito estranho. Então, eu falo que foi um desafio porque parecia que eu estava em outro mundo, tinha muita coisa do português, tinha o francês misturado, muita palavra que era igual a nossa, então você acaba se acostumando, depois de alguns meses eu já estava entendendo tudo, mas falar o idioma eu não aprendi, optei por fazer aula de castelhano durante quatro meses para aprimorar e aprender a conjugar os verbos.”

Quanto à assimilação às equipes, constatou-se que na 1ª expatriação foi um desafio assimilar a nova posição na quadra e aprimorar o fundamento defensivo. O mesmo ocorreu na 2ª e 7ª expatriação, quando passou por duas trocas de técnicos na equipe. Já na 3ª expatriação, encontrou dificuldades para assimilar os horários noturnos de treinos, bem como os métodos dos treinamentos, ou seja, a mudança de ritmo, principalmente do treino físico, e tal dificuldade com os métodos se repetiu ao longo da 1ª, 2ª e 4ª expatriação. Na 8ª expatriação, a dificuldade de assimilação foi direcionada para o excesso de cobrança do técnico e a falta de estrutura do clube. Contudo, não há relatos que indiquem a impossibilidade de assimilação dos desafios e dificuldades relatados e como exemplo dessa possibilidade, está a mudança de ritmo de treinamento, que a partir da 5ª e 7ª expatriação foi relatada como positiva, visto que Helen encontrou estratégias para superá-la.

Por outro lado, também houve assimilação positiva referente aos hábitos da equipe, à relação com jogadoras e técnicos e à socialização dentro e fora das quadras com a equipe. Helen assimilou bem o estilo das equipes jogarem, seja o jogo de força e correria nos Estados Unidos ou o de inteligência e mais cadenciado na Europa, não teve problema em nenhuma das suas expatriações. A relação com os técnicos e as jogadoras da equipe, bem como a socialização dentro e fora da quadra, foram identificadas como positivas.

Quanto aos hábitos da equipe:

- “Estudar antecipadamente as equipes adversárias e as jogadoras foi uma coisa positiva para mim, porque facilitava na hora do jogo, então eu já sabia as jogadas, as características individuais das jogadoras que eu ia marcar, em que lado costumava jogar, em qual fundamento ela é melhor ou que tinha dificuldade. Em todas as equipes que joguei foi assim, não teve nenhum que isso não acontecia, era parte da equipe e tinha que estudar.”

A relação e socialização

- “A convivência dentro de uma equipe tem que ser a mesma, jogando dentro ou fora do Brasil, tem que ser profissional e eu sempre fui, mas também tem que ter o lado humano, se colocar no lugar do técnico, da jogadora e tentar entender que cada pessoa tem o seu jeito de ser. Falam que nós brasileiros, gostamos de conversar, somos mais alegres, mas nem todos brasileiros são assim, né? Quando eu fui jogar fora eu sabia que nos times tinham estrangeiras, na Europa mais, e que era importante tentar entender o modo de ser de cada uma para poder ter uma boa convivência em grupo, um bom ambiente, porque levamos esse ambiente para a quadra. Eu falo que foi totalmente positivo, entendeu, e para mim foi muito bom, tudo depende de como você encara as situações da vida e se relacionar com o outro. Então, em todos os clubes que eu fui, eu deixei uma porta aberta, eu nunca sai brigada, eu nunca deixei a equipe por motivos pessoais ou por falta de um bom desenvolvimento, de uma boa socialização e comunicação com as meninas, com a torcida, com as pessoas que fiz amizade, então eu nunca tive esse problema, as minhas opções foram sempre opções para ver o melhor para mim como atleta. Tanto é que as amizades que eu fiz, tenho até hoje com pessoas e atletas em todos os clubes que eu joguei.”

Para que fosse possível assimilar todos os aspectos acima identificados nos relatos, com exceção dos idiomas inglês e russo, Helen utilizou diferentes estratégias e, mesmo que não tenha alcançado êxito, no que tange ao aprendizado do idioma – uma barreira que se apresentou em algumas expatriações, como nos Estados Unidos e na Rússia –, ainda assim, a estratégia foi o uso do dicionário, a observação e aulas particulares, respectivamente, e a ajuda do marido para aprender o castelhano. Além do

apoio do marido, realizou aulas em uma escola da prefeitura na cidade de Barcelona, mas não teve interesse em aprender o idioma catalão porque:

- “Eu não quis aprender o catalão porque em Barcelona, mesmo que fosse a língua nativa deles, eles podiam falar em castelhano, de preferência a minha técnica e as jogadoras da equipe, porque eu falava e entendia e ia ser mais fácil a comunicação entre nós, mas elas só falavam em catalão. Achei isso falta de respeito comigo e com a outra brasileira da equipe, mas tudo bem, no primeiro ano foi assim, as jogadoras pensavam que eu não entendia, mas eu entendia e com o passar dos dias entendia mais ainda, eu só não falava, então a estratégia foi ouvir com atenção.”

De forma geral, as estratégias utilizadas para assimilar a cultura dos países, a começar pela Europa, uma vez que, em relação aos Estados Unidos, não foram identificadas estratégias utilizadas, muito provavelmente, porque Helen já estava adaptada a esse país, que afirmou amar, conceituar como maravilhoso e que um dia gostaria de morar. Assim, seguindo para a Europa, a estratégia foi a colaboração do namorado, que veio se tornar o seu marido, como já explicado, que a acompanhou em todas as expatriações, inclusive para Novosibirsk, local que Helen dificilmente iria sem a sua companhia.

- “Eu queria ir para a Rússia, mas só iria se o meu namorado fosse comigo, porque imagina na Sibéria, era Rússia, então eu disse: – “Ah vou levar alguém comigo”. Aí a minha estratégia deu certo e o meu marido foi comigo, na época ele não era o meu marido ainda. Aí, lá fomos nós para Novosibirsk. Mas eu acho que não iria, sozinha, naquele ano, naquele momento eu não iria, talvez depois de uns cinco, seis anos eu fosse. Mas como era uma experiência nova na Europa, oito meses sozinha lá, eu acho que eu não iria, então ele foi uma força maior, me deu um empurrão para eu ir. Ele também me mostrou a Espanha, me ensinou um pouco da história de cada cidade que joguei, me apoiou e ajudou em tudo.”

Seguida da estratégia do auto adaptação, isto é, a necessidade de adaptar o seu corpo, aos horários de treinos, refeições, sono e ritmo de vida na Espanha.

- “O treino de manhã terminava às 11 horas, então eu tinha que almoçar entre 14 e 15 horas, não tinha como comer algo pesado antes, treinar e ficar com aquela refeição até o jantar, essas coisas. Então eu precisei fazer com que o meu

organismo se adaptasse a esse ritmo, porque os treinos da manhã eram nesse horário, eu não tinha que ir contra isso, mudar. Aí, quando eu ia jogar em um time que os horários dos treinos eram a noite, como foi em Zaragoza, eu preparava as minhas refeições, deixava alguma coisa pronta para depois do treino da noite, sempre uma comida leve, comia uma fruta, um lanche antes do treino e desse jeito eu ia me ajustando ao ritmo de vida, adaptando o horário de sono, que era tarde e também aproveitando, sempre que eu podia, a culinária espanhola que sempre foi deliciosa.”

Ainda quanto à cultura, Helen explica que nunca fez comparação entre a cultura local e a do Brasil, em nenhum país que jogou, para ela era fundamental entender como funcionava o contexto, respeitar as regras de convivência, os hábitos e os costumes, se incorporar a tal cultura, sem, no entanto, perder a sua identidade.

- “Muitas vezes, quando a gente vê as coisas na televisão, principalmente jogador de futebol, eu não consigo entender, na minha cabeça, eu não consigo imaginar um cara que tem um contrato, que é muito bem pago, não se apresentar a equipe no dia certo, na hora certa, não querer mais jogar na equipe porque não acostumou com a comida, com o frio, com o calor, com a forma que a equipe joga, com o técnico e essas coisas que dão como justificativa, falam até que foi a família que não acostumou. Eu respeito e não é uma crítica, eu só não entendo e acho que eles nem tentam, porque também não foi fácil para mim, teve a saudade, a preocupação, as incertezas e, antes do meu marido me acompanhar, eu estava sozinha, mas procurei fazer amigos, me integrar na cultura experimentando comidas que nunca comi, visitando lugares e aprendendo um pouco sobre eles. Então, se não estava bom daquele jeito eu ia atrás de um jeito que eu pudesse me adaptar sem desrespeitar ninguém e a cultura. Eu nunca reclamei, nunca deixei de ser eu, de perder a minha identidade como pessoa e jogadora.”

As estratégias utilizadas no contexto de prática esportiva apontaram, principalmente, para o profissionalismo, algo que Helen tem pontuado em todas as suas narrativas, até aqui descritas, como um componente importante para assimilar, adaptar e vencer os desafios pertinentes aos processos de expatriação por ela identificados.

Na sua 1ª expatriação observou-se que as estratégias de enfrentamento, tais como a determinação, a coragem, a humildade, a aceitação, o entendimento, a disciplina, a

comunicação e o respeito ao comando técnico, bem como a consciência coletiva, foram utilizadas para assimilar a mudança de posicionamento em quadra, a obrigatoriedade de aprimorar o fundamento defensivo, a reserva e o pouco tempo em quadra, e podem ser compreendidas como características e qualidades positivas da Helen como atleta. Entretanto, não foram apenas utilizadas as suas características pessoais como estratégia, pois ela também contou com o apoio da família, tanto a sua família no Brasil como a que a acolheu nos Estados Unidos, criou laços de amizade com torcedores e, principalmente, com as jogadoras da equipe, e buscou apoio na própria equipe, como detalhado abaixo.

- “Tudo depende do seu comportamento quando as coisas não acontecem como você está acostumada ou quer que aconteça. No Brasil eu era titular em todas os times e durante um tempo fui titular da seleção brasileira. Eu sempre fui muito disciplinada na minha carreira, então, eu fazia tudo o que tinha que fazer, eu treinava o que eu tinha que treinar, eu me dedicava, respeitava o técnico e o que ele mandava eu fazer, as jogadoras mais experientes e nunca fui de questionar ou brigar se em um jogo eu jogava pouco, não era titular. Para que? Então eu era de grupo, fazia o meu papel para ajudar o time, não ligava se alguma jogadora era melhor que eu ou jogava melhor, eu ia lá e fazia bem feito o que eu tinha que fazer, porque o resultado tinha que ser positivo para o time todo, a equipe. Quando eu fui para a WNBA, fui consciente que ia ser diferente e difícil, mas eu fui corajosa e encarei o desafio, fui humilde e entendi o motivo do meu técnico por eu na lateral porque nós conversamos muito com a respeito e ele me explicou e fui determinada para conseguir assimilar tudo isso e jogar bem. Então, eu digo que esse meu jeito de ser e ver as coisas pelo lado positivo deu certo, tanto é que joguei três temporadas pela mesma equipe, fiz amizades, as meninas me apoiaram, me respeitaram. Quando eu vim embora, sai pela porta da frente.”

Em relação às expatriações para a Europa, de forma geral, as estratégias utilizadas para assimilar a mudança de intensidade de treinos após a pré-temporada e até mesmo a falta de condicionamento físico, identificado como uma preocupação, primeiramente foi a ética. Observada na sua atitude de comunicar à comissão técnica das equipes que estaria realizando treinos individuais, para não perder a sua condição física e a confiança no seu jogo. Para tanto, não questionou, em nenhuma passagem pelos times, que tal cultura esportiva era certa ou errada, pelo contrário, foi positiva, assimilou, buscou apoio nas atletas brasileiras, até mesmo nas demais atletas das equipes, na família e no marido. Na

sua 5ª expatriação, quando passou por um momento difícil na equipe, em consequência da queda de rendimento, utilizou o recurso do diálogo com a técnica e, por meio da boa comunicação e da iniciativa própria, de buscar melhorar a sua condição física e técnica, readquiriu a confiança da técnica e melhorou a sua performance. A comunicação também foi a estratégia utilizada para socializar e criar vínculos de amizade com as atletas das equipes.

- “Por ser estrangeira e a jogadora contratada para conduzir a equipe no campeonato, eu sempre busquei conversar, ajudar, orientar, apoiar trazer comigo algumas jogadoras para bater uns arremessos antes ou depois dos treinos e eu acho que isso também mudou a opinião das pessoas do time quando eu cheguei e eles falaram que eu não ia dar em nada por ser loira. Tinha muitas estrangeiras nas equipes, cada uma de um país, todas no mesmo barco, em busca dos mesmos objetivos coletivos, até as espanholas do time, então a gente acaba ficando mais próximas e aí vem a amizade, o respeito, uma vez ou outra um compromisso fora das quadras para distrair um pouco, coisas normais, que acaba até trazendo mais confiança. Eu tinha o meu marido comigo e as minhas irmãs que jogaram um pouco comigo lá, mas essa interação com as jogadoras da equipe, dar e ter o apoio delas foi importante e ajudou muito.”

Na questão sobre se de alguma forma a cultura esportiva impactou na sua adaptação ao país, Helen apenas respondeu:

- “Sempre ouvi que você é fora da quadra o que você é dentro da quadra e vice-versa e até vejo que isso tem relação sim, a personalidade, a iniciativa, a coragem de viver, de enfrentar os obstáculos, acho que é a personalidade, essas coisas. Mas nesse caso, eu falo que a organização, a disciplina, o planejamento e o profissionalismo com que as ligas conduziam os campeonatos, impactou positivamente, não sei se na cultura do país, acho que não, mas na minha conduta profissional e como pessoa, sim.”

Na última pergunta sobre a adaptação cultural aguda, direcionada aos fatores que foram considerados relevantes para que Helen voltasse a migrar internacionalmente, os relatos apontaram que os principais fatores foram a oportunidade de estar entre as melhores atletas do mundo, tanto na liga americana quanto no campeonato europeu, de novos aprendizados na forma de atuação no jogo, a possibilidade de aperfeiçoamento

peçoal e profissional e de se adaptar a situações adversas, todas identificadas na 1ª expatriação. Somadas aos fatores acima, as expatriações pela Europa despertaram interesses voltados ao lado pessoal, visto que a força e importância do campeonato no cenário esportivo lhe traria visibilidade e reconhecimento internacional, ganhos financeiros, valorização profissional e aprendizagem quanto ao estilo de jogo das americanas, que futuramente poderiam ser utilizados como estratégia para possíveis enfrentamentos em jogos olímpicos, campeonatos mundiais ou pan-americanos.

- “A experiência de jogar fora do país trouxe muitos aprendizados dentro e fora das quadras, mas eu falo que também foi importante para conhecer como as americanas, jogam, treinam, se comportam em quadra contra as defesas dos outros times, o que elas têm de forte e qual a fraqueza delas. São informações importantes que ajudam a nossa preparação para enfrentar elas, que sempre foi um time muito forte”.

Igualmente, as expatriações para jogar na Europa proporcionaram um maior tempo em quadra, bem diferente na sua passagem pelos Estados Unidos, o que levou a outros fatores, o de ser uma das principais atletas da equipe e poder prolongar a carreira. Quanto a esses fatores, Helen explicou que:

- “Na WNBA tinha muita concorrência e a intensidade dos treinos exigia demais, eu já estava com 30 anos e eles estavam trazendo as meninas mais novas, então eu não ia ficar ali brigando por lugar com uma menina mais nova, sendo que, de repente, podia ser uma jogadora que a técnica preferia no time. Quando eu fui eu estava no auge, com mais de 30 já era para que? Para não jogar, para ficar de décima terceira? Então, eles já vão preferindo as mais novas, já fazem essa renovação na equipe também, eles não ficam ali martelando entre uma atleta ou outra, é difícil, ainda mais se é uma americana, se uma jogadora que já foi draftada, que faz parte da franquia, mas eu não era jogadora draftada, eu era jogadora que tinha passado pelo *Training Camp* então era hora de sair. Na Europa o ritmo era outro, havia as exigências nos treinos, como a pressão do técnico para cima das estrangeiras, mas nada comparado aos Estados Unidos, os jogos eram mais espaçados, dava para treinar com a equipe e fazer os meus treinos individuais no meu ritmo, descansar mais, não tinha aquela competição interna, aquela vaidade entre as jogadoras da WNBA, até os objetivos das equipes eram

diferentes, eram mais tranquilos, por isso dava para prolongar um pouco mais a carreira e eu joguei na Europa por 8 temporadas.”

O desejo de ser campeã pelo Barcelona, jogar com a irmã, auxiliar as equipes, que recém haviam conquistado o acesso à primeira divisão, a se manter nela e encerrar o ciclo de expatriação atuando por um time onde Helen afirmou ter tido os seus melhores anos como jogadora, o Hondarribia, foram outros fatores responsáveis pelo seu desejo de voltar a migrar internacionalmente.

4.7.1.3 Fase de adaptação sociocultural: Principais características

Na figura a seguir, serão apresentadas as respostas relacionadas à fase de adaptação sociocultural, divididas em 6 questões pertinentes a essa fase do Modelo, isto é, aos aspectos referentes ao ajustamento e interação da atleta à nova cultura, ao contexto de prática esportiva e ao convívio social. Para tanto, os relatos foram agrupados por expatriações ao mesmo contexto ou país e buscaram identificar o tempo necessário para a adaptação total à nova cultura, quais os sentimentos vivenciados ao longo desse processo, bem como se foram criados vínculos de amizade e quais as atividades sociais realizadas. Na sequência, a figura mostra os sentimentos vivenciados após passar pelo processo de adaptação sociocultural e se algum fato, seja positivo ou negativo, impactou nesse processo.

Figura 11 - Fase de adaptação sociocultural

	Tempo de adaptação à nova cultura e a equipe	Aproximadamente entre três e quatro semanas
	Permanência - sentimentos	Determinação, superação, entendimento, resiliência, orgulho, confiança e valorização
	Vínculos de amizade	Atletas da equipe, torcedor e família americana (mantenho até hoje).
	Atividade social	Churrasco com amigos americanos, visita a casa de família de brasileiros, passeios com atletas da equipe e brasileiras que jogavam na liga, turismo local.
	Sentimentos pós adaptação	Realização e de dever cumprido.
	Acontecimentos que influenciaram na adaptação	Preocupação, idioma, ansiedade, nervosismo, incerteza e saudade Profissionalismo, organização e tranquilidade
	Tempo de adaptação à nova cultura e a equipe	Aproximadamente entre cinco e seis semanas
	Permanência - sentimentos	Alívio, superação, afeto e gratidão
	Vínculos de amizade	Com atletas da equipe, intérprete, torcedores e pessoas do clube.
	Atividade social	Reunião com atletas da equipe, passeios, visita a casa de torcedor, turismo local.
	Sentimentos pós adaptação	Dever cumprido e de vitória.
	Acontecimentos que influenciaram na adaptação	Preocupação, idioma, medo, dependência, isolamento, mudança de ritmo de treino e saudade Acolhimento, alimentação, companhia do namorado, e função na equipe.
	Tempo de adaptação à nova cultura e as equipes	Aproximadamente entre três e quatro semanas
	Permanência - sentimentos	Entendimento, equilíbrio emocional, realização, superação, bem-estar emocional e integração.
	Vínculos de amizade	Atletas da equipe (mantenho até hoje) e pessoas da comunidade local.
	Atividade social	Lazer, turismo, reunião com atletas da equipe.
	Sentimentos pós adaptação	Dever cumprido, felicidade e de estar em casa.
	Acontecimentos que influenciaram na adaptação	Preocupação, idioma, horários das refeições, insatisfação, incerteza, irritação e saudade. Casamento, companhia do marido, das irmãs e das atletas brasileiras, mudança de ritmo de treino e função na equipe

Quanto a essa fase do Modelo, as respostas foram agrupadas em 3 períodos, o da 1ª e 2ª expatriação, que deu origem ao ciclo de expatriações, o da 4ª expatriação para Novosibirsk, que foi considerada pela Helen como um grande desafio pessoal, e as para a Espanha, por se referirem a um mesmo país com a cultura, inclusive a esportiva, muito parecidas. Igualmente, as repostas serão identificadas em orem cronológica dos acontecimentos, ou seja, em qual expatriação ela foi vivenciada.

Dessa forma, quanto ao tempo necessário para assimilar a cultura e a equipe, considerando a primeira expatriação para os Estados Unidos e para a Europa, Helen explicou que:

- “A minha adaptação foi rápida porque eu já conhecia os Estados Unidos e um pouco da Espanha e isso ajudou, então eu não tive problemas para assimilar e me adaptar a cultura do povo americano e espanhol. A minha adaptação foi na quadra porque eu tive que prestar atenção como era o estilo de jogo, como funcionava os esquemas de treinos, de viagem, conhecer as jogadoras, essas coisas que eu já falei, e para isso eu levei de três a quatro semanas para me adaptar, talvez um pouco menos na Espanha, mas se eu falar da primeira vez que fui para a WNBA e para Zaragoza, foi isso, de três a quatro semanas.”

Ainda, em relação à 2ª expatriação os Estados Unidos e às demais para a Espanha:

- “Na temporada que voltei para os estados Unidos e depois fui para o Barcelona e para os outros times da Espanha, eu não vou dizer que levei algum tempo para me adaptar porque eu já tinha ido, já sabia como era a cultura e os esquemas de jogo, então foi mesmo só assimilar as jogadas e conhecer as jogadoras das equipes que joguei, porque, até no Barcelona e no Hondarríbia, que fiz duas temporadas seguidas, as jogadas não eram as mesmas, aí o tempo de assimilar era o tempo de entender de repetir até aprender e para mim isso era rápido, mas também foi de aproximadamente de três a quatro semanas para assimilar bem. Na Espanha, cada cidade tinha a sua característica, a sua culinária, os lugares para conhecer, mas o meu marido sempre explicava as coisas, falava um pouco da comida, da origem da cidade, essas coisas que a gente acaba aprendendo e vai conhecendo o lugar, então quando eu ia para uma cidade, eu já sabia um pouco de como era.”

A 4ª expatriação para Novosibirsk foi uma experiência a parte do ciclo de expatriações da Helen e, por isso, como observado nos relatos, levou um pouco mais de tempo.

“Diferente de ir jogar em países que eu conhecia, eu nunca, nem em pensamento pensei que ia jogar em um time que ficava em uma cidade que era capital da Sibéria, só de falar Sibéria já dava a sensação que era no fim do mundo (risos), tive que ter muita coragem e apoio. Então, eu falo que foi só isso mesmo, não saber direito onde ficava esse lugar, como era, o que eu ia encontrar lá, o que eu ia comer, como eu ia encarar o frio, a neve e como as pessoas eram, porque na quadra, não foi diferente dos times que joguei na Espanha, só as jogadas mesmo. E aí foi ao contrário, eu demorei aproximadamente de quatro a cinco semanas para conhecer o desconhecido, assimilar as características daquele lugar e me adaptar ao ambiente, mas não demorei nada para gostar da comida, das pessoas e da cultura.”

Com relação aos sentimentos vivenciados durante o processo de adaptação, a começar pela sua passagem na WNBA, os relatos identificaram que na sua totalidade eles foram vivenciados na 1ª expatriação e estavam relacionados a:

Preocupação

- “Eu tive que me adaptar rapidamente ao estilo de jogo das americanas, jogar em uma posição que eu não rendia igual a de armadora, adquirir a característica de jogadora defensiva de jogar pouco e nem ser selecionada para o jogo. No começo foi difícil jogar fora da sua posição, não jogar e ter que defender bem e isso me preocupou porque a gente quer jogar bem, ajudar a equipe, mas eu tive que entender que estava jogando em um país onde a cultura esportiva era diferente da do Brasil.”

Superação

- “Na WNBA eu passei por vivências novas e cada dia eu tive que me superar, então, quando o meu técnico me colocou para jogar de lateral ele sabia o que era o melhor para mim e para a equipe e eu confiei na decisão dele e também confiei

em mim, porque sempre fui uma jogadora determinada e muito obediente taticamente, eu superei esse obstáculo e consegui.”

Entendimento e Resiliência

- “Aí tive que passar por mais o desafio, ter que melhorar a defesa para poder jogar e foi bem mais difícil do que jogar de lateral porque não era a minha característica, mas eu ia fazer o que, desistir, voltar para o meu país por causa disso ou até por não jogar muito tempo? Não, eu sempre entendi a situação, sempre olhei muito o lado positivo porque são situações e lições que uma faculdade não dá para você, que o livro não te dá, que talvez outra profissão não me desse, mas o esporte me deu, isso ajudou muito no meu entendimento também de pessoa, porque eu não olho só o lado profissional, mas o lado pessoal e me ajudou muito, eu cresci muito, aprendi muito. Então depois o resultado veio na quadra, quando eu joguei mais, fui bem em alguns jogos, fui entrevistada, recebi apoio das jogadoras de equipe, do meu técnico, foi uma realização pessoal e uma conquista muito importante para eu me adaptar e voltar para outra temporada melhor.”

Confiança e Orgulho

- “Eu acho que para conseguir superar os obstáculos como jogadora a gente tem que confiar no seu trabalho e na sua capacidade de superação, porque isso faz parte do atleta de seleção. Mas mesmo com as dificuldades que passei na WNBA, eu nunca perdi a confiança em mim, eu acreditei que ia conseguir porque eu fui lá para jogar, estar entre as melhores do mundo, aprender, crescer como jogadora e pessoa e ter conseguido isso me deixou orgulhosa. Não foi fácil, mas eu não me vitimei, segui a minha vida lá, me fortaleci porque passei por essa experiência em uma liga muito forte, voltei para o Brasil para defender a seleção brasileira super bem fisicamente e a nível técnico e joguei muito bola, fiquei orgulhosa de ter tido essa conquista como jogadora e ter uma história para contar.”

Quanto ao sentimento de se sentir valorizada:

- “Então, eu passei por momentos difíceis, tudo dentro da quadra, mas eu me senti valorizada, porque o meu esforço e dedicação foram reconhecidos pela minha

equipe, meu técnico e a torcida. A torcida foi demais, porque você sabe, os americanos fazem aquelas apresentações, então chamam todo mundo. A primeira vez que chamaram o meu nome eu ouvi a torcida gritando: - “Uuuuuuuu”. Aí eu pensei que eles estavam me vaiando e fui perguntar para uma companheira de equipe o que eu tinha feito para aquele povo me vaiar e ela respondeu: - “Ah Helen eles não estão vaiando você, eles estão falando LUZZZZZZ, porque o seu nome é Helen Luz.” Eu não acreditava naquilo, o ginásio inteiro falando LUZZZZZZZZ, arrepiava só de falar. Então eu adorava lá, a torcida, a gente tinha média de público de 11.000 pessoas, era muito bacana, a torcida em Washington era muito legal. Eu tenho um fã de lá que até hoje mantenho contato, ele acompanhou os meus jogos até quando fui para a Europa. É, era assim naquele país, eles valorizam o trabalho bem feito, o esforço e a sua história no basquete, tanto é que joguei no time de Washington por três temporadas.”

E da saudade:

- “Quando fui para a 1ª temporada na WNBA foi um pouco mais difícil porque era tudo novo para mim e eu morava sozinha, era normal sentir saudade da família, da minha casa, dos amigos, mas era uma saudade boa, eu não ficava triste. Mesmo que eu tenha ido com problemas pessoais no Brasil, eu queria muito ir, então era saudade mesmo, de conversar, saber como as coisas estavam e para falar com a minha mãe, minhas irmãs, tinha a internet, mas não era igual agora que a gente tem mais acesso, é mais fácil, na época era o Skype. Então eu ficava horas com a minha mãe no telefone porque lá tudo era barato, então você comprava o cartãozinho de telefone, U\$ 5 dólares e você falava 60 horas. Nossa, é muito barato, então eu ligava, conversava muito, e esse era o contato maior que eu tinha, com a minha família, dava para matar a saudade. Não era todo dia porque a gente viajava demais, para jogar, mas quando eu podia, toda a semana, com certeza, eu falava com a minha mãe, no começo foi um pouco mais difícil, depois eu fui me acostumando e ficou mais tranquilo.”

Os sentimentos identificados durante a temporada em que defendeu a equipe de Novosibirsk, na sua 4ª expatriação, foram o de alívio, pelo fato de não ter sofrido com o frio da Rússia, como acreditou que sofreria, o que, a princípio, causou medo e

preocupação, foram sentimentos que se dissiparam quando aprendeu a conviver com o frio e a utilizar um simples recurso.

- “Então, lembra que eu falei que para suportar o frio eu tinha que me aquecer do jeito certo? Então, esse jeito foi comprar uma jaqueta apropriada (risos), porque as que eu levei de nada adiantaram lá. Quando eu conto que eu não passei frio, eu não passei, é assim, eu passo mais frio no Brasil do que passei lá. As pessoas me perguntam como eu não passei frio, e eu não passei porque eles estão preparados para o frio, qualquer lugar que você vai, você tem que tirar a roupa senão você sua, pinga de tanto calor que faz, mas se você abrir a janela cinco, seis meses só neve, não tinha sol. O frio era mesmo na rua porque na minha casa, eu entrava e dormia de shorts e camiseta, porque a casa tem calefação, eles estão preparados, é um país que está preparado. Lá na Espanha o clima é muito parecido com o nosso, foi normal.”

O sentimento de preocupação também foi observado na expatriação para Novosibirsk, pois mesmo já tendo acesso a essa informação na sua 3ª expatriação, Helen acreditou que pudesse ser diferente por estar participando de uma temporada completa na Europa. Assim, a sua preocupação se deu pela queda de intensidade dos treinos ao longo da temporada, principalmente o treino físico, e pela insegurança que isso acarretava, visto que os treinamentos táticos e físicos eram importantes para a aquisição de recursos técnicos e emocionais para o jogo, como por exemplo, a confiança.

Quanto ao sentimento de superação, ele foi vivenciado porque Helen ter aceitado o desafio de jogar em um país onde nenhuma jogadora brasileira havia jogado, por ter enfrentado a barreira do idioma e do clima e por ter jogado bem mesmo com a desconfiança da equipe quanto ao seu potencial como jogadora.

- “Tanto as meninas da equipe quanto o pessoal do clube que me contratou achavam que eu era preta, eu não sabia se era porque antes de mim tinha uma armadora americana que ficou pouco tempo e foi embora, não sei dizer, mas quando cheguei elas disseram: - “Loira?” Eu estava bem loira, fazia luzes, né... (risos). - “Brasileira? Acho que não vai dar nada essa aí não.” Mas, eu joguei muito bem, a equipe ficou em terceiro na primeira fase, perdemos só para o Ekaterinburgo e o Spartak de Moscou, que eram as duas equipes que pagavam milhões para as jogadoras, o meu clube até premiou a gente com dinheiro. Nos

play-offs ficamos em quarto lugar, mas para eles valeu muito essa classificação de terceiro lugar porque colocou a equipe nos play-offs. Então eu fui super bem no campeonato, mesmo com a falta de regularidade de treinos, principalmente o físico, que era o que me preocupava porque fazia com que o meu rendimento caísse. Para mim, mesmo que eu tivesse o meu talento, o que me mantinha bem, com confiança, eram os treinamentos, mas eu dei o meu jeito, me superei e joguei bem, tanto é que as minhas companheiras de equipe disseram - “Não, ela veio aqui realmente para fazer o nosso time ir bem no campeonato.” Para mim foi muito bom porque alcancei os objetivos pessoais e coletivos.”

Em relação aos sentimentos de afeto e gratidão, foram vivenciados pelo acolhimento, preocupação, carinho e cuidado que recebeu das jogadoras da equipe, da comissão técnico, das pessoas que a auxiliaram durante a temporada e dos torcedores.

- “Eu viajei com o pensamento que seria tudo muito difícil, porque não era só entrar na quadra e jogar, têm outras coisas que dão suporte para o atleta jogar bem e eu não sabia como seria. Mas em Novosibirsk não teve nada disso, ao contrário, as meninas da equipe uma graça, super receptivas, entendiam que eu era estrangeira, então sabiam que podiam depositar em mim essa esperança, essa força e eu senti essa confiança. Então, eu também fui super bem acolhida, a preocupação deles com o lugar que eu ia morar, a comida, o frio, a comunicação, eles tiveram muito cuidado com essas coisas, fizeram de tudo para eu me sentir bem e por isso eu falo que fui grata por tudo que eles fizeram. Eles me presentearam, presentearam o meu namorado, demonstraram com isso, que também é um costume deles, carinho e respeito. Então não tem como não sentir afeto e gratidão por tudo que fizeram por mim lá, eu me senti acolhida.”

O sentimento saudade, foi por estar longe, sem a possibilidade de receber a visita da família ou se deslocar até ela, devido à distância e o pouco tempo para tanto.

- “É difícil não sentir saudade quando se passa tanto tempo fora do seu país, sem passar o Natal com a família, aniversário, foi muito tempo. Mas eu não estava sozinha, o meu namorado foi comigo e isso me ajudou muito, mas eu mantinha contato com a minha família, especialmente a minha mãe, porque na época o método mais fácil de comunicação era o telefone e lá o cartão telefônico também

era bem baratinho, então eu ligava sempre que sentia saudade e foram muitas vezes, muitas horas, (risos).”

No que concerne aos sentimentos vivenciados durante as expatriações para a Espanha, especificamente o de preocupação, é importante esclarecer que, apesar de aparecer nos relatos pertinentes a essa fase do Modelo, a narrativa de Helen deixou claro que, a partir da 5ª temporada, esse sentimento deu lugar ao de entendimento ou compreensão, porque houve o ajustamento à cultura esportiva da Europa, como explicado a seguir:

- “Depois que eu joguei em Zaragoza e na Rússia eu entendi como funcionava o esquema de treinos durante a temporada e eu tive que me acostumar com isso, sem me acomodar, porque eu precisava treinar e a parte física era superimportante para mim. Quando eu fui para o Barcelona, estava com 31 anos, quase 32 e precisava do que? Do meu físico e de estar bem treinada, então eu fiquei mais tranquila e lá me organizei para que isso não fosse mais um problema que pudesse atrapalhar o meu rendimento. Então eu fazia os meus treinos, valorizava cada treino que fazia com o time e cuidei do meu condicionamento físico.”

O equilíbrio emocional foi outro sentimento constatado nos relatos, e relatado ao longo das duas temporadas que jogou pela equipe do Barcelona.

- “Quando a gente sai do país a gente tem que encarar tudo com muito profissionalismo, nós brasileiros, somos muito emocionais, então, às vezes, no Brasil, quando a gente tem um problema no time ou troca de time, para tudo fica aquela sensação de mal-estar, porque nós levamos tudo para a emoção e o desgaste emocional é grande por você não saber como vai resolver os problemas. Então, eu aprendi muito nas minhas vivências jogando fora do país, passei a ver tudo com muito profissionalismo, ser positiva, não deixar que os problemas que enfrentei me desanimassem e ter o equilíbrio emocional para tomar as melhores decisões e ir atrás de alternativas que eu tinha ali para resolver as coisas. Porque quando você está fora de casa e longe da família, o lado emocional acaba potencializado, no sentido de você ter as emoções mais afloradas e então a pressão psicológica aumenta. Esse é um assunto que as pessoas não dão muita importância, mas eu dei, porque eu sabia que, naturalmente, a gente tem essa cobrança com a gente mesmo e a questão emocional pesa muita na vida da jogadora. No meu caso,

quando aconteceu comigo no Barcelona, eu tinha pessoas de confiança e próximas de mim, que me apoiaram, ajudaram e orientaram, mas se eu não tivesse, eu ia procurar, até mesmo falar com a minha técnica, porque a pressão psicológica não é fácil e precisa ter esse equilíbrio. Então eu fui buscar o meu e consegui administrar do meu jeito os problemas.”

Já o sentimento de realização, foi manifestado na 5ª expatriação, quando Helen jogou pela equipe do Barcelona, se sagrou campeã, teve uma performance dentro das suas expectativas e quando foi para a Espanha havia recém-casado com o marido de nacionalidade espanhola.

- “Quando eu fui pela primeira vez para a Espanha, fui porque era um campeonato que pagava muito bem, estava em alta, estava forte e depois da WNBA era o para onde as jogadoras estavam indo depois da temporada nos Estados Unidos. Quando eu fui para o time do Barcelona, foi porque o time tinha jogadoras muito boas, de ponta e tinha um pivô que jogava comigo na seleção brasileira, que era campeã na WNBA e da Euroliga. Eu também fui para o país do meu marido e o time era o Barcelona, um time que montaram para ser campeão, tanto é que fomos campeãs na minha primeira temporada lá, joguei muito bem e ser campeã na Europa foi uma realização profissional. Foi um momento tranquilo na minha carreira e na minha vida pessoal, porque eu casei e o meu marido foi comigo para Barcelona, então foi um bom momento para mim.”

O sentimento de superação, que envolveu as temporadas na Espanha, estão relacionados principalmente a 3ª e 6ª expatriação, quando mesmo sendo incluída na equipe do Zaragoza com o campeonato em andamento, conseguiu jogar bem e superar os obstáculos voltados ao entrosamento na equipe e ao estilo de jogo, muito parecido com o jogado no Brasil, e o aprendizado dos esquemas táticos. E, quando da sua segunda temporada em Barcelona, teve uma queda no rendimento, mas conseguiu reconquistar a confiança da técnica, ser uma das principais atletas da equipe e terminar a temporada como campeã pelo Barcelona. Quanto à queda de rendimento:

- “Nessa temporada voltei jogando em alto nível, porque vim de um período de treino e campeonato pela seleção brasileira, pude permanecer e descansar durante um mês no Brasil com a minha família e depois voltei para o Barcelona. No início do campeonato eu estava jogando muito bem, mas durante o campeonato eu não

estava na minha melhor fase física, até que estava treinando razoavelmente bem, mas o meu rendimento caiu, com isso a armadora reserva ganhou espaço na equipe e eu comecei a jogar pouco. Foi quando recebi apoio do meu marido e da minha irmã, que chegou bem nesse momento difícil, então eu me fortaleci bastante emocionalmente, intensifiquei os treinos físicos que eu fazia a parte e mostrei para a minha técnica que eu estava bem e que ela podia confiar em mim. Aí voltei a jogar em alto nível no resto da temporada, a equipe foi para os play-offs, fizemos a final e ficamos em segundo lugar.”

No tocante aos sentimentos de insatisfação e incerteza, eles se manifestaram na 7ª expatriação, devido à troca de técnico em um momento importante do campeonato.

- “O que aconteceu, foi que do nada trocaram o técnico no meio do campeonato, quando a equipe estava buscando melhorar na classificação e o que entrou não fez grande diferença. Nenhuma explicação foi dada porque para eles era normal trocar o técnico quando a equipe não rendia, mas para as jogadoras essa atitude causou insatisfação porque é difícil retomar um trabalho com outro técnico e outra filosofia de comandar a equipe e isso criou um clima de incerteza quanto ao desempenho da equipe no decorrer do campeonato. E para ajudar, a minha irmã, que era uma jogadora importante, se machucou e não jogou mais, então foi uma temporada que a equipe não rendeu na reta final do campeonato e ficou em sétimo lugar.”

Já o de irritação, apontado na 8ª expatriação, ocorreu por causa do excesso de cobrança do técnico e por questões ligadas à estrutura da equipe e à característica da cidade, como relatado a seguir:

- “Quando fui jogar na equipe do La Seu a minha irmã continuou jogando comigo e lá também jogava uma brasileira que era casada com um espanhol, então eu fiquei feliz porque estava com pessoas muito próximas de mim, as jogadoras da equipe também eram bem legais, o técnico era excelente e inteligente e o treino, apesar de continuar com o esquema de mudança de intensidade, eram muito bons. Mas o que aconteceu, o técnico era extremamente exigente com as atletas estrangeiras porque ele sabia que podia cobrar mais da gente porque eramos as referências do time e ele ficou a temporada toda pressionando. Para mim, ficou um pouco pesado porque tinha hora que chegou a irritar essa cobrança para cima

do nosso rendimento, era demais, mas era o jeito dele. Junto com isso, La Seu D'Urgell não era uma cidade como Barcelona, Madri ou Hondarribia, cidades enormes. Do meu lado tinha San Sebastian para eu sair e espairecer um pouco a cabeça, uma cidade muito pequena de 10.000, 12.000 habitantes, fronteira com Andorra, então para eu chegar em Barcelona eram duas horas de carro, em uma estrada ruim e cheia de montanhas. A estrutura do clube também não era das melhores, a gente viajava de van, não viajava de ônibus, então tudo isso pesou um pouco e colaborou na irritação, mas isso não me atrapalhou na quadra, eu conversava com a minha irmã, o meu marido e algumas jogadoras da equipe e ríamos muito do jeito dele e das coisas que ele falava.”

A respeito do sentimento de alegria, ele foi vivenciado na 7ª e 8ª expatriação, porque a irmã de Helen foi companheira de equipe durante toda a temporada. Tal sentimento, somado ao de tranquilidade, também foram vivenciados na 9ª e 10ª expatriação, mas por motivos diferentes.

- “Em Hondarribia foi onde eu tive os melhores anos de todos que joguei em times fora do país, eu me adaptei super bem naquela cidade bonita e enorme e no time, que tinha um o ambiente muito bom e muito saudável. E, ficou mais fácil porque eu era fluente no idioma e isso deu tranquilidade, mas no primeiro ano, depois de conhecer, as pessoas de lá, a estrutura do clube, de saber que clube também tinha uma estrutura fantástica para os treinos, que a gente não precisava sair fora para treinar e eu podia manter o meu ritmo de treino ali mesmo, eu fiquei muito feliz com as possibilidades. Na segunda temporada eu já estava com 36 para 37 anos, emocionalmente estava muito bem, eu digo que até excelente, mas a gente vai cansando, fica mais difícil e eu queria ser mãe e por isso eu sabia era a minha última temporada na Espanha e conduzi tudo com muita tranquilidade. Teve problemas, teve, em todo time tem, tive uma questão com o técnico porque tivemos pensamentos diferentes, mas depois de tantos anos jogando na mesma liga, a experiência e a maturidade fizeram com que o meu comportamento e entendimento sobre isso fosse positivo e resolvido. Os dois anos que joguei em Hondarribia o ambiente era muito bom, muito saudável, foi especial, fui muito feliz lá.”

Quanto ao sentimento de bem-estar emocional e à saudade:

- “Eu não posso falar quando eu senti saudade, porque eu sempre sentia falta do Brasil, da minha família e da minha mãe. Nossa... saudade dos meus amigos, da minha casa, era difícil não sentir, mas as experiências que vivi jogando fora do Brasil foram importantes na minha carreira e na Helen como pessoa, foram experiências que o basquete me deu. Quando uma jogadora vai jogar fora não é só jogar, isso a gente sabe fazer, é saber que tem saudade, que vai ter dificuldade e que as coisas são diferentes do que a gente está acostumada. Eu ia jogar com a seleção e ficava um mês fora e já sentia saudade de casa, pensa na dificuldade que é ficar oito meses direto, é claro que eu sentia saudade, aí eu falava uma hora, uma hora e meia no telefone com a minha mãe e era o jeito de matar a saudade e continuar. Eu acho que saber lidar com a saudade e saber direito porque você está lá, são coisas que faz o atleta ser diferenciado, o atleta não é melhor que ninguém, isso é obvio, porque somos todos iguais, mas nesse aspecto de superação e resiliência eu falo que o atleta já tem essa vantagem, ele já sai lá na frente de qualquer outra pessoa que não viveu o que a gente viveu, principalmente no alto rendimento. Então, a gente se supera, tem a mente mais forte porque se conhece mais, entende melhor as coisas e não deixa que os obstáculos e problemas mudem o seu jeito de ser, acho que a gente fica mais equilibrada. Eu entendia que estava fora de casa porque estava trabalhando e que fazia parte do meu trabalho a ausência, a saudade, as dificuldades, porque essas coisas que eu vivi é que me fortaleceram na questão emocional. No momento, eu questioneei a situação, mas lá na frente eu percebi que vivi tudo isso e que me serviu de experiência para hoje, para o que estou vivendo agora, porque foram situações, que por envolveram as questões emocionais, melhoraram a minha maturidade emocional. Por isso, eu consegui administrar bem a saudade e tudo que enfrentei fora do país e fiquei bem, não desisti de jogar por nenhuma equipe, nem pensei nisso, eu fiquei e dei o meu melhor. Então, o que eu vivi em todos os times que joguei me ensinou muito.”

E, por último, o sentimento de integração:

- “Eu fiz sete temporadas na Espanha, não tem como não se acostumar com o jeito do povo, a cultura, comida e o basquete de lá. A gente leva um tempinho para se adaptar porque algumas coisas são diferentes, o horário das refeições, o jeito que eles treinam depois que dão a base física na pré-temporada, essas coisas que eu falei, mas em todo time que joguei eu me senti incluída, igual como me sentia se

estivesse jogando em um time no Brasil. Então, porque durante o tempo que fiquei nas cidades dos times que joguei, lá era a minha casa, a cidade que eu morava com meu marido e não era porque o meu marido era espanhol era porque eu jogava no time, era porque eu me sentia confortável e feliz por aquele ser o meu espaço. Acostumei com a rotina, os hábitos e me comportei como tinha que me comportar, porque eu sou assim, respeito as regras e o jeito de cada um ser e lá era a minha casa.”

Com relação ao questionamento sobre a possibilidade de ter criado vínculos de amizade nas cidades que morou e nas equipes em que jogou, de forma geral, os relatos apontaram que em todas as expatriações foram criados vínculos de amizade, sejam apenas os vivenciados naquele momento ou estreitados e mantidos mesmo depois do regresso permanente ao Brasil.

- “Eu sempre fiz amizades nos times que joguei, nos Estados Unidos tinham as meninas que jogaram comigo no Brasil e que mantenho contato até hoje, mas durante o tempo que joguei lá eu fiz amizade com a armadora da equipe, que foi uma jogadora que me apoiou muito e tinha um contato mais próximo e com as outras jogadoras também, era uma relação de respeito. Eu também conheci uma família brasileira lá, que já estava há anos, que foi num jogo meu e me chamou para conversar. – “Ah... eu sou uma brasileira, moro aqui, sou casada com um americano, vem na minha casa um dia tomar um café”. Eu fui e acabei fazendo amizade com ela, com o marido e com o filho. Também conheci um torcedor que virou amigo e que mantenho contato até hoje, ele até foi assistir um jogo meu em Moscow. Teve outro que era um Porto Riquenho, que também morava lá há anos e fez amizade comigo os dois foram muito próximos enquanto eu estive lá.”

- “Na Rússia, não foi diferente, fiz amizade com as meninas da equipe porque a maioria era estrangeira, todas no mesmo barco em um lugar distante de tudo, então era normal criar esses vínculos, ajudava muito na quadra e fora da quadra, mas foi durante a temporada. Com a interprete eu mantive uma amizade mais de perto, porque ela era muito próxima por causa da gente não falar russo, então acabamos se conhecendo melhor, o meu marido também tinha amizade com ela e essa amizade durou um bom tempo, até a gente perder o contato. Fiz amizade com alguns torcedores, conversava bastante com eles, às vezes frequentava a casa para

um jantar e um café e tinha o pessoal do clube mesmo, que sempre me tratou muito bem, ajudavam em tudo, me acolheram e cuidaram de mim.”

- “Na Espanha foram muitas amizades, muito carinho, tenho amizade com as meninas do time até hoje, entendeu? Recentemente visitei uma Ex companheira quando fui passar umas férias em Barcelona, também fiz amizade com pessoas das cidades, torcedores e algumas amizades você mantém o vínculo, outras por motivos que nem eu sei, você perde contato, mas mantive o vínculo de amizade com as meninas das equipes, sempre converso.”

As respostas direcionadas ao convívio social, durante a permanência nas equipes, apontaram que:

- “Em todos os lugares que joguei eu procurei explorar e desfrutar das coisas novas que encontrei pelo caminho, saber um pouco da história, acho que é importante você ter essas informações. Lembro que nas olímpiadas de Barcelona ficamos sabendo que a cidade foi renovada para os jogos e aí a gente aprendeu sobre a cultura, então eu gostava de perguntar sobre a história das cidades que eu estava. Eu acho que ao mostrar interesse as pessoas conversam, ficam felizes porque você quer saber as coisas, e é cultura, não é só ir jogar e viver só para isso. O nosso país é lindo, mas tem muita coisa bonita por aí, eu fui conhecer a Sibéria, Moscou e Novosibirsk são cidades modernas, bonitas e quando estive em Washington também conheci a capital, os monumentos e a Casa Branca, na Espanha explorei as cidades, algumas o meu marido contou a história, foi muito legal, foi importante conhecer a cultura. Eu também fazia passeios com as meninas da equipe, a gente ia no shopping, passeava e ia na casa das famílias, que eu falei que fiz amizade, e o torcedor que acabei conhecendo me convidava para ir na sua casa fazer churrasco. Sempre que a gente tinha tempo, porque nos Estados Unidos, eu falei que a gente viajava muito e o intervalo entre os jogos era menor, mesmo assim dava para aproveitar, ter a minha hora de espalhar. Muitas vezes lá na Espanha a gente reunia na casa de uma das meninas do time e inventava alguma coisa para fazer, essas coisas.”

No que diz respeito aos sentimentos pós processo de adaptação, os relatos mostraram que o sentimento de dever cumprido apareceu nos três períodos analisados

nessa fase, somado ao de realização, na sua passagem pelos Estados Unidos, e de felicidade e pertencimento na Espanha, resumidas nas explicações a seguir.

- “Algumas pessoas perguntam como eu consegui jogar tantas temporadas no mesmo país, ir jogar na Rússia, que eu falo que não joguei em Moscou, mas em uma cidade que ficava 3.500km de distância de Moscou, e ir jogar na WNBA no mesmo time em três temporadas. Eu repondo que fui jogar, fazer o meu trabalho, o que eu sabia fazer, e que todo trabalho tem desafios e os meus também foram difíceis, mas eu falo que a diferença foi que enfrentei os desafios com profissionalismo e continuei jogando com a mesma vontade. Eu posso ter errado, posso ter falhado em alguns momentos, mas a minha dedicação, o respeito pelos times que eu joguei e o amor pelo basquete, isso eu deixei onde eu passei. Então é o que eu falo, a gente tem que transformar, mudar, porque se a gente deixar que o ambiente mude você, as coisas não dão certo, porque os ambientes podem não ser do jeito que você quer, do jeito que é bom para você, mas o meu compromisso era lá e passar pela fase de adaptação era normal, tinha que ser assim, não dava para pular isso. Então os lugares que eu fui, eu tenho certeza de que algo de bom eu fiz e eu transformei alguma coisa nos lugares que eu passei, entendeu? Eu contribuí, porque a gente acaba contribuindo, e no meu caso, sei que foi uma contribuição positiva porque eu cumpri muito bem o meu papel nas equipes e correspondi com as expectativas dos cubes. Eu tive um técnico Espanhol, que depois que a gente ficou em nono no campeonato, chegou para mim e falou que eu tinha sido a melhor atleta com que ele tinha trabalhado, para mim foi o melhor reconhecimento, a minha maior realização, principalmente como pessoa, porque você ser reconhecida pelo seu trabalho, pelo seu esforço, pela determinação, pela pessoa e profissional que você é, acho que isso não tem preço. Então, o meu sentimento foi de dever cumprido, eu consegui jogar três temporadas no Mystics, sete temporadas na Espanha e em um time de Novosibirsk, que fica 1100 km da Sibéria, foi mais que dever cumprido.”

Quanto ao sentimento de realização:

- “Nos Estados Unidos era uma pegada muito profissional, tudo lá era muito prático, se era daquele jeito, daquele jeito tinha que ser e a jogadora tinha que estar preparada para jogar. Acho que o extremo profissionalismo me deixou mais

racional, mas eu me considerava uma jogadora sensata, observadora e tinha o meu jeito de lidar com as adversidades, então e eu aprendi a lidar com isso e fazer o jogo que eu tinha que fazer. Depois que eu entendi como as coisas funcionavam na WNBA e no Mystics, mostrei o meu jogo, tive o carinho da torcida e o apoio das meninas do time, que me respeitavam, me cumprimentavam quando eu fazia uma cesta, uma jogada bonita, jogando na liga mais cobiçada do mundo e ao lado das melhores jogadoras do mundo eu me senti realizada como pessoa e atleta. Foi uma vitória.”

De felicidade e pertencimento;

- “Eu falo com muito carinho da Espanha porque foi lá que conheci o meu marido, onde tenho a minha família e fortes laços de carinho e amizade com pessoas dos lugares que eu joguei. Mas lá, depois que joguei em Zaragoza, conheci o meu marido e depois casei, o sentimento que me acompanhou foi de felicidade, não apenas pelo momento pessoal, mas pelas oportunidades, por ter me acostumado a cultura, sentir que eu pertencia aquele lugar, por ter ido jogar nos times como cidadã comunitária e não mais como uma estrangeira e por falar o idioma. Então eu fiquei feliz por ter conquistado isso durante o tempo que joguei lá, mas foi a minha vivência lá, o jeito que eu me acostumei com eles, que fez com que eu me sentisse em casa, porque o meu casamento já tinha me dado isso no papel, foi mesmo porque eu me senti assim.”

Com relação à última pergunta dessa fase, não houve respostas para serem descritas, visto que Helen não apontou nenhum acontecimento sobre a possibilidade de, após passar por todo o processo de adaptação, ter ocorrido algum episódio, seja positivo ou negativo, que merecia ser destacado por ter influenciado no seu processo de adaptação.

4.1.8 Relatos sobre a Repatriação

Ao retornar ao seu país de origem, os relatos mostraram que, em relação à mudança de cultura, sempre houve um choque e uma comparação, pois teve aspectos impactantes, principalmente os voltados ao comportamento, como observado na narrativa abaixo.

- “O meu choque cultural, que eu quero falar, é dos Estados Unidos, é a questão de vida mesmo, o que as pessoas têm lá, por exemplo, as casas são super práticas,

eles são muito educados, a linha de pedestre, que às vezes a gente não respeita, lá é uma coisa natural para eles, na Espanha também. O que era diferente, em relação a nós, a questão da alimentação, não é que não tenha tanta preocupação, tem, mas eu vejo pelo nosso lado, a nossa alimentação é mais saudável que a deles, eles fazem uma refeição única e forte que é o jantar, no fim da tarde, a gente dá preferência para o almoço, essas questões. Porque a gente vive de uma maneira deferente e como foi na Espanha também, como eu falei, almoçar três horas da tarde, aquilo foi uma coisa que eu tive que me adaptar e como eu treinava muito tarde, eu ia almoçar às 14 horas e você não vai lá fazer do jeito que você faz aqui se ninguém está fazendo, eu tive que me adaptar aquela realidade. Eu já disse que a comida é muito parecida com a nossa, mas o jeito de comer era diferente, então eu me adaptei também, porque aqui comemos tudo junto no mesmo prato, lá não, tem o primeiro prato, o segundo prato, aí vem a sobremesa, é uma coisa mais metódica. Se eu disser que prefiro o jeito que eles comem, não, eu prefiro o nosso, porque eu sou brasileira, mas se um dia eu for para lá e tiver que viver dessa maneira, eu vou viver. Agora, a questão da cultura voltada a educação do povo de lá, ah... é muito diferente, é um povo muito educado, seja nos Estados Unidos ou na Espanha, na Rússia falta um pouquinho mais dessa educação, eles são educados, eu falei, mas não é tão afluente como nos Estados Unidos e na Espanha, é um nível abaixo. Na Rússia o que mais chocou foi a questão do clima mesmo, as vezes eu ouço as pessoas criticam muito eles usarem pele de animal nas roupas, naqueles chapéus que eles usam, mas é porque é muito frio, não dá, só quem viveu lá, só quem sabe a realidade do frio que faz naquela nação entende o porquê usar aquele tipo de material, hoje eu não critico, porque estive lá e o frio mata também. Essas coisas são boas você vivenciar, para deixar de criticar e conhecer o porquê disso, o porque a cultura deles ser assim, não é exibição, era frio mesmo, era pela necessidade, então eu respeitei isso. Ah... os russos bebem muita Vodka, porque eles esquentam o corpo. É diferente em tudo do Brasil, clima, alimentação, a maneira que a gente come, é diferente. E tem as ruas esburacadas também, não sei se isso é importante, mas nos Estados Unidos e na Europa não tem buraco, aí você chega aqui é só buraco, dá até medo de dirigir, sofre acidente, causar um por causa disso. Mas a educação, o respeito, eu via no supermercado, nos Estados Unidos então, pode ser até que seja um povo um pouco mais frio do que o europeu, mas é uma educação acima da média, de respeito pelas coisas básicas, como você

precisar sair de uma fila e voltar no mesmo lugar, ele está garantido. Não tinha fila em banco e no correio, porque na Europa e nos Estados Unidos o pessoal quase não ia para esses lugares, porque os serviços eram rápidos, seguros e funcionavam muito bem. Aí você chega no seu país, não tem respeito no trânsito, o pessoal te xinga, tem fila para tudo, o povo passa na sua frente sem pedir licença, não respeita. Então eu vi que isso é bem diferente e não estou criticando, é uma comparação mesmo, para responder à pergunta.”

Já em relação à mudança cultural relacionada às equipes, nesse caso, a cultura esportiva, observou-se que durante as expatriações o profissionalismo foi um tema muito abordado pela Helen nas respostas aos questionamentos direcionados às diferentes fases do Modelo. Dessa forma, o seu posicionamento a respeito da sua percepção quanto à mudança cultural esportiva na sua repatriação, foi voltado ao mesmo tema, ou seja:

- “Eu notei sim, eu notei principalmente na questão tática, na questão de entendimento do jogo, nosso basquete é um basquete de mais de improviso, de muitas vezes não respeitar, aquilo que o técnico determinou ou um planejamento de jogo e nos Estados Unidos e na Europa é sempre muito correto nesse aspecto, de fazer a preparação para o jogo pelos vídeos e os livros que eles entregam, principalmente nos Estados Unidos. Apesar que no Brasil já tinha isso, mas não nesse nível, e para eles era uma coisa muito rotineira, então sempre íamos para a quadra trabalhando em cima do adversário que a gente ia jogar naquela semana. Outra coisa é que lá não tinha jogos, nem campeonatos no meio do campeonato, como tem no Brasil, que você joga dois campeonatos ao mesmo tempo, como um jogo regional ou jogos abertos entre o campeonato paulista ou a liga. Então a preparação, principalmente da parte técnica e tática lá, eu diria que é mais organizada que a gente tem aqui no Brasil, então nesse aspecto eu notei bastante a diferença. O estilo de jogo também, meu estilo já era um jogo mais técnico, do mental mesmo, de estar focado nisso, nos Estados Unidos era um jogo de força, mas tinha a leitura do jogo e na Europa é mais mental, fazendo sempre a leitura do jogo. Mas sempre que eu voltava, era mais correria, sem muita leitura do jogo e com o tempo a questão da idade vai dificultando jogar só na correria. Eu não chegava a ficar um ano em um time no Brasil, mas eu tive que me adaptar logo, entre um mês e um mês e meio, aí eu entrei já no ritmo da equipe, entendendo já o que o técnico queria e o jeito que a equipe estava jogando também, mas não foi

uma mudança fácil, eu achei que seria mais natural. Eu tive que mudar o meu entendimento da situação que eu estava vivendo naquele momento no Brasil, o estilo de jogo, como as jogadoras estavam jogando, o estilo da equipe e até a questão de essa geração de jogadoras mais jovens, com outro pensamento, com outra pegada.”

Ainda sobre a organização, Helen foi questionada se antes de repatriar para os clubes e para a seleção brasileira, ou até mesmo ao longo das suas expatriações, ela foi procurada por membros da comissão técnica, preparador físico, diretores, entre outros, para compartilhar informações sobre a sua condição física, técnica ou demais aspectos voltados à sua performance, para que pudesse haver um planejamento adequado para recebê-la, principalmente na seleção brasileira, visto que era uma atleta importante e o tempo entre treino e competição era curto.

- “Não, nunca ninguém me procurou ou acompanhou os meus jogos nas ligas, não passava na televisão como passa a NBA, então era difícil acompanhar, só quando eu ia para os principais campeonatos pela seleção, a minha técnica dos Mystics ia conversar comigo, acompanhava os jogos para saber como eu estava, conversava sobre a minha condição física e técnica, porque lá também tinham seleções do mundo inteiro, mas era só nessas competições. Enquanto eu estava jogando fora, ninguém do Brasil me procurou para conversar, nem antes das convocações para a seleção, nem antes de eu voltar para jogar em um time, não sei se tinham informações de como estava a minha performance fora do Brasil.”

Sobre a possibilidade de ter ocorrido alguma circunstância que impactou a sua readaptação, os relatos apontaram para a última repatriação.

- “Nos Estados Unidos, como eu disse, o jeito e o tempo de treino eram diferentes, mas todas treinavam, se dedicavam e estudavam até fora das quadras, era natural. Eu já disse que na Europa também, não como as americanas porque elas são insuperáveis no profissionalismo, não dá para comparar com nenhum time que eu joguei, mas quando eu voltava para jogar na seleção não vi muita diferença porque acho que na seleção, disputando um mundial, jogos olímpicos, tem que dar o sangue, então eu não notei muita diferença, não posso falar nada. Nos times, ali eu senti muita diferença, principalmente na minha última repatriação, eu confesso que, por incrível que pareça, foi diferente a minha readaptação das outras vezes

que voltei para jogar no Brasil, dessa última vez eu senti muita diferença, porque as meninas eram mais jovens que eu, então eu confesso que me encontrei numa situação diferente do que eu tinha vivido anos no Brasil. Quando eu saí daqui para jogar fora eu ainda era jovem, estava na faixa dos 27 anos e quando eu voltei já estava com 38, então eu notei um pouco esse choque de idades e de geração e eu tive que me adaptar. Mas o que mais me incomodou, foi que eu percebia, que às vezes eu chegava no treino e a menina que podia estar batendo um arremesso, chegava quinze, vinte minutos antes do treino e ficava mexendo no celular, sentada conversando. E como eu tive boas referências e vinha de culturas que isso não acontecia, comecei a ficar incomodada, muito incomodada, aí eu ia para a quadra fazer aquele treino a mais, para ver se isso mexia com elas, mas não mexia. Aí eu falava: - “Gente, como é que pode, você ter a quadra livre, à sua disposição para treinar, bater um arremesso fora de hora e não usar, não utilizar?” Não tinha essa coisa de chegar antes, ser a última a sair, nada, mas eu achava que era da geração mesmo, sabe, mas era irritante.”

As colocações acerca da pergunta acima, geraram outro questionamento: Se foi oferecida ajuda psicológica para auxiliar nesse processo de repatriação ou se em algum momento, ao longo de toda a sua trajetória de expatriação e repatriação, algum clube ou a seleção ofereceu esse tipo de ajuda.

- “Não, nunca tive apoio psicológico nos times de fora quando cheguei, quando saí e voltei e nem aqui no Brasil, nunca teve essa preocupação em oferecer esse serviço, mas se tivesse eu ia buscar sim, porque eu acho que é importante, porque tem hora que não dá para resolver tanta coisa sozinha, mas ninguém percebia isso nos times, acho que não era uma preocupação, nem pensavam nisso. Eu falo, lá eles dão tudo que a jogadora precisa para jogar, mas não se preocupavam se a sua cabeça está boa, se emocionalmente você estava bem e aqui é igual, eu voltava e a preocupação era se eu estava em boas condições física e técnicas para jogar, e eu ia lá e jogava. O meu apoio eram as conversas com a minha mãe, que sempre me ajudou e depois o meu marido, que também me acompanhou de perto e apoiou.”

CAPÍTULO V – DISCUSSÃO

Impulsionadas pela comercialização e a globalização (Dimeo & Ribeiro, 2009; Marques, 2015; Tertuliano 2016; Shin, 2021), a interconectividade social (Smith & Guarnizo, 2006; Elliott & Maguire, 2008; Scheuerman, 2010) e o apoio dos agentes esportivos, intermediários entre as atletas e os clubes, que na fase preparatória negociam condições de trabalho e salário, auxiliam na transferência e aconselham (Agergaard & Ryba, 2014; Soares, 2015), é comum observarmos atletas do basquetebol feminino migrarem para jogar em ligas e clubes de basquetebol do mundo. Inclusive, tal realidade já faz parte da organização das suas carreiras esportivas, no sentido de organizá-la de forma a conciliar as expatriações e repatriações para jogar nas temporadas do Brasil e fora do país.

Estudos voltados ao fenômeno migração internacional de atletas (Kontos & Breland-Noble. 2022; Maguire, 2011; Brandão & Vieira, 2013; Schinke, & McGannon, 2014; Pontes, et. al., 2018; Ryba et al., 2020; Souza et al., 2021), entre outros, discorrem sobre os processos de adaptação a uma nova cultura e contexto de prática, as implicações psicológicas pertinentes a adaptação e a importância de entender que esse fenômeno mudou e representou um relevante desenvolvimento a partir do século XX, se estendendo pelo mundo na sociedade contemporânea. Contudo, apesar de observarmos que no Brasil, os estudos envolvendo a temática estão evoluindo em termos de publicações e pluralidade de modalidades esportivas, por exemplo, o futebol (Silva, Rigo, & Freitas, 2012; Brandão, et al., 2013), o voleibol (Garcia, Nascimento, & Pereira, 2017) e o handebol (Loffredo, 2018), observa-se que, em termos de migração internacional, o basquetebol não é uma modalidade investigada. Logo, devido ao fato de que a possibilidade de jogar nas ligas e clubes pelo mundo já faz parte da realidade e, supostamente, do planejamento da carreira esportiva das atletas do basquetebol feminino, cabe maior aprofundamento nas investigações sobre o tema, que foi objeto desse estudo.

Diante disso, os relatos apresentados no presente estudo deram o embasamento para que fosse possível alcançar o objetivo proposto, ou seja, investigar o processo de expatriação e repatriação internacional de uma atleta de basquetebol feminino de alto rendimento na perspectiva do Modelo Temporal de Transição Cultural. Desse modo, o escopo da presente discussão estará centrado nos seis objetivos específicos do estudo a saber:

1. Compreender como foi a preparação prévia para o processo de expatriação;
2. Compreender como foi o processo de adaptação aguda ao chegar ao novo país;
3. Compreender como foi o processo de adaptação sociocultural ao novo país;
4. Compreender a repercussão psicológica do processo de expatriação nos três diferentes momentos (prévio, agudo e sociocultural);
5. Compreender como foi o processo de repatriação internacional e a sua repercussão psicológica.

5.1 Fase de pré-transição

Quanto ao processo de preparação prévia para a expatriação, foi possível compreender que na primeira expatriação, o processo se iniciou antes mesmo do convite para atuar na liga norte americana, isto é, na motivação para a migração internacional, pois ao contemplar a experiência de atletas brasileiras na liga Norte Americana, bem como com o compartilhamento de informações, houve o primeiro indício de que estava ocorrendo uma organização a nível mental, para a possibilidade de viver a sua própria experiência de expatriação. De acordo com o Instituto de Saúde Física e Mental⁶, todas as nossas tarefas têm um objetivo e, ao se organizar mentalmente para viabilizá-lo, o cérebro traça um caminho que abrange uma função, ordem e finalidade.

Assim, em conformidade com o Modelo de Transição Cultural, é próprio da fase de pré-transição que as oportunidades de experimentar algo novo sejam criadas por meio de informações de redes de apoio do contexto social esportivo e que são essas informações que mantêm a mente aberta sobre a diversidade de formas sociais e culturais de estar no mundo (Ryba et al., 2016), bem como exercem um papel importante por influenciar a motivação e o bem-estar dos atletas (Ryba, Stambulova, & Ronkainen, 2020).

Outro indício de que houve a preparação prévia para o processo de expatriação, foi observado no relato quanto a negativa de aceite ao convite realizado no ano de 2000, o que denota uma tomada de decisão planejada e consciente quanto ao entendimento do momento oportuno para a expatriação, ocorrido no ano seguinte, quando, de acordo com o Modelo houve a ativação da mobilidade psicológica, ou seja, o início do desligamento com as práticas sociais e esportivas locais, o interesse na busca de informações, o

⁶ Instituto de Saúde Física e Mental Ednalva Borges. Disponível em: <http://www.institutoedinalvaborges.com.br/novidade/organizacao-mental>. Acesso em: 10 jan. 2023

desenvolvimento de um relacionamento com o país anfitrião e o planejamento para a deslocação (Ronkainen, Harrison, Shuman, & Ryba, 2017), tarefas fundamentais na fase de pré-transição (Ryba, et al., 2016).

Logo, para que fosse possível alcançar êxito no processo, ficou claro que houve o interesse e a necessidade de obter informações prévias em todas as expatriações, sendo que para cada uma foi realizada uma busca específica e necessária para que, no seu entendimento as respostas pudessem auxiliar para que os processos transcorressem dentro das implicações legais cabíveis e sem implicações futuras. Dessa forma, a busca da preparação prévia proporcionou os ajustes necessários, tanto na vida pessoal como na profissional para lidar com o processo de expatriação (Richardson, et al., 2012) e, provavelmente auxiliou em uma formação consistente para facilitar a gestão dos desafios a serem enfrentados (Rodrigues, 2010). Quanto a essas afirmações, se observarmos os relatos de renomados técnicos e atletas do basquetebol, manifestados quando ao término da sua carreira, e ilustrados nesse estudo, uma das características da Helen como atleta era a capacidade de tomar decisões de forma organizada e planejada, o que também pode ser constatado nos relatos pertinentes a busca de informações prévias.

Inicialmente, as buscas foram direcionadas às questões contratuais e legais, seguida dos trâmites de deslocamento, de ingresso e permanência no país anfitrião, bem como as pertinentes à equipe, ao país e ao clima. O mesmo cuidado foi identificado na 3^a, 4^a e 5^a expatriação, pois nas demais, no que diz respeito ao deslocamento e às questões culturais, devido à aquisição de experiência, casamento com o um espanhol e à aquisição do visto comunitário, a partir da quinta expatriação, as informações foram voltadas mais a interesses de legalidade contratuais e as especificidades das equipes.

Destaca-se como um dos pontos principais dos relatos identificados nessa fase, as questões contratuais e legais, pois entende-se que são fundamentais para a definição dos termos do contrato entre a atleta/equipe, e a atenção quanto às nuances do mesmo, pois em alguns casos os atletas não têm conhecimento prévio de como os contratos funcionam (O'Connor, 2003) e os aspectos burocráticos e legais do país receptor podem ter estruturas completamente distintas das do Brasil, (Prestes & Rosembrock, 2015).

Desse modo, por se tratar de um visto de trabalho, como ocorrido na 1^a expatriação, e de um contrato também regido por leis trabalhistas, verificado na 7^a expatriação, ter acesso a funcionalidade das leis, certamente auxiliou no entendimento pertinente aos seus direitos e deveres, e proporcionou segurança por saber que estaria

legalmente amparada caso alguma adversidade de ordem física, por exemplo, pudesse limitar ou impedir o cumprimento do contrato com as equipes.

Nesse sentido, Ryba, Stambulova, & Ronkainen, (2016), afirmam que a migração do atleta envolve percepções de insegurança quanto a ocorrência de lesões e dispensas das equipes, e um estudo feito por McGannon, Cunningham, & Schinke, (2013), indicou que ao se lesionar e jogar com dor, por medo de ser dispensado, somado ao sentimento de culpa, pode comprometer a saúde física e mental do atleta. Contudo, não são apenas as questões físicas que podem trazer insegurança e, conseqüentemente, preocupação ao atleta, pois em um estudo sobre questões trabalhistas, voltadas à imigração de atletas não americanos, Borgese (2009) alertou que há vários aspectos que precisam ser considerados quando um atleta ingressa em uma liga esportiva ou equipe do país, entre eles o autor aponta para as questões trabalhistas e as ramificações legais.

Em relação as questões trabalhistas, os relatos mostraram que havia conhecimento sobre o direito a um seguro de vida e de saúde, porém o estudo do autor também menciona hora extra e carga horária semanal de trabalho e, em relação às implicações legais, elas incluem o pagamento de impostos, o que também foi identificado nos relatos, e a construção de uma lei executória de contrato. Sobre essa lei, hora extra e carga horária semanal de trabalho, não houve abordagem nos relatos, tampouco foi identificado se existe alguma diferença nas leis que regem um contrato entre atleta e liga e atleta e equipe, seguramente, são informações que devem ser consideradas nessa fase, não apenas no sentido de agregar conhecimento, mas também preparar o atleta mentalmente para os desafios de uma transição cultural (Lofredo, 2018).

No que concerne às ferramentas utilizadas para que as informações acima fossem adquiridas, observou-se que na 1^a, 2^a e 3^a expatriação o principal provedor foi o seu agente, seguido de pessoas ligadas ao contexto esportivo e familiar. Nessa condição, coube ao agente, por meio de sua rede de relacionamento e contatos, acionar e ser acionado por clubes, representar o atleta, lidar com contratos e obter bons acordos envolvendo salários e condições contratuais caso o atleta venha sofrer lesões, (Dutra, 2017), bem como, orientar e recomendar à atleta o que fazer ou não, sempre aspirando os benefícios em prol da sua carreira esportiva (Dalprá, 2017). Todavia, dada a importância e a participação efetiva desse profissional em todos os processos migratórios, não foi possível identificar quais informações relacionadas aos contextos de prática foram compartilhadas com a atleta para auxiliar na preparação prévia, principalmente na 4^a expatriação, visto que, mesmo com o uso da ferramenta internet, as informações

disponíveis eram relacionadas apenas à posição geográfica e ao clima, e nesse cenário, não houve a possibilidade de realizar a preparação prévia. Consequentemente, uma mudança de pensamento que possibilitasse o ajuste cultural menos impactante no ingresso ao país anfitrião (Sussman, 2002), o que desencadeou, como relatado por Helen, o sentimento de medo.

Em termos de repercussão psicológica, o medo do desconhecido pode causar insegurança e impactar os mecanismos subjacentes que realizam a transição e modelam os caminhos que podem tomar: o reposicionamento social em redes translocais, a negociação de práticas culturais e a reconstrução de significados (Ryba et al., 2016), dificultando assim, o processo de adaptação cultural aguda.

Nas demais expatriações, feitas dentro de um mesmo contexto continental e sociocultural, a atleta certamente se beneficiou das suas experiências anteriores, bem como das relações de seu marido e de suas companheiras de time. De acordo (Ryba & Stambulova, 2013) essas experiências proporcionam uma multiplicidade de significados, que sustentam as direções da carreira do atleta em diferentes contextos socioculturais, influenciando assim, as formas como eles fazem sentido de si mesmo e suas carreiras e quais decisões devem tomar. Já, em relação as relações, elas configuram uma prática transnacional de apoio na fase inicial da migração, importantes para a mobilidade e vantajosa para iniciar o processo de adaptação, visto que chegar a um novo contexto com um maior aprofundamento sobre suas particularidades, auxilia na adaptação. (Agergaard & Ryba, 2014).

5.1.1 Fase de adaptação cultural aguda

Quanto ao processo de adaptação cultural aguda, em todos os países para os quais expatriou a recepção percebida foi, na perspectiva da atleta, muito positiva. Em relação a tal afirmação, a depender de como a atleta é recebida nesse novo contexto, pode influenciar na maneira como ela percebe o modus operandi das pessoas pertencentes ao grupo que será inserida (Lôbo, 2016). Assim, oferecer o suporte social positivo à atleta logo na recepção ao país anfitrião, pode auxiliar a adaptação e, consequentemente, oportunizar o desenvolvimento e o bem-estar (Oliveira, Dias, Sabino, Corte-Real, Maia, & Fonseca, 2019).

A atleta não teve problemas de adaptação à alimentação e aos costumes locais, necessitando algum esforço de adaptação somente quanto à questão dos horários de alimentação na 3ª e na 5ª expatriação e em relação ao clima na 4ª expatriação.

Quanto a adaptação cultural, os estudos mostram que a similaridade cultural entre o país de origem e o país anfitrião, inclusive, manifestada nos relatos de experiência de Hellen, facilitou a adaptação cultural (Vianna & Souza, 2009). Assim, é interessante notar que mesmo nos países culturalmente diversos, em que se esperaria maiores dificuldades de adaptação, essas não foram vivenciadas por Hellen o que pode denotar uma capacidade de adaptação a diferentes contextos diferenciadas. Por colocar o atleta diante de diferentes demandas esportivas, sociais e interpessoais, o esporte é um contexto também de aprendizagem e aperfeiçoamento de competências. Como as vivências no contexto esportivo do basquetebol são eminentemente relacionais, por ser um esporte coletivo, pode-se supor que, ao mesmo tempo em que a adaptação a esse contexto requer, portanto, habilidades cognitivas, afetivas e sociais, também estabelece demandas para o aperfeiçoamento desses repertórios. Assim, é possível supor que um repertório prévio mais elaborado de essas habilidades sociais, facilitou o processo de adaptação aos diferentes contextos para o qual migrou.

Na 4ª expatriação, a preocupação foi em relação ao clima, pois a falta de recursos culturais, ou seja, informações prévias e experiências anteriores (Stambulova & Ryba, 2020), causou insegurança pela possibilidade de não suportar as baixas temperaturas.

Entretanto, ao chegar no país anfitrião, mesmo sendo o frio uma realidade, foi possível suportar devido o apoio do namorado, que a acompanhou, a estrutura e estilo de vida próprio da cultura e por desejar muito passar pela experiência de jogar por uma equipe daquele país, houve a autodeterminação para a adaptação, que nesse caso pode ter sido ativada pela necessidade de entender e se adaptar a essa circunstância cultural (Chirkov, Kin, Ryan, & Kaplan, 2003).

Importante ressaltar que a partir da metade da 5ª expatriação em diante, as dificuldades apontadas já estavam superadas, uma vez que as expatriações seguintes se deram no mesmo país, ainda que para cidades diferentes. Nesse sentido, houve o envolvimento com as culturas locais e seu resultante entendimento, o que permitiu saber lidar com a cultura do país anfitrião e a diversidade de costumes e hábitos dentro em diferentes regiões de uma mesma cultura (Lee & Van Vorst, 2010).

Apesar da dificuldade relacionada ao idioma na 1ª expatriação, não foi considerado um obstáculo, porque mesmo entendendo que o inglês aprendido no Brasil não foi suficiente, ainda assim tinha uma pequena noção. Portanto, tanto no contexto social como no de prática, fez uso de ferramentas como um dicionário, a observação, a ajuda de amigos locais, de duas companheiras de equipe que falavam o idioma português

por terem jogado no Brasil, de uma companheira de equipe australiana, que se propôs a ajudar e da linguagem universal do basquete. De acordo com as premissas do modelo, ao tentar superar as dificuldades utilizando seus próprios recursos, negociando, aprendendo e evoluindo para um melhor entendimento sobre o idioma, aprende-se diferentes formas de entender e se comunicar (Ryba, Stambulova e Ronkainen, 2016), não sendo, portanto, um obstáculo para a adaptação nesse contexto.

O idioma somente foi obstáculo em duas expatriações, na 4ª e na 5ª. Na primeira, além da dificuldade inerente ao idioma (russo), a Helen se sentia tolhida por ter, necessariamente, de estar sempre acompanhada de sua intérprete, o que a tornava dependente dessa profissional e na 5ª, a dificuldade encontrada estava relacionada a uma característica local quanto ao uso de um idioma regional (catalão), diferente do idioma oficial (castelhano). A comunicação é importante porque facilita as conexões (Battochio, Schinke, Bartolacci, Battocchio, Tenenbaum, Yukelson, & Crowder, 2013) e promove a autonomia (Ryba, et al., 2012). E, no caso da 4ª expatriação, a barreira do idioma, impossibilitou a comunicação e limitou a socialização fora dos contextos os quais a intérprete circulava. Entretanto, apesar dessas dificuldades e do idioma ser apontado como um dos principais obstáculos no processo de adaptação cultural aguda (Schinke, Yukelson, Bartolacci, Battocchio, & Johnstone, 2011; Diakaki, Chroni & Goudas, 2016), a gentileza e o cuidado das pessoas locais bem como a ajuda do marido, recursos, configurados como redes de apoio, foram essenciais e indispensáveis nesse processo (Schinke, Blodgett, McGannon, & Ge, 2016) e auxiliaram a superar essa barreira.

Já na 5ª expatriação, apesar da dificuldade de comunicação devido ao uso do idioma regional, a estratégia de forçar a comunicação em castelhano, língua nativa do marido e que Helen já dominava, foi utilizada para criar laços sociais e favorecer a comunicação entre a atleta e o meio social (Prato, Ramis, & Torregrossa, 2020), visto que as pessoas, além do idioma regional, também se comunicavam em castelhano.

Em relação aos aspectos profissionais, ligados à sua recepção nas equipes, em todas foi muito bem recebida, mas apontou como externamente positiva a recepção na 4ª expatriação e o profissionalismo vivenciado na 1ª e 2ª expatriação, em sua opinião o ambiente mais organizado e profissional em que jogou.

No que diz respeito a 4ª expatriação, foi estruturada para receber, na ocasião, o seu namorado, inclusive com os responsáveis pela equipe, arcando com as despesas de passagem no retorno ao Brasil, o que demonstra que um ambiente esportivo inclusivo e,

provavelmente, preocupado com o bem-estar do atleta migrante é um importante apoio para a socialização e integração da atleta aquele contexto (Evans & Stead, 2014).

Quanto ao profissionalismo apontado na 1ª e 2ª expatriação, provavelmente, o destaque dado a esse aspecto ocorreu porque, como observado nos depoimentos dos técnicos da seleção brasileira, Antônio Carlos Barbosa e Carlos Colinas, em diferentes momentos históricos do basquete feminino, bem como nas narrativas, é característica da Helen manter uma conduta profissional ao longo da sua carreira. Como consequência, houve sinergia entre a sua postura profissional e a característica também profissional do novo contexto cultural, proporcionando a sensação de segurança, estabilidade e de pertencimento aquela cultura esportiva (Ryba, et al., 2012).

As dificuldades apontadas nesse período foram relacionadas a necessidade de se adaptar a uma nova posição de jogo e a de exercer uma defesa forte, como condição para a sua permanência e a mudança do ritmo de treinamentos ao longo dos campeonatos, o que demandou que, por sua própria conta, buscasse individualmente a complementação desses treinamentos extra equipe.

No sentido de contextualizar os posicionamentos das jogadoras de basquete para entender os posicionamentos em quadra, utilizarei da minha experiência como atleta na modalidade para tal tarefa. Dessa forma, começo esclarecendo que no basquetebol as atletas possuem características distintas, tanto técnicas como físicas, por isso jogam em posições de acordo com essas características (pode ser mais do que uma), que somado as suas atitudes e comportamentos no jogo, compõem a sua marca, sua identidade como jogadora.

Por exemplo, de acordo com a própria nomenclatura utilizada para definir essas posições - 1,2,3,4 e 5 - na posição 1 joga a armadora, na posição 2 a ala-armadora, na posição 3 a ala, na posição 4 a ala-pivô e na posição 5 o pivô. A armadora é uma jogadora ágil e com boa mobilidade, cuja função é a de organizar as jogadas ofensivas, o que via de regra, demanda um bom controle de bola e a capacidade analítica de leitura do jogo, precisão nos arremessos de média e longa distância, qualidade nos passes e assistência para as companheiras de equipe finalizarem o ataque e a habilidade de infiltrar (jogar próximo a cesta).

As funções da ala-armadora são parecidas com a de armadora no que concerne aos arremessos, passes e infiltrações e ainda, no auxílio dado na armação do jogo, o que difere é a característica defensiva dessa posição, ou seja, executam uma forte defesa. No caso da Helen, a sua posição era de ala-armadora, mas a sua identidade foi criada jogando

como armadora, a sua posição na seleção e nos clubes brasileiros, tendo como principais características, a habilidade técnica, disciplina, precisão nos arremessos, liderança e equilíbrio emocional, todas descritas por personagens ligados ao basquete e ilustradas nesse estudo.

Em relação a mudança de posição, ficou claro que não houve uma comunicação efetiva sobre essa possibilidade, com o seu agente, tampouco com as atletas de equipe do Mystics, companheiras de equipe Brasil, cuja troca de informação apontou para a afirmação de que o seu estilo de jogo encaixaria na equipe como armadora, produzindo tranquilidade. Entretanto, ao se deparar com a necessidade de mudança, pode ter ocorrido uma distorção das reflexões pessoais como atleta e o que, inicialmente, era um sentimento de tranquilidade, passou a ser de expectativa quanto a necessidade de mudar comportamentos, que até então eram indicativos da sua identidade (Schinke et al., 2013), como atleta, em um ambiente o qual ela não conhecia.

Se analisarmos a mudança imposta pelo técnico na perspectiva da aprendizagem cultural compartilhada (Schinke, et al., 2013), é possível afirmar que pelo fato dele já conhecer muito bem as suas características, possivelmente aprendeu com elas. Logo, na sua visão de técnico, associada a cultura e ao estilo de jogo americano, compreendeu que as suas características se encaixariam na posição de ala-armadora.

Por sua vez, Helen ao tomar conhecimento da necessidade de mudança teve uma atitude positiva e de consciência coletiva, pois ao entender e aceitar o comando técnico buscou estratégias de enfrentamento e assimilação voltadas ao diálogo com o técnico e a ajuda da armadora australiana, que ensinou as jogadas, deu suporte e apoio. Nesse sentido, a troca de informações sobre as diferenças culturais esportivas entre os principais personagens desse contexto, técnico e atletas, bem como o apoio de uma companheira de equipe, favoreceu a adaptação a nova posição.

É pertinente a transição cultural, que a mudança de estilo de jogo, somado as novas dinâmicas de treinamento sejam desafios que, quando não superados, desencadeiam a crise de identidade e o baixo rendimento, respectivamente (Richardson et al., 2012; Prato, et al., 2020), mas não houve indicativos de que a mudança de posição tenha influenciado ou mudado o estilo de jogo da Helen a ponto da perda da sua identidade como atleta.

Com relação a necessidade de melhorar o fundamento defensivo e adquirir força, são aspectos que se aprendem e aprimoram durante os treinamentos, por isso, é provável que a diminuição de intensidade dos treinos ao longo da temporada tenha causado

preocupação, o que levou a busca de horas extras de treinamento para a manutenção e aperfeiçoamento desses aspectos.

Contudo, a questão envolvendo esse aspecto também desencadeou preocupação na 3ª e 4ª expatriação, pois os relatos mostraram que a mudança de ritmo de treino após o início e ao longo da temporada, não era um aspecto pertinente apenas a cultura esportiva americana. Somente na 5ª expatriação, quando já havia assimilado esse aspecto da cultura, os treinos extras continuaram a fazer parte da sua estratégia para aprimoramento físico e técnico, sem, contudo, ser motivo de preocupação. E, assim como na 1ª expatriação, antes de tomar uma atitude isolada e partir para a realização de qualquer treino físico ou técnico, Helen procurou o diálogo com a comissão técnica para expor os motivos da necessidade desses treinos.

As estratégias de adaptação utilizadas durante este processo, correspondentes às atitudes da atleta migrante perante a nova cultura, podem afastá-la daquele contexto ou fazer com que assuma novos valores culturais como os seus (Berry, 1997) e no caso da Helen, podemos afirmar que ela assumiu esses novos valores, tanto na cultura americana, onde jogou por três temporadas na mesma equipe, quanto na europeia, que jogou 8 temporadas por seis equipes.

A afirmação acima também está apoiada na percepção quanto a sua conduta em todas as equipes que jogou, visto que, mesmo diante dos obstáculos, não houve relatos dela se posicionando contra alguma atleta ou as escolhas dos técnicos, tampouco se rebelando quando enfrentou problemas na equipe do Barcelona, o pouco tempo em quadra na liga norte-americana ou não ter sido escalada para alguns jogos, pois ficou claro nas suas narrativas que ela entendeu as particularidades das culturas esportivas e tinha consciência do seu papel nas equipes que jogou.

Igualmente, ao buscar estratégias de adaptação apoiadas na compreensão e no auto aperfeiçoamento (Fiske, 2004), a experiência migratória pode revelar-se transformadora e direcionar o indivíduo no caminho do amadurecimento pessoal e desenvolvimento profissional (Magnani, 2018).

Na 8ª expatriação à cobrança excessiva por resultados, por parte do técnico, aliada a estrutura mais simples e limitada da equipe, fez com que a Helen se sentisse preocupada e pressionada quanto ao seu desempenho, o que casou certo desconforto.

Não foi possível identificar aspectos específicos da estrutura do clube, somente o fato de que os deslocamentos para os jogos eram realizados por meio de uma Van. Diante disso, a distância percorrida e o cansaço proveniente dos deslocamentos, pois a depender

da distância e das circunstâncias as quais esses deslocamentos ocorrem, é muito complicado chegar descansada para um jogo, tenham sido os causadores do desconforto.

Quanto a esse aspecto, provavelmente Helen não tinha conhecimento que o deslocamento para os jogos seria realizado dessa forma, pois até então, se comparado com a cultura americana e das demais equipes da Europa, essa possibilidade pode nem ter sido cogitada. Contudo, a adaptação também envolve o conhecimento e aprendizado sobre a estrutura organizacional do clube (Schinke, et al., 2006) o que inclui informações sobre a logística de transporte, segurança, estrutura para a prática esportiva e de apoio a atleta (Wylleman & Johnson, 2012; Ryba, et. al, 2017).

Já a preocupação pertinente ao desempenho, ela ocorreu devido as altas exigências do técnico quanto a performance das atletas da equipe. Nesse cenário, é importante destacar que, diferente da 1ª e 2ª expatriação, em que Helen era coadjuvante em um contexto em que a cultura esportiva mais “bairrista”, em que apenas as atletas americanas podiam ser as protagonistas, o que ficou evidente na sua percepção quanto a disputa interna entre atletas vaidosas, ciumentas e preocupadas com o estrelato na equipe, o seu papel nessa expatriação e nas demais para a Europa foi o oposto.

Sobretudo, a começar pelo motivo e condições os quais ela foi contratada, isto é, ser titular, líder da equipe, jogar como armadora, auxiliar as equipes a permanecerem na principal série do campeonato e conquistar títulos. Outro diferencial em relação a 1ª e 2ª expatriação, foi o pluralismo cultural das atletas nas equipes europeias, superior ao da liga, nos Estados Unidos, cuja predominância era a nacionalidade americana.

Quanto a preocupação com o rendimento, ela ocorreu devido a irritação com o técnico, mas é curioso afirmar, que foi exatamente nessa equipe que Helen o enalteceu, definindo-o como excelente, inteligente e com a capacidade de ministrar bons treinos, o que corroborava com o seu perfil profissional de atleta. Entretanto, apesar dessas qualidades, o seu jeito de comandar a equipe, ou seja, sempre com cobranças excessivas e pressão, em um ambiente onde as atletas eram estrangeiras e contratadas para atender os objetivos do clube, ao contrário de motivar, irritava a ponto de afetar o rendimento.

O papel do treinador no processo de adaptação é fundamental porque, como sinalizado no estudo de (Oliveira, et al., 2019), é o seu apoio social, bem como a forma como ele se comunica com as atletas da equipe, que promove o desenvolvimento e a satisfação delas naquele contexto, auxiliando, portanto, o processo de adaptação. Assim, por entender que aquele era o jeito dele na tratativa com as atletas, Helen buscou apoio do marido, da irmã e nas companheiras de equipe, que se uniram e buscaram alternativas,

para espalhar a cabeça e foi rindo do jeito do técnico e socializando que elas minimizaram o impacto que a sua conduta causava.

A busca de um entendimento sobre o comportamento do técnico naquele contexto de prática, promoveu a construção de relações com as atletas da equipe e a evolução do próprio entendimento sobre a especificidade daquele contexto (Souza, et al., 2021), visto que, a discussão sobre as atitudes do técnico foi realizada de forma descontraída e divertida. Provavelmente, a busca desse suporte entre elas, proporcionou um ambiente mais leve, resultando na motivação, bem-estar e persistência (Occhino, Mallett, Rynne, & Carlisle, 2014), para continuar naquele contexto de prática desafiador.

De modo geral, as estratégias de adaptação aos contextos culturais se resumiram à atenção elevada em relação ao profissionalismo, bem como à determinação pessoal da superação dos obstáculos encontrados, sem que isso desencadeasse processos ansiogênicos ou gerasse possibilidades de conflitos, e o apoio da família, das atletas das equipes e, em especial, do namorado/marido.

5.1.2 Fase de adaptação sociocultural

No modelo de Ryba, et al. (2016), a adaptação sociocultural é a fase em que ocorre a aculturação, ou seja, o processo de mudança cultural e psicológica, resultante do contato com grupos de diferentes culturas e as pessoas pertencentes, individualmente a esses grupos (Berry, 2005), e ao chegar a essa fase do processo, há o sentimento de harmonia dos próprios valores e estilo de vida com as normas culturais locais, (Ryba, et al., 2017), as múltiplas mobilidades fronteiriças para jogar, ilustradas nos relatos, organizadas de forma que Helen pudesse permanecer em cada equipe por toda a temporada⁷, somado aos ambientes acolhedores, que também desempenham um papel importante na adaptação do atleta (Agergaard & Ryba, 2014; Ronkainen, et. al, 2017) nos levam a considerar que houve a adaptação sociocultural.

Evidências dessa constatação podem ser observadas no primeiro aspecto investigado e ilustrado nos relatos, o tempo de adaptação, que teve uma duração média de três a quatro semanas nos Estados Unidos e Espanha e de cinco a seis semanas em Novosibirsk⁸. Quanto a esses períodos, se analisarmos sob o ponto de vista de que a

⁷ Com exceção da 3ª expatriação, que mesmo sendo por um tempo menor, foi para o mesmo continente e a partir da 5ª expatriação para o mesmo país.

⁸ Como já apontamos anteriormente, tanto na timeline, quanto nos relatos, as características, eventos, localidades, equipes e demais peculiaridades de cada expatriação, optamos por discutir os aspectos da adaptação sociocultural agrupados nos três países para os quais a atleta migrou.

aculturação é aberta e contínua, realizada em movimentos cognitivos entre diferentes pontos de vista culturais e, conseqüentemente, difícil de prever e regular (Ryba, et al., 2017), é possível afirmar que o processo de aculturação da Helen ocorreu em um curto espaço de tempo.

Em relação ao posicionamento acima, os relatos nos deram apoio para essa constatação, visto que mostraram que não houve problemas em assimilar os costumes, hábitos, valores e regras de convivências da cultura local de nenhum país anfitrião, tanto no contexto social quanto no de prática esportiva. Certamente, alguns fatores demandaram um pouco mais de atenção, como as dificuldades envolvendo a assimilação a nova posição e postura defensiva na 1ª expatriação, as voltadas a 4ª expatriação, que envolveram o clima e o fato de não conhecer o local, cuja viagem foi na companhia de seu então namorado, o que, evidentemente, repercutiu positivamente nesse processo e as pertinentes ao alto rendimento, na busca de otimizar a performance individual e coletiva, necessitando para tanto, o ajustamento nas relações entre técnico e atleta, como ocorrido na 5ª e 7ª expatriação.

Do mais, na 1.ª e na 2.ª expatriação, o processo de adaptação foi mais simples, porque, além de reconhecidamente sempre ter admirado o país, há também uma maior familiaridade com sua cultura, os esportes e os seus costumes, principalmente em virtude de uma maior difusão midiática desses elementos, do que dos que provém da Europa. E, a partir da 5.ª expatriação, podemos concluir que a atleta já estava adaptada socioculturalmente ao país, por diversas razões, dentre as quais, principalmente, por já ter relações e vínculos socioafetivos com pessoas e lugares, por já conhecer o idioma e pelo suporte socioafetivo e emocional dado por seu marido, nacional daquele país.

Importante destacar que, em todos os países, nas diversas expatriações e equipes em que jogou, a Helen estabeleceu vínculos pessoais de amizade, muitos dos quais se mantém ativos até hoje.

5.1.3 Repercussão psicológica

Para compreender a repercussão psicológica do processo de expatriação, o primeiro aspecto considerado se refere aos motivos que despertaram o interesse em iniciar uma carreira profissional internacional.

Como já mencionado neste estudo, Helen desenvolveu o desejo de jogar em outro país por entender como uma experiência positiva a oportunidade de jogar nas melhores

ligas do mundo, e adquirir novos conhecimentos, fazer parte de um grupo seletivo de atletas, ser reconhecida internacionalmente e ter maiores ganhos financeiros.

Diante disso, e de ter como duas de suas principais características pessoais a disciplina individual e a responsabilidade profissional, planejou e organizou as suas expatriações de modo a poder viabilizar a satisfação daqueles desejos. Foi em função dessas duas características pessoais, inclusive, que adiou o momento da primeira expatriação – ainda que esta se referisse à oportunidade de iniciar sua carreira na liga norte-americana de basquetebol –, para poder cumprir os objetivos profissionais já traçados no Brasil, referentes à convocação para a seleção brasileira.

A sua organização, somada à troca de informações prévias, principalmente na sua 1ª expatriação – ocasião em que vivenciou sozinha a experiência de jogar em clubes fora do país –, e o fato ter sido uma atleta de alto nível e de seleção brasileira, pode ter desenvolvido uma consciência dos desafios culturalmente relevantes a serem vividos no novo contexto (Hanrahan 2004).

Outro fator importante, para uma avaliação da repercussão psicológica do processo de expatriação, diz respeito a quais períodos de expatriação devem ser considerados nesta análise.

Em geral, atletas de seleções nacionais viajam anualmente para competições internacionais, sejam pré-qualificatórias ou principais, em diversos países. Entretanto, essas competições, no geral, são de durações curtas, geralmente entre 15 e 20 dias, o que, ainda que se possa pensar em período de aculturação, por se tratar de períodos curtos e, por vezes, relacionados a lugares de realidades socioculturais muito próximas, demandam uma preparação psicoemocional e cultural menos impactante, principalmente em termos de preparação. Como pontuam (Ryba, et. al., 2017), por esses torneios terem uma duração curta, o conceito de aculturação aguda é estendido a períodos curtos, onde o ajuste psicológico deve ser eficiente para que o atleta possa competir em alta performance. Assim, ao considerarmos que ao longo da sua trajetória esportiva, Helen passou por esses ajustes psicológicos frequentemente, é pertinente considerar que eles auxiliaram na consciência dos desafios que poderia enfrentar quando de suas expatriações profissionais de longa duração.

Se observarmos os sentimentos vivenciados na 1ª expatriação e na 4ª expatriação, principalmente preocupação, ansiedade e nervosismo, ou seja, os relacionados com a ruptura da sua vida cotidiana e o significado interno da experiência (Magnani, 2018), esses são pertinentes – como relatado por ela – à realidade de alguém que teve de encarar

os desafios emocionais, principalmente antes da chegada ao país de destino, viajando sozinha, na 1.^a expatriação, e, mesmo com a companhia do então namorado, indo para um país de realidade sociocultural completamente diferente daquelas a que estavam acostumados, na 4.^a expatriação, sem o apoio de redes de relacionamento interpessoal local ou mesmo de suporte.

Esses sentimentos foram significativamente reduzidos à medida em que, após sua chegada aos respectivos países de destino, verificou que os clubes nos quais iria jogar, disponibilizavam uma estrutura profundamente profissional de adaptação e suporte para o cotidiano das atividades. Tanto na 1.^a quanto na 4.^a expatriação a estrutura disponibilizada era extremamente profissional. Entretanto, Helen pontua que, na 4.^a expatriação, além da estrutura de suporte profissional existia uma preocupação de estabelecimento de uma rede de acolhimento emocional e sociocultural.

Na 1.^a expatriação, Helen relata que já sabia que o ambiente de profissionalismo era focado exclusivamente em performance, não sendo um ambiente necessariamente acolhedor, em função de um maior conhecimento da realidade esportiva profissional local, decorrente tanto de uma maior familiaridade com a cultura do país quanto pelas informações obtidas de companheiras de seleção brasileira, que já tinham tido essa experiência.

Helen sentiu, na 1.^a expatriação, uma liga com relações interpessoais distantes, inclusive em função de ser a liga norte-americana, principalmente à época, uma liga mais “nacional”, no sentido de possuir uma quantidade menor de atletas estrangeiras em relação à quantidade de nacionais. Entretanto, mesmo diante dessa realidade, a atleta, para alcançar o bem-estar psicológico e não perder o senso de si própria, buscou o comprometimento e a integração com a equipe (Ryba et al, 2016), desenvolvendo relações interpessoais que perduram até os dias atuais.

Isso também se verificou no contexto da 4.^a expatriação principalmente quanto aos fatores de aclimatação sociocultural, despertando em Helen a mesma reação pessoal e gerando, também, relações interpessoais duradouras.

Nas demais expatriações, a sensação de insegurança não foi identificada. Seja porque, na 2.^a expatriação já estava adaptada profissional e socioculturalmente ao local, ou, na 3.^a expatriação, estar na companhia de uma outra atleta brasileira, o que leva a uma tendência de união e apoio mútuo (Soler, 2020), ou ainda, da 5.^a expatriação em diante, estar, em todas, em companhia do então marido, nacional do país, e, em algumas equipes

também na companhia da irmã e/ou outras atletas brasileiras. Isso tudo sem contar com o fato de já estar amplamente adaptada ao país, ainda que atuando em regiões diferentes.

5.1.4 Repatriação

A exemplo do ocorrido nos países de destino das expatriações, na repatriação o Brasil também não ofereceu qualquer tipo de suporte psicológico, nem de modo geral tampouco de modo específico.

Um dos aspectos psicoemocionais apontados, tem relação com as diferenças culturais da vida cotidiana, em especial no que se refere à própria estrutura de convívio social.

Aspectos referentes ao cumprimento e respeito da legislação envolvida em questões usuais, como, por exemplo, respeito à faixa de pedestres, respeito a filas, relações cordiais intersociais, dentre outros, foram apontadas como marcantes no choque cultural enfrentado quando da volta ao Brasil.

A Helen apontou que as diferenças de comportamento social, principalmente, entre o Brasil e a Europa, e entre o Brasil e os EUA, em especial à eficiência nos serviços públicos essenciais, foram relevantes em todas as repatriações.

Na 4.^a repatriação, por exemplo, ainda que retornasse de um país com profundas diferenças climáticas e com uma forma menos afetiva de tratamento social, principalmente se comparado aos países da 1^a e 3^a expatriação, ainda assim sentiu profundas diferenças socioculturais em relação aos aspectos mencionados anteriormente

Em nenhum momento as equipes brasileiras demonstraram qualquer tipo de apoio ou cuidado psicológico em relação ao recebimento dos atletas expatriados. Quando das expatriações, a Helen relata que, ao chegar no clube de destino, sempre existia a preocupação relacionada à sua adaptação à equipe e ao país, em relação aos aspectos relacionados com moradia, alimentação, deslocamento, necessidades domésticas cotidianas, dentre outras. Contudo, mesmo nas equipes estrangeiras, não havia a preocupação quanto aos cuidados dos aspectos psicoemocionais envolvidos na expatriação e nos aspectos relacionados ao novo contexto social.

Quando das repatriações, um dos aspectos mais notáveis, principalmente em relação aos desafios da readaptação, se refere ao fato de que, nos clubes brasileiros, para os quais retornou, inclusive a seleção brasileira, sequer o cuidado com os aspectos técnicos referentes à sua adaptação à equipe, se fizeram presentes.

Ou seja, além da ausência de qualquer tipo de estrutura voltada ao cuidado psicoemocional – ausente também nas equipes estrangeiras –, inexistia qualquer tipo de preocupação ou cuidado em relação ao próprio aspecto técnico e de rendimento da atleta na equipe.

O profissionalismo, em seu mais elevado nível, o estilo de jogo, a dedicação a um único campeonato por vez, a organização e programação do clube, presentes de forma significativa na cultura e na realidade cotidiana dos clubes estrangeiros, não foram encontrados quando das repatriações para equipes brasileiras.

Por si só, esse aspecto já revela um período de adaptação delicado e, infelizmente, solitário, enfrentado pela Helen em suas repatriações. Sequer houve um contato prévio, dos clubes brasileiros, para informações quanto à sua condição física e técnica.

Questões variadas, desde diferenças de ordem tática a questões comportamentais de outras atletas das equipes, também foram apontadas. Ao retornar ao Brasil, os hábitos adquiridos no contexto dos elevados profissionalismo e competitividade experienciados nas equipes estrangeiras, se revelavam ausentes ou insuficientes nas equipes brasileiras. Como exemplo, mencionamos o fato, descrito por Helen, em que as atletas chagavam antes do horário previsto para o início do treino e, enquanto ela iniciava imediatamente suas atividades, buscando seu aperfeiçoamento, suas colegas ficavam sentadas, entretidas com seus aparelhos celulares, ou conversando entre si.

Como já mencionado anteriormente, tomando-se por analogia o contexto corporativo da expatriação⁹, na repatriação a principal preocupação, geralmente, se refere à questão da continuidade do vínculo de trabalho e condições de retorno. Transpondo-se para o caso aqui estudado, verificamos que Helen somente contou com um clube de destino em duas de suas 10 repatriações, sendo que nas demais oito repatriações, voltou apenas para servir à seleção brasileira ou para passar férias.

Para Bernardino (2014), falando do contexto corporativo, o apoio psicológico, logístico e financeiro são fatores que podem minimizar os efeitos ou problemas da repatriação. Já Spohr (2011) estabelece que o processo de repatriação se desenvolve em várias etapas, sendo a primeira ainda no país de expatriação, continuando por diversos meses após a volta.

⁹ Os estudos da área da psicologia do esporte ainda se ressentem de uma ausência quase que integral de pesquisas e resultados voltados à análise dos efeitos da repatriação. Como já mencionado, neste trabalho, por analogia, utilizamos os estudos referentes à repatriação no mundo corporativo, os quais, inclusive, apontam ser a repatriação como processo que caminha junto ao da expatriação.

Black, Gregersen e Mandehall (1992) argumentam que o ajuste da repatriação é diferente de outras formas de ajuste de trabalho, e apontam a necessidade de pesquisas futuras sobre o tema (Lôbo, 2016).

Kets de Vries (1997) estabelece que a experiência do convívio com outra cultura colabora para que o indivíduo observe sua cultura sob outro prisma, uma vez que suas referências e modos de perceber a realidade foram modificados, enquanto GAW (2000) afirma que o chamado choque cultural reverso, basicamente, tem a mesma proporção, reações e efeitos do ocorrido na expatriação, sendo que a diferença é que agora pertencem ao processo de readaptação à cultura do país natal, o que Freitas (2000) aponta como a possibilidade de se configurar um novo choque cultural, pois a pessoa que volta ao país não é mais a mesma que expatriou (Lôbo, 2016).

No caso de Helen, as nove primeiras repatriações foram de curta duração pois, além de seus períodos de expatriação contarem com a simetria cronológica entre as temporadas europeia e norte-americana, nos períodos em que serviu à seleção brasileira, contou também com a suspensão dos campeonatos locais em decorrência das competições internacionais de seleções.

Assim, o maior impacto de repatriação foi sentido por Helen somente na 10.^a e última repatriação. Como já mencionado anteriormente, foi nesse momento que a diferença, principalmente quanto ao nível de preparo e profissionalismo de equipes e colegas, se fez sentir de forma mais contundente.

CAPÍTULO VI – CONCLUSÃO

O estudo realizado nessa tese mostrou que tanto nas expatriações quanto, sobretudo, nas repatriações a ausência de estruturas e preocupação em relação aos aspectos psicoemocionais da migração foram ausentes na experiência profissional de Helen.

O resultado positivo de suas adaptações tanto técnicas, quanto táticas, ou mesmo socioculturais, decorreu de sua determinação individual, de seu profissionalismo e do fato de ser uma atleta diferenciada, principalmente no plano pessoal e profissional.

É forçoso concluir que, acaso tivesse contado com estruturas de apoio psicoemocional, principalmente em relação a adaptações às mudanças ambientais e

socioculturais, inclusive de forma prévia, seus processos de adaptação nas expatriações e repatriações teriam sido muito menos desafiadores.

Obviamente, as condições tecnológicas e de interação social, praticamente em tempo real, no mundo contemporâneo, facilitam em muito a obtenção de informações gerais e específicas em relação aos países de destino da expatriação, sua legislação e demais aspectos cotidianos.

Porém, questões relacionadas a particularidades culturais, tanto sociais quanto profissionais e técnicas, principalmente no contexto de prática desportiva, não necessariamente são obtidos de forma fácil, apenas com o uso de tecnologias de comunicação ou ferramentas de pesquisa virtual, ou ainda através de informações dos agentes.

É necessária uma maior preocupação com a preparação psicoemocional e sociocultural, além de uma maior difusão das experiências e vivências das atletas que já passaram por processos de expatriação e repatriação, assim como uma atualização do modelo Temporal de Transição Cultural quanto à questão da repatriação.

Outra questão importante é a constatação de que em momento algum, duramente os períodos de expatriação, houve qualquer tipo de acompanhamento desse processo pelas entidades nacionais voltadas à administração do esporte e dos atletas. Ou seja, não houve qualquer tipo de acompanhamento ou contato com a Helen, durante todos os períodos de suas expatriações, nem mesmo por parte dos clubes para os quais já se acertara a sua volta, ou por parte da comissão técnica da seleção brasileira.

Uma preocupação fundamental, principalmente para a psicologia do esporte, diz respeito à necessária preparação e existência de uma rede de apoio, conhecimento e adaptação sociocultural, profissional e psicoemocional, numa realidade, cada vez mais comum, de expatriação de atletas cada vez mais jovens, o que impõe uma obrigatória preocupação com os aspectos mencionados, sobretudo por se tratar de atletas e, principalmente, seres humanos em formação.

Igualmente, é preciso considerar que a Helen possuía a capacidade de adaptação a diferentes culturas, um diferencial entre as pessoas, aquelas que conseguem sobreviver em um novo contexto e as que não conseguem, o que aponta o quanto é importante que o atleta transnacional tenha essa capacidade de adaptação aos diferentes contextos. Assim, concluímos que essa capacidade de adaptação é algo que deveria ser treinado para que os atletas possam usufruir desses processos de adaptação transcultural, seja no próprio país ou em outros países de uma forma muito mais saudável.

6.1 Implicações para o modelo temporal de transição cultural

Como mencionado em diversos pontos deste trabalho, suas conclusões apontam para a necessidade de se atualizar o modelo Temporal de Transição Cultural no sentido de contemplar também os aspectos da repatriação, bem como a necessidade de se estabelecerem redes de apoio sociocultural, profissional e psicoemocional, nas duas pontas do caminho da expatriação, e nos dois sentidos, ou seja, tanto para a preparação quando da expatriação quanto para a da repatriação.

O estudo apontou também a necessidade de uma maior preparação dos contextos socioculturais, bem como a necessidade de continuidade e aprofundamento dos estudos e pesquisas pertinentes a esse assunto e dos aspectos relacionados com a expatriação de atletas para atuação profissional internacional em equipes onde já se encontra, ou se juntará, um membro da sua família para atuação conjunta.

Outro ponto identificado neste estudo, diz respeito à baixíssima ocorrência de estudos relacionados à repatriação de atletas, voltados para os aspectos psicoemocionais ou socioculturais. Como se verificou acima, a maior parte dos estudos existentes sobre essa questão são restritos à realidade corporativa, o que abre um campo de estudos importante no contexto esportivo

Por fim, esse estudo mostrou o quanto é importante que uma história de vida, tão rica em termos de processos de adaptação a diferentes contextos de práticas internacionais possa servir como um modelo para atletas jovens, que iniciarão ou já estão em processo de adaptação cultural, para que eles aprendam com esses modelos de sucesso em expatriação e, por meio das experiências desses atletas, consigam adaptar tal aprendizado para a sua própria vida e, possivelmente, se aproveitar deles para pensar em sua adaptação, igualmente, de uma forma mais saudável.

REFERÊNCIAS

- Aggergaard, S., & Ryba, T. V. (2014). Migration and career transitions in professional sports: Transnational athletic careers in a psychological and sociological perspective. *Sociology of Sport Journal*, 31(2), 228-247.
- Andreff, W. (2008). Globalization of the sports economy. *Rivista di diritto ed economia dello sport* 4(3), 13-32.
- Angelini, A. L. (2007). Cross-Cultural Psychology and Educational Psychology-A historic contribution. *Boletim-Academia Paulista de Psicologia*, 27(2), 39-46.
- Bailer, C., Tomitch, L. M. B., & D'ely, R. C. S. F. (2011). O planejamento como processo dinâmico: a importância do estudo piloto para uma pesquisa experimental em linguística aplicada. *Intercâmbio. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem*, 24.
- Bale, J. (1991). *The brawn drain: Foreign student-athletes in American universities*. University of Illinois Press.
- Bartholo, T. L., & Soares, A. J. G. (2008). Identidade, negócio e esporte no mundo globalizado: o conflito entre Guga e os patrocinadores na olimpíada de Sydney. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 28(1).
- Battochio, R. C., Schinke, R. J., McGannon, K. R., Tenenbaum, G., Yukelson, D., Crowder, T. (2013). Understanding immigrated professional athletes' support networks during post-relocation adaptation through media data. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 11(1), 101-116. doi: 1080/1612197X.2013.748996
- Berry, J. W. (2001). A psychology of immigration. *Journal of social issues*, 57(3), 615-631.
- _____. (2009). Living together in culturally plural societies: Understanding and managing acculturation and multiculturalism. doi: 10.1017/CBO9780511720437.017
- Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied psychology*, 46(1), 5-34.
- Berry, J. W. (2005). Acculturation: Living successfully in two cultures. *International journal of intercultural relations*, 29(6), 697-712.
- Bitencourt, F. G. (1997). Globalização: O Esporte e a Cultura de consumo. (10), 85-95.
- Borges, J. F. (2011). Missão e carreira em terras estrangeiras: a expatriação verde e amarela de gestores corporativos. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 10(2), 31-47. doi: 10.5329/RECADM.20111002003
- Borgese, A. (2009). Labor and immigration issues in sports. *The Sport Journal*, 12(3).

- Botelho, V. (2010, May). Leaving the core. Emigration of Scandinavian female footballers. In *seminar Sports as Global Market: Female Athletes as Migrants, Department of Exercise and Sport Sciences, University of Copenhagen, Denmark*, (3–4 December). doi:10.1080/14660970.2011.609681.
- Brandão, J. P. P. (2012). *Processos de expatriação na gestão internacional de recursos humanos (GIRH): Fatores que influenciam a performance dos expatriados* (Dissertação de mestrado). Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Brandão, M. R. F., & Vieira, L. F. (2013). Athletes' careers in Brazil: Research and application in the land of ginga. In *Athletes' careers across cultures* (pp. 63-72). Routledge.
- Brandão, M. R. F., Magnani, A., Tega, E. C., & Medina, J. P. (2013). Alem da Cultura Nacional. *Brazilian Journal of Science and Movement*, 21, 177-182. doi: 10.18511/0103-1716/rbcm.v21n2p177-182
- Brasil. Resolução 196/96 de 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde, Brasília, DF, 10 de out. de 1996. Recuperado a partir de <https://conselho.saude.gov.br/docs/Reso196.doc>
- Canhota, C. (2008). Qual a importância do estudo piloto. *Investigação passo a passo: perguntas e respostas para investigação clínica*. Lisboa: APMCG, 69-72.
- Castro, R. P. (2009). Globalização. In Pereira, I. B, Lima, J.C.F. *Dicionário da Educação Profissional em Saúde* (2ª Edição). Rio de Janeiro: EPSJV
- Cerdin, J. L., & Pargneux, M. L. (2009). Career and international assignment fit: Toward an integrative model of success. *Human Resource Management In Cooperation with the School of Business Administration*, The University of Michigan and in alliance with the Society of Human Resources Management, 48(1), 5-25. doi: 10.1002/hrm.20264
- Chirkov, V., Ryan, Richard M., Youngmee, K., and Kaplan, U., 2003. Differentiating autonomy from individualism and independence: a self-determination theory perspective on internalization of cultural orientations and well-being. *Journal of personality and social psychology*, 84 (1), 97–109. doi: 10.1037/0022-3514.84.1.97
- Cordeiro, A. P., & Moura, T. (2017). Expatriação e Carreira: Uma Análise na Percepção de Profissionais Brasileiros Expatriados. *CIAIQ 2017*, 3. Recuperado a partir de <https://www.proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1446>
- Dalprá, P. (2017). Gestão de carreira de atletas: entenda por que ela é tão importante. Recuperado a partir de <https://pdimagemcarreira.com/a-importancia-da-gestao-de-carreira-de-atletas/>
- DeBiaggi, S. D. D., de Paiva, G. J., & Martes, A. C. B. (2004). *Psicologia, e/ímigração e cultura*. Casa do Psicólogo.

- da Costa, G. M., Prates, C. C., & Weber, D. D. (2021). A reinserção do atleta profissional no mercado de trabalho após carreira internacional e aposentadoria no futebol. In *Anais da mostra de iniciação científica do cesuca-issn 2317-5915*, (15).Cachoeirinha. RS
- de Vasconcellos Ribeiro, C. H., Garcia, R. M., do Nascimento, D. R., Rojo, J. R., de Almeida, L. A., & Pereira, E. G. B. (2020). O caso de Yoandy Leal: uma análise do processo de naturalização no voleibol brasileiro. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 25(269).
- Dimeo, P., & Ribeiro, C. H. (2009). 'I am not a foreigner anymore': a micro-sociological study of the experiences of Brazilian futsal players in European leagues. *Movimento (Porto Alegre)*, 15(2), 33-44.
- do Nascimento, D. R., de Vasconcellos Ribeiro, C. H., Palma, A., & Pereira, E. G. B. (2020). Migração no futebol brasileiro: a experiência de jogadores cariocas. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 25(271).
- Douglas, K. (2014). Challenging interpretive privilege in elite and professional sport: One [athlete's] story, revised, reshaped and reclaimed. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 6, 220-243. doi: 10.1080/2159676X.2013.858369
- Drinkwater, M., Rizvi, F., & Edge, K. (Eds.). (2019). *Transnational Perspectives on Democracy, Citizenship, Human Rights and Peace Education*. Bloomsbury Publishing.
- Duda, J. L., & Allison, M. T. (1990). Cross-cultural analysis in exercise and sport psychology: A void in the field. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 12(2), 114-131.
- Dutra, J. S. (2002). *Gestão de pessoas: modelo, processos, tendências e perspectivas*: Ed Atlas.
- Dutra, J. S. (2017). *Gestão de carreiras: a pessoa, a organização e as oportunidades*. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas.
- Egilsson, B., & Dolles, H. (2017). "From Heroes to Zeroes" – self-initiated expatriation of talented young footballers. *Journal of Global Mobility: The Home of Expatriate Management Research*, 5(2), 174-193. doi:10.1108/jgm-10-2016-0058
- Elbe, A. M., Hatzigeorgiadis, A., Morela, E., Ries, F., Kouli, O., & Sanchez, X. (2018). Acculturation through sport: Different contexts have different meanings. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 16(2), 178-190. doi:10.1080/1612197X.2016.1187654
- Elliott, R., & Maguire, J. (2008). Thinking outside of the box: Exploring a conceptual synthesis for research in the area of athletic labor migration. *Sociology of Sport Journal*, 25(4), 482–497.

- Ely, G & Noora., & Ronkainen, N. J. (2021) "It's not just about football all the time either": transnational athletes' stories about the choice to migrate, *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 19:1, 29-42, doi: 10.1080/1612197X.2019.1637364.
- Enstice, E. M. (2003). *Sport, Cross-cultural Communication, and International Understanding* (Tese de Doutorado) Georgetown University). Recuperado a partir https://www.academia.edu/3310253/sport_cross_cultural_communication_and_international_understanding.
- Erogul, M. S., & Rahman, A. (2017). The impact of family adjustment in expatriate success. *Journal of International Business and Economy*, 18(1), 1-23.
- Evans, A. B., & Stead, D. E. (2014). Evans, A. B., & Stead, D. E. (2014). 'It's a long way to the Super League': the experiences of Australasian professional rugby league migrants in the United Kingdom. *International Review for the Sociology of Sport*, 49(6), 707-727. doi:10.1177/1012690212464700
- Faggiani, F., Lindern, D., Strey, A., Aiquel, P. F., Fulginiti, D., Sartori, C., & Lisboa, C. S. D. M. (2016). O fenômeno do expatriado no contexto esportivo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36, 738-747.
- Galatti, L. R., Paes, R. R., Collet, C., & Seoane, A. M. (2018). Esporte contemporâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno. *Corpoconsciência*, 115-127.
- Gallon, S., & Antunes, E. D. D. (2016). O processo de expatriação na estratégia organizacional. *Revista Brasileira de Administração Científica*, 7(1), 43-60.
- Gallon, S. (2011). Repatriação e carreira: possibilidades e desafios. Dissertação (Dissertação de Mestrado, *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Administração*). Recuperado a partir de <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/77733>.
- Gallon, S., Scheffer, A. B. B., & Bittencourt, B. M. (2014). A expatriação e o seu papel estratégico nas empresas internacionalizadas. *Revista Eletrônica de Negócios Internacionais (Internext)*, 9(3), 38-56.
- Garcia, R.M., Do Nascimento, D.R., & Pereira, E.G.B. (2017). O processo migratório e o ranking do voleibol: primeiras abordagens. *Revista americana de ciência do esporte*, 5(4), 21-26. doi: 10.11648/j.ajss.20170504.11
- Gatti, B., & André, M. (2010). A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 29-38.
- Gill, D. L. (2001). In search of feminist sport psychology: then, now, and always. *Sport Psychologist*, 15(4), 363-449.

- Gill, D. L., & Ryba, T. V. (2014). Cultural diversity. In Papaioannou, A., & Hackfort, D. (Eds.) *Routledge companion to sport and exercise psychology: Global perspectives and fundamental concepts* (pp. 136-151). London, UK: Routledge.
- Hanrahan, S. J. (2004). Sport Psychology and Indigenous Performing Artists. *The Sport Psychologist*, 18(1), 60–74. doi:10.1123/tsp.18.1.60. Recuperado a partir de <https://sci-hub.se/10.1123/tsp.18.1.60>.
- Hanton, S., Fletcher, D., & Coughlan, G. (2005). Stress in elite sport performers: A comparative study of competitive and organizational stressors. *Journal of sports sciences*, 23(10), 1129-1141. doi:10.1080/02640410500131480
- Hatzigeorgiadis, A., Morela, E., Elbe, A.-M, Kouli, O., & Sanchez, X. (2013). The integrative role of sport in multicultural societies. *European Psychologist*, 18, 191-202. doi:10.1027/1016-9040/a000155
- Harvey, M. (1989), “Repatriation of corporate executives: an empirical study”, *Journal of International Business Studies*, Vol. 20 No. 2, pp. 131-44
- International Center for Sports Studies. (2019). *2019 Edition of international basketball migration report sees international transfers stabilize*. Switzerland: CIES, Recuperado a partir de <https://www.cies.ch/en/cies/news/news/article/2019-edition-of-international-basketball-migration-report-sees-international-transfers-stabilise/>
- Kasznar, I., & Graça Filho, A. S. (2012). A indústria do esporte no Brasil: economia, PIB–produto interno bruto, empregos e evolução dinâmica. *São Paulo: M. Books*.
- Khomutova, A. (2016). Basketball coaches’ experience in working with multicultural teams: Central and Northern European perspectives. *Sport in Society*, 19(7), 861-876.
- Kontos, A. P., & Breland-Noble, A. M. (2002). Racial/ethnic diversity in applied sport psychology: A multicultural introduction to working with athletes of color. *The Sport Psychologist*, 16(3), 296-315. doi: 10.1123/tsp.16.3.296
- Kontos, A.P. (2009) . Psicologia esportiva multicultural nos Estados Unidos. Em R.J. Schinke & S.J. Hanrahan (Eds.), *Psicologia esportiva cultural* (pp. 103-116). Champaign, IL: Cinética Humana; Schinke, R.J., Yukelson, D., Bartolacci, G., Batochio, R.C., & Johnstone, K. (2011).
- Koser, K., & Salt, J. (1997). The geography of highly skilled international migration. *International Journal of Population Geography*, 3(4), 285-303.
- Lazarova, M., & Caligiuri, P. (2001). Retaining repatriates: The role of organizational support practices. *Journal of world business*, 36(4), 389-401. doi:10.1016/S1090-9516(01)00063-3
- Lee, E. S. (1966). A theory of migration. *Demography*, 3, 47-57.

- Lee, L.; Van Vorst, D. The influences of social capital and social support on expatriates' cultural adjustment: an empirical validation in Taiwan. *International Journal of Management*, v.27, n.3, p.628-649, 2010. Recuperado a partir de <https://www.proquest.com/openview/5d90457a608ae3badec36faab5d94d68/1?q-origsite=gscholar&cbl=5703>
- Lôbo, R, J, S. (2016) Processos de Adaptação e Vivências Profissionais Interculturais no Futebol Globalizado: Profissionais brasileiros da bola. (Tese de Doutorado, *Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas*). São Paulo. Recuperado a partir de <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/16056/TESE%20%28RODOLFO%20L%20c3%94BO%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Lofredo, M. C. (2018) Migração e aculturação de atleta de elite do handebol feminino brasileiro: Estudo de caso (Dissertação de Mestrado, *Universidade São Judas Tadeu, Programa de Pós-Graduação em Educação Física*), São Paulo, SP, Brasil.
- Machado, F. S. (2013). Gestão de pessoas internacional no contexto esportivo brasileiro: uma análise dos processos de expatriação e repatriação de jogadores em um clube de futebol gaúcho. (Dissertação de Mestrado, *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação física*). Porto Alegre. Recuperado a partir de: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/77733>
- Magnani Parra, G. I. A. (2020). Migração Atlética de Jogadores de Futebol Brasileiro para o Exterior: O processo de adaptação cultural. (Tese de Doutorado, *Universidade São Judas Tadeu, Programa de de Pós-Graduação em Educação física*). São Paulo, SP, Brasil. Recuperado a partir de https://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/2019/451.
- Maguire, J., & Pearton, R. (2000). Global sport and the migration patterns of France '98 World Cup finals players: Some preliminary observations. *Soccer & Society*, 1(1), 175-189.
- Maguire, J.; Bale, J. (2003). Introduction: Sports labour migration in the global arena. In J. Bale & J. Maguire (Eds.), *The Global Sports Arena: Athletic Talent Migration in an Independent World*. London: Frank Cass, 1–21.
- Maguire, J. (2011) 'Real politic' or 'ethically based': sport, globalization, migration and nation-state policies. *Sport in Society*, 14(7-8), 1040-1055. doi:10.1080/17430437.2011.603557
- Marques, R. F. R. (2015). O conceito de esporte como fenômeno globalizado: Pluralidade e controvérsias. *Revista Observatório del deporte*, 147-185. Recuperado a partir de <https://revistaobservatoriodeldeporte.cl/index.php/odep/article/view/39>.
- McGannon, K. R., Cunningham, S. M., and Schinke, R. J. (2013). Understanding concussion in socio-cultural context: a media analysis of a national hockey league star's concussion. *Psychology Sport Exercise*. 14, 891–899. doi: 10.1016/j.psychsport.2013.08.003

- McGannon, K. R., & Smith, B. (2015). Centralizing culture in cultural sport psychology research: The potential of narrative inquiry and discursive psychology. *Psychology of sport and exercise*, 17, 79-87. doi: 10.1016/j.psychsport.2014.07.010
- Meisterjahn, R. J., & Wrisberg, C. A. (2013). "Everything was different": a qualitative study of us professional basketball players'experiences overseas. *Athletic Insight*, 5(3), 251.
- Mendenhall, M., & Oddou, G. (1985). The dimensions of expatriate acculturation: A review. *Academy of management review*, 10(1), 39-47. doi:10.2307/258210
- Merriam, S. B., & Tisdell, E. J. (2016). *Qualitative research: A guide to design and implementation*. Forth ed. San Francisco, CA: John Wiley & Sons.
- Minayo, M. C. D. S. (1994). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*, 21, 9-29.
- Moreira, M. Z., & Ogasavara, M. H. (2018). Distância cultural e expatriação japonesa na América Latina. *Gestão & Regionalidade*, 34(101).
- Nolasco, C. (2017). Atletas em movimento: abordagem teórica às migrações de trabalho desportivo. *MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana*, 1(1), 52-64.
- Occhino, J. L., Mallett, C. J., Rynne, S. B., Carlisle, K. N. (2014). Autonomy-supportive pedagogical approach to sports coaching: Research, challenges and opportunities. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 9(2),401-415. doi:10.1260/1747-9541.9.2.401.
- O'Connor, I. (2003). Shoe-bomb hero deserves to stay. USA Today, p. C03. *The Sport Journal*. Recuperado a partir de <https://thesportjournal.org/article/labor-and-immigration-issues-in-sports/>
- Oliveira, H. Z., Dias, T. S., Sabino, B. C. R., Dias, C., Corte-Real, N., Fonseca, A. M. (2019). Adaptação transcultural do Empowering Disempowering Motivational Climate Questionnaire para a língua portuguesa e análise da invariância em atletas masculinos brasileiros e portugueses. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 19(1), 1-18. doi:10.6018/cpd.335451
- Patterson, M. L., Markey, M. A., & Somers, J. M. (2012). Multiple paths to just ends: Using narrative interviews and timelines to explore health equity and homelessness. *International Journal of Qualitative Methods*, 11(2), 132-151.
- Pereira, N. A. F., Pimentel, R., & Kato, H. T. (2005). Expatriação e estratégia internacional: o papel da família como fator de equilíbrio na adaptação do expatriado. *Revista de administração Contemporânea*, 9(4), 53-71. doi: 10.1590/S1415-65552005000400004
- Pinho, B. P. D. S. (2012). *A importância dos expatriados na gestão internacional*. Dissertação (Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa,

- Programa de Pós-graduação em Marketing*). Recuperado a partir de https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10210/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20B%C3%A1rbara%20Pinho_11-11-12.pdf
- Pisani, M. D. S. (2014). Migrations and displacements of soccer players: merchandise that nobody buys. *Esporte e Sociedade*, 9(23).
- Pontes, V. S., de Vasconcellos Ribeiro, C. H., Garcia, R. M., & Pereira, E. G. B. (2018). Migração no Voleibol brasileiro: a perspectiva de atletas e treinadores de alto rendimento. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 24(1), 187-198.
- Prato, L., Ramis, Y., & Torregrossa, M. (2020). Transición cultural y migración deportiva en el deporte de élite: una metátesis. *Cultura, Ciencia y Deporte*, 15(45), 387-400.
- Prato, L., Torregrossa, M., Ramis, Y., Alcaraz, S., & Smith, B. (2021). Assembling the sense of home in emigrant elite athletes: Cultural transitions, narrative and materiality. *Psychology of Sport and Exercise*, 55, 101959.
- Prestes, V. A., & Rosembrock, M. A. (2015). O Processo de Expatriação: as pessoas no contexto internacional. *Caderno Científico da Escola de Negócios*, 1(1).
- Prestes, V. A., Grisci, C. L. I., & Fraga, A. M. (2016). Lifestyles of workers in the expatriation context. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 17, 39-59. doi: 10.1590/1678-69712016/administracao.v17n3p39-59
- Quintanilha, A. C. B. (2020). Práticas de expatriação: estudo de caso sobre os desafios da mobilidade internacional entre multinacional portuguesa e subsidiárias africanas Dissertação (Dissertação de Mestrado, *Universidade do Porto, Programa de Pós-Graduação em Sociologia*). Recuperado a partir de repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/130247/2/430259.pdf
- Rial, C. (2008). Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes antropológicos*, 14, 21-65. Recuperado a partir de <https://www.scielo.br/j/ha/a/syLR3VK3QkmbTK8xJJtjpw/?format=pdf&lang=pt>
- Richardson, D., Littlewood, M., Nesti, M., & Benstead, L. (2012). An examination of the migratory transition of elite young European soccer players to the English Premier League. *Journal of sports sciences*, 30(15), 1605-1618. doi:10.1080/02640414.2012.733017
- Rodrigues, F. X. F. (2010). O fim do passe e as transferências de jogadores brasileiros em uma época de globalização. *Sociologias*, 12, 338-380. Recuperado a partir de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151745222010000200012.
- Rojo, J. R., & Starepravo, F. A. (2021). Proposal for an Analytical Model for Sports Migration. *Journal of Sports Research*, 8(2), 75-81. doi: 10.18488/journal.90.2021.82.75.81

- Ronkainen, N. J., Harrison, M. E., & Ryba, T. V. (2014). Running, being, and Beijing—An existential exploration of a runner identity. *Qualitative research in psychology*, *11*(2), 189-210. doi:10.1080/14780887.2013.810796
- Ronkainen, N. J., Harrison, M., Shuman, A., & Ryba, T. V. (2017). “China, why not?”: serious 4 leisure and transmigrant runners’ stories from Beijing. *Leisure Studies*, *36*(3), 371-382. doi: 10.1080 / 02614367.2016.1141977
- Ronkainen, N. J., Khomutova, A., & Ryba, T. V. (2019). “If my family is okay, I’m okay”: Exploring relational processes of cultural transition. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, *17*, 493-508.
- Rooney Jr, J. F. (1969). Up from the mines and out from the prairies: Some geographical implications of football in the United States. *Geographical Review*, 471-492.
- Roychowdhury, D., Ronkainen, N., & Guinto, M. L. (2021). The transnational migration of mindfulness: A call for reflective pause in sport and exercise psychology. *Psychology of Sport and Exercise*, *56*, 101958. doi: 10.1016/j.psychsport.2021.101958
- Ryba, T. V., Schinke, R. J., & Stambulova, N. B. (2012). Cultural sport psychology: Special measurement considerations. *Measurement in sport and exercise psychology*, 143-152. doi: 10.5040/9781492596332.ch-014
- Ryba, T. V., Haapanen, S., Mosek, S., & Ng, K. (2012). Towards a conceptual understanding of acute cultural adaptation: A preliminary examination of ACA in female swimming. *Qualitative research in sport, exercise and health*, *4*(1), 80-97. doi: 10.1080/2159676X.2011.653498
- Ryba, T. V. (2013). Understanding a cultural transition in athletes’ transnational careers. In *Proceedings of the 28th Annual Conference of the Association for Applied Sport Psychology, New Orleans, LA* (p. 117).
- Ryba, T.V., & Stambulova, N.B. (2013). Turn to a culturally informed career research and assistance in sport psychology. In N. Stambulova & T.V. Ryba (Eds.), *Athletes’ careers across cultures* (pp. 1–16). London: Routledge.
- Ryba, T. V., Stambulova, N. B., Ronkainen, N. J., Bundgaard, J., & Selänne, H. (2015). Dual career pathways of transnational athletes. *Psychology of Sport and Exercise*, *21*, 125-134.
- Ryba, T. V., Stambulova, N. B., & Ronkainen, N. (2016). The work of cultural transition: An emerging model. *Frontiers in Psychology*, *7*, (427). doi:10.3389/fpsyg.2016.00427.
- Ryba, T. V., Schinke, R. J., Stambulova, N. B., & Elbe, A.-M. (2017). ISSP position stand: Transnationalism, mobility, and acculturation in and through sport. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, *16*(5), 520-534. doi: 10.1080/1612197X.2017.1280836

- Ryba, T. V., Elbe, A.M., & Darpatova-Hruzewicz, D. (2020). Development and first application of the athlete adaptation inventory: An exploratory study. *Performance Enhancement & Health*, 8(1), 100164.doi: 10.1016/j.peh.2020.100164
- Ryba, T. V., Stambulova, N., & Ronkainen, N. J. (2020). Carreira transnacional e transição cultural. Em D. Hackfort e R. J. Schinke (Eds.), *Routledge encyclopedia of sport and exercise psychology* (Vol. 2. pp. 671-681). Routledge.
- Samuel, R. D., Eldadi, O., Galily, Y., & Tenenbaum, G. (2021). Mobility and migration experiences of transnational coaches within the Israeli handball context. *Psychology of Sport and Exercise*, 53, 101853.doi: 10.1016/j.psychsport.2020.101853
- Schinke, R. J., Michel, G., Gauthier, A. P., Pickard, P., Danielson, R., Peltier, D., ... & Peltier, M. (2006). The adaptation to the mainstream in elite sport: A Canadian Aboriginal perspective. *The sport psychologist*, 20(4), 435-448.
- Schinke, R. J., Yukelson, D., Bartolacci, G., Battochio, R. C., Johnstone, K. (2011). The challenges encountered by immigrated elite athletes. *Journal of Sport Psychology in Action*, 2(1), 10-20. doi:10.1080/21520704.2011.556179
- Schinke, R. J., McGannon, K. R., Battochio, R. C., & Wells, G. D. (2013). Acculturation in elite sport: A thematic analysis of immigrant athletes and coaches. *Journal of sports sciences*, 31(15), 1676-1686.doi:10.1080/02640414.2013.794949
- Schinke, R. J., & McGannon, K. R. (2014). The acculturation experiences of (and with) immigrant athletes. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 12(1), 64-75.doi:10.1080/1612197X.2013.785093
- Schinke, R. J., McGannon, K. R., Yukelson, D., Cummings, J., & Parro, W. (2015). Helping with the acculturation of immigrant elite coaches in Canadian sport contexts. *Journal of Sport Psychology in Action*, 6(1), 17-27.doi: 10.1080/21520704.2014.981325
- Schinke, R. J., Stambulova, N. B., Trepanier, D., & Oghene, O. (2015). Psychological support for the Canadian Olympic Boxing Team in meta-transitions through the National Team Program. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 13(1), 74-89.
- Schinke, R. J., Stambulova, N. B., Lidor, R., Papaioannou, A., & Ryba, T. V. (2016). ISSP position stand: Social missions through sport and exercise psychology. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 14, 4-22.doi: 10.1080/1612197X.2014.999698
- Schinke, R. J., Blodgett, A. T., McGannon, K. R., & Ge, Y. (2016). Finding one's footing on foreign soil: A composite vignette of elite athlete acculturation. *Psychology of Sport and Exercise*, 25, 36-43.doi:10.1016/j.psychsport.2016.04.001

- Schinke, R. J., Blodgett, A. T., Ryba, T. V., & Middleton, T. R. (2019). Cultural sport psychology as a pathway to advances in identity and settlement research to practice. *Psychology of Sport and Exercise*, 42, 58-65.
- Schwartz, S. J., Unger, J. B., Zamboanga, B. L., & Szapocznik, J. (2010). Rethinking the concept of acculturation: implications for theory and research. *American Psychologist*, 65, 237-251. doi:10.1037/a0019330
- Scheuerman, W. (2010) Globalization. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2010 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Recuperado a partir de <http://plato.stanford.edu/archives/sum2010/entries/globalization>.
- Schlossberg, N. K. (1981). A model for analyzing human adaptation to transition. *The counseling psychologist*, 9(2), 2-18. doi:10.1177/001100008100900202
- Sebben, A. (2009). Ciências interculturais e a expatriação: novos modelos para o mercado brasileiro. *Expatriados. com: um desafio para os rhs interculturais*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 77-100.
- Shin, E.H. (2021). Gender, Transnational Migration, and Athletic Career Development: The Case of Korean Players on the LPGA of Japan Tour. *East Asia* 38, 181–205 <https://doi.org/10.1007/s12140-020-09356-5>
- Silva, D.V.D., Rigo, L.C., & Freitas, G.D.S. (2012). Considerações sobre a migração, a naturalização e a dupla cidadania de jogadores de futebol. *Journal of Physical Education*, 23(3), 457-468. doi: 10.4025/ reveducfis.v23i3.15381
- Smith, B., Bundon, A., & Best, M. (2016). Disability sport and activist identities: A qualitative study of narratives of activism among elite athletes with impairment. *Psychology of Sport and Exercise*, 26, 139-148. doi: 10.1016/j.psychsport.2016.07.003
- Soares, J. N. G. (2015). Do Agente de Jogadores ao Intermediário: A Problemática da Regulação Fifa (Doctoral dissertation, *Universidade de Lisboa (Portugal)*).
- Souza, J.F.F.D. (2015) Expatriação e repatriação de profissionais brasileiros: desafios pessoais, profissionais e familiares. Dissertação (Dissertação de mestrado). *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*). Recuperado a partir de <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/1124/1/Jose%20Felipe%20Ferreira%20de%20Souza.pdf>.
- Souza, V. H., Miranda, M. L. J., Correa, M. F., Junior, M. V. B., & Brandão, M. R. F. (2021). Expatriação de atletas e seus aspectos psicológicos: uma revisão sistemática de literatura. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 21(1), 119-134. doi:10.6018/cpd.434451
- Spohr, N. (2011) O processo de repatriação na visão de profissionais repatriados brasileiros. Dissertação (Dissertação de Mestrado, *Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas*). Recuperado a partir de <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/8193?show=full>

- Stambulova, N. B., & Ryba, T. V. (2013). Setting the bar: Towards cultural praxis of athletes' careers. In N. Stambulova & T. V. Ryba (Eds.) *Athletes' careers across cultures* (pp. 235-254). London: Routledge.
- Suutari, V., & Brewster, C. (2003). Repatriation: Empirical evidence from a longitudinal study of careers and expectations among Finnish expatriates. *The International Journal of Human Resource Management*, 14(7), 1132-1151. doi: 10.1080/0958519032000114200
- Teixeira, C. K., Araújo, K. B., Moreira, L., de Lima, T. A., Souza, T. S., & da Silva, G. A. F. (2020). O processo de repatriação e a sua contribuição na geração de conhecimento para as organizações. *Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)*, 4(1).
- Tertuliano, I. W. Processo de expatriação de voleibolistas: Concepções bioecológicas. 284p. Tese (Doutorado) 2016. *Universidade Estadual Paulista, Rio Claro*, 2016.
- Tertuliano, I. W., Machado, A. A., Deutsch, S., Montiel, J. M., & Bartholomeu, D. (2018). Motivos e intenções para expatriação de voleibolistas. *Revista de Administração Contemporânea*, 22, 531-551. doi:10.1590/1982-7849rac2018170032.
- Thorpe, H. (2014). *Transnational mobilities in action sport cultures*: Springer. doi:10.1057/9780230390744
- Valenzuela, U., & Paz, D. (2015) O fenômeno do choque cultural reverso um estudo indutivo com casos chilenos. Recuperado a partir de <https://pt.sainte-anastasia.org/articles/psicologa-social-y-relaciones-personales/la-migracin-de-retorno-y-el-choque-cultural-inverso.html>
- Vallejo, M. (2020) Pesquisa histórica: Timeline. In Oitavo Seminário Nomsds.usp de Pesquisas em Curso. (pp. 1-3). São Paulo. Recuperado a partir de http://www.nomads.usp.br/documentos/eventos/flash/flash08/Mario_resumo_flash_08.pdf
- Vance, C. M., & Paik, Y. (2015). *Managing a global workforce: Challenges and opportunities in international human resource management*: Routledge. doi: 10.4324/9781315702681
- Vargas, a. L. (2001). Desporto e tramas sociais. In Vargas, A. L. (Coord.). *Apresentação*. (pp. 4-9). Rio de Janeiro: Sprint.
- Vianna, N. P., & De Souza, Y. S. (2009). Uma análise sobre os processos de expatriação e repatriação em organizações brasileiras. *Base Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS*, 6(4), 340-353.
- Vizeu, F., & Schlumberger, C. S. T. F. (2020) Expatriação e Mobilidade Internacional: uma Abordagem Crítica. In XLIV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. Recuperado a partir de http://www.anpad.org.br/abrir_pdf.php?e=Mjg0Nzg=

- Ward, C., Kennedy, A. (1999). The measurement of sociocultural adaptation. *International journal of intercultural relations*, 23(Magnani Parra), 659-677. doi:10.1016/S0147-1767(99)00014-0
- Weedon, G. (2012). 'Glocal boys': Exploring experiences of acculturation amongst migrant youth footballers in Premier League academies. *International Review for the Sociology of Sport*, 47(2), 200-216.
- Wylleman, P., Alfermann, D., & Lavallee, D. (2004). Career transitions in sport. 5(1), 3-5. *Psychology of sport and exercise*, 5(1), 7-20.
- Wylleman, P., & Johnson, U. (2012). Sport psychology and the Olympic Games: An introduction in the special issue. *Psychology of Sport and Exercise*, 13, 658–659. doi:10.1016/j.psychsport.2012.04.004
- Yin, R. K.(1983). *The case study method: An annotated bibliography (1983-1984 ed.)*. Washington, DC: *Cosmos Corporation*
- _____. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. Bookman editora.
- Yoshio, T., & Horne, J. (2004). Japanese football players and the sport talent migration business. *Football goes East: Business, culture and the people's game in China, Japan and South Korea*, 69-86.
- Yukelson, D., & Carlson, M. (1996). Stress and its impact on intercollegiate student athletes. *Inaugural NCAA Champs Life Skills Manual*, 17-42.
- Zikic, J., Novicevic, M. M., Harvey, M., & Breland, J. (2006). Repatriate career exploration: a path to career growth and success. *Career Development International*, 11(7), 633-649.

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido assinado**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

TÍTULO DA PESQUISA: Expatriação de atletas de alto rendimento na perspectiva do Modelo Temporal de Transição Cultural: Um estudo de caso no basquetebol feminino

Eu, Helen Gustina Santos Luz, data de nascimento: 23/11/1972, documento de identidade tipo: RG n.º 18.714.413-8, endereço: RUA, Palermo 135

telefone: (19) 997669903, e-mail: helenluzs@hotmail.com.

abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntária da pesquisa, **Expatriação de atletas de alto rendimento na perspectiva do Modelo Temporal de Transição Cultural: Um estudo de caso no basquetebol feminino**, sob responsabilidade da pesquisadora Vania Hernandes de Souza e da orientadora Dr^a Maria Regina Ferreira Brandão, da Instituição de ensino Universidade São Judas Tadeu, Grupo de Estudos em Psicologia do Esporte – CNPq.

Assinando este Termo de Consentimento, estou ciente de que:

- Irei responder a uma entrevista, que terá em média a duração de 60 (sessenta) minutos, com a finalidade de saber como vivenciei o processo de migração atlética enquanto atleta de Basquetebol.
- Fui informada que as informações obtidas serão sigilosas e não serão utilizadas com outras finalidades que não a publicação na literatura científica especializada, resguardando-se a identificação do sujeito; também estou ciente de que devido ao número reduzido de sujeito delimitado para pesquisa, não será possível garantir o anonimato com absoluta certeza.
- As entrevistas serão gravadas com gravador e posteriormente transcritas verbatim. Após esse procedimento os dados serão apagados.
- Os procedimentos para este estudo apresentam riscos mínimos de constrangimento pelo teor das perguntas, mas caso eu não me sinta à vontade poderei interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa e retornar se tiver interesse. Estou ciente também que, em casos de maiores incômodos com minha participação no estudo, posso procurar atendimento psicológico gratuito na clínica de psicologia da Universidade São Judas Tadeu.

- Como benefício, através desse estudo, poderei ter informações sobre o processo de migração atlética para outro país e as implicações psicológicas decorrentes.
- Não haverá despesas pessoais para mim em qualquer fase do estudo. Também não haverá compensação financeira relacionada à minha participação. Toda e qualquer despesa será de responsabilidade das pesquisadoras.
- Em qualquer etapa do estudo, terei acesso às profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas, sendo elas: Prof.^a Ms. Vania Hernandes de Souza, que pode ser encontrada no telefone (15) 9811179047 ou no endereço Rua Taquari, 546 - Mooca - São Paulo/SP (Universidade São Judas Tadeu) e Prof.^a Dr.^a Maria Regina Ferreira Brandão.
- Poderei contatar o comitê de ética em pesquisa da Universidade São Judas Tadeu para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa através do telefone: (11) 2799-1946.
- Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos, riscos e benefícios, assim como as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.
- Acredito ter sido suficientemente informada a respeito das informações e concordo voluntariamente em participar deste estudo, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste serviço.

Este termo de consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e a outra com a pesquisadora. Ambas as vias têm todas as páginas rubricadas pela pesquisadora e por mim.



Assinatura da voluntária

(Somente para o responsável do projeto)

Data 08/10/2022

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo.



Assinatura da responsável pelo estudo

Data 08/10/2022

APÊNDICE B - Termo uso de imagem**AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, Helen Cristina Santos WZ, portador da Cédula de Identidade nº 18.714.413-8, inscrito no CPF sob nº 143.353.918-70 residente à Rua Palermo, nº 135, na cidade de Louveira, AUTORIZO o uso de minha imagem em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada na pesquisa denominada, **Expatriação de atletas de alto rendimento na perspectiva do Modelo Temporal de Transição Cultural: Um estudo de caso no basquetebol feminino**, sob responsabilidade da pesquisadora Vania Hernandez de Souza e da orientadora Maria Regina Ferreira Brandão, da Instituição de ensino Universidade São Judas Tadeu, Grupo de Estudos em Psicologia do Esporte – CNPq. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, de forma on-line e presencial, em destaque, das seguintes formas: (I) fotos nos trabalhos acadêmico e/ou educacionais; (II) apresentações em slides no contexto acadêmico e/ou educacional. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Louveira, 08 de Outubro de 2022.



Anexo 1: Termo de consentimento livre e esclarecido

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE
E ESCLARECIDO**

TÍTULO DA PESQUISA: Expatriação de atletas de alto rendimento na perspectiva do Modelo Temporal de Transição Cultural: Um estudo de caso no basquetebol feminino

<p>Eu, _____, data de nascimento: ____/____/_____, documento de identidade tipo: _____ n° _____, endereço: _____, telefone: _____ e-mail: _____, abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntária da pesquisa, Expatriação de atletas de alto rendimento na perspectiva do Modelo Temporal de Transição Cultural: Um estudo de caso no basquetebol feminino, sob responsabilidade da pesquisadora Vania Hernandez de Souza e da orientadora Maria Regina Ferreira Brandão, da Instituição de ensino Universidade São Judas Tadeu, Grupo de Estudos em Psicologia do Esporte – CNPq.</p>
--

Assinando este Termo de Consentimento, estou ciente de que:

- Irei responder a uma entrevista, que terá em média a duração de 60 (sessenta) minutos, com a finalidade de saber como vivenciei o processo de migração atlética enquanto atleta de Basquetebol.
- Fui informada que as informações obtidas serão sigilosas e não serão utilizadas com outras finalidades que não a publicação na literatura científica especializada, resguardando-se a identificação do sujeito; também estou ciente de que devido ao número reduzido de sujeito delimitado para pesquisa, não será possível garantir o anonimato com absoluta certeza.
- As entrevistas serão gravadas com gravador e posteriormente transcritas verbatim. Após esse procedimento os dados serão apagados.
- Os procedimentos para este estudo apresentam riscos mínimos de constrangimento pelo teor das perguntas, mas caso eu não me sinta à vontade

poderei interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa e retornar se tiver interesse. Estou ciente também que, em casos de maiores incômodos com minha participação no estudo, posso procurar atendimento psicológico gratuito na clínica de psicologia da Universidade São Judas Tadeu.

- Como benefício, através desse estudo, poderei ter informações sobre o processo de migração atlética para outro país e as implicações psicológicas decorrentes.
- Não haverá despesas pessoais para mim em qualquer fase do estudo. Também não haverá compensação financeira relacionada à minha participação. Toda e qualquer despesa será de responsabilidade das pesquisadoras.
- Em qualquer etapa do estudo, terei acesso às profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas, sendo elas: Prof.^a Ms. Vania Hernandez de Souza, que pode ser encontrada no telefone (15) 9811179047 ou no endereço Rua Taquari, 546 - Mooca – São Paulo/SP (Universidade São Judas Tadeu) e Prof.^a Dr.^a Maria Regina Ferreira Brandão.
- Poderei contatar o comitê de ética em pesquisa da Universidade São Judas Tadeu para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa através do telefone: (11) 2799-1946.
- Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos, riscos e benefícios, assim como as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.
- Acredito ter sido suficientemente informada a respeito das informações e concordo voluntariamente em participar deste estudo, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste serviço.

Este termo de consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e a outra com a pesquisadora. Ambas as vias têm todas as páginas rubricadas pela pesquisadora e por mim.

Assinatura da voluntária

(Somente para o responsável do projeto)

Data ____/____/____

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo.

Assinatura da responsável pelo estudo

Data ____/ ____/ _____

Anexo 2: Autorização do uso de imagem**AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, _____, portador da Cédula de Identidade nº _____, inscrito no CPF sob nº _____, residente à Rua _____, nº _____, na cidade de _____, AUTORIZO o uso de minha imagem em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada na pesquisa denominada, **Expatriação de atletas de alto rendimento na perspectiva do Modelo Temporal de Transição Cultural: Um estudo de caso no basquetebol feminino**, sob responsabilidade da pesquisadora Vania Hernandez de Souza e da orientadora Maria Regina Ferreira Brandão, da Instituição de ensino Universidade São Judas Tadeu, Grupo de Estudos em Psicologia do Esporte – CNPq. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, de forma on-line e presencial, em destaque, das seguintes formas: (I) fotos nos trabalhos acadêmico e/ou educacionais; (II) apresentações em slides no contexto acadêmico e/ou educacional; (III) publicação na literatura científica especializada. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Louveira, ____ de _____ de 2023.

Helen Cristina Santos Luz

Anexo 3: Dados biográficos da atleta**DADOS BIOGRÁFICOS DA ATLETA**

1. Nome: _____

2. Idade: _____

3. Natural de: _____

4. Cidade em que reside _____

Anexo 4: Roteiro de entrevista com a atleta**ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A ATLETA****I - Motivação para a migração atlética internacional**

1. Há quanto tempo atua ou atuou como atleta de basquetebol?
2. Como ocorreu o início da sua carreira?
3. O que a motivou migrar internacionalmente para jogar em uma equipe do exterior?
4. Como surgiu a oportunidade de jogar em uma equipe do exterior?
5. Fazia parte dos seus objetivos profissionais jogar em uma equipe do exterior?
6. Com qual idade e em que ano se deu a sua primeira migração internacional para jogar em uma equipe do exterior?
7. Por quantos processos de migração internacional para jogar em equipes do exterior você passou?

II - Fase de pré-transição

1. Considerando cada migração internacional, quanto tempo levou (dias, semanas, meses ou anos) o processo de transferência, desde a decisão de migrar internacionalmente até o deslocamento ao país anfitrião.
2. Você tinha acesso a ferramentas para buscar informações sobre o país o qual migraria e a nova equipe? Se sim, qual (ais)?
3. Você considerou ou se preocupou em buscar informações sobre o país e a equipe? Se sim, quais informações considerou relevantes?
4. De maneira geral, você tinha algum tipo de expectativa quanto a jogar em equipes do exterior?
5. Durante a fase preparatória para as migrações internacionais houve alguma ocorrência positiva ou negativa a qual você gostaria de mencionar?

III - Fase de adaptação cultural aguda a nova cultura e ao contexto de prática esportiva

1. Descreva como ocorreu a sua recepção nos países que você migrou.

2. Você falava o idioma dos países os quais migrou? Se não, como ocorreu a comunicação?
3. Em relação a cultura dos países os quais migrou, teve algo que chamou a sua atenção? Se sim, o que e qual a sua percepção em relação a isto?
4. Como você foi recepcionada nas equipes que jogou? Atendeu as suas expectativas?
5. Qual foi a sua percepção em relação a rotina de treinos e calendário jogos e o envolvimento nas práticas esportivas da comissão técnica e atletas nas equipes que você jogou?
6. Como ocorreu o processo de adaptação as equipes?
7. Ao longo da sua permanência nos países/equipes, você passou por problemas pessoais ou emocionais? Se sim, recebeu ou procurou apoio? De quem?
8. De forma geral, como você descreveria os sentimentos vivenciados no início do seu processo de adaptação as novas culturas e as equipes e como lidou com eles?
9. Como ocorreu o seu processo de assimilação a cultura e as equipes?
10. Pessoalmente, você fez uso de alguma estratégia ou recurso para auxiliar o processo de assimilação?
11. De alguma forma, a cultura esportiva impactou na sua adaptação ao país?
12. Após a sua experiência migratória para atuar em uma equipe do exterior, quais fatores foram relevantes e considerados para que você voltasse a migrar internacionalmente?

IV - Fase de adaptação sociocultural

1. Quanto tempo você demorou para assimilar e se sentir totalmente adaptada à nova cultura e a equipe?
2. Ao longo do processo de permanência no país e, conseqüentemente, a equipe, como você descreveria os seus sentimentos em relação a esse processo?
3. Você criou vínculos de amizade com pessoas da comunidade local e/ ou equipe?
4. Realizava algum tipo de atividade social? Se sim, qual?
5. Como você descreveria os seus sentimentos após passar pelo processo de adaptação à nova cultura e ao novo clube.

6. Após passar por todo esse processo, existiu algum acontecimento que você gostaria de destacar como positivo e/ou negativo, que foram relevantes e influenciam no processo de adaptação?

V - Repatriação

1. Ao retornar ao seu país de origem, descreva, de forma geral, qual a sua percepção em relação a mudança de cultura e equipe.
2. Você poderia descrever se houve alguma circunstância no seu retorno que impactou a sua readaptação? Se sim, qual foi essa circunstância?